

ISBN: 978-85-54118-06-8

Juciele Marta Baldissarelli
Adelcio Machado dos Santos

As contribuições da

RÁDIO CAÇANJURÊ

para o desenvolvimento social e cultural
do município de Caçador



As contribuições da

RÁDIO CAÇANJURÊ

para o desenvolvimento social e cultural
do município de Caçador

ISBN: 978-85-54118-06-8

Catálogo Fonte, pela biblioteca da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe –
UNIARP – Caçador – SC.

B177c

Baldissarelli, Juciele Marta

As contribuições da Rádio Caçanjurê para o desenvolvimento social e cultural do município de Caçador/SC [livro eletrônico] / Juciele Marta Baldissarelli; Adelcio Machado dos Santos. Caçador, SC. EdUNIARP, 2018.

140 p.

5 kb; PDF

ISBN: 978-85-54118-06-8

1. Desenvolvimento. 2. Comunicação. 3. Rádio. 4. Rádio-Caçanjurê- Caçador. I. Santos, Adelcio Machado dos. I. TÍTULO.

CDD: 070

SOBRE OS AUTORES

JUCIELE MARTA BALDISSARELLI

Mestre em Desenvolvimento e Sociedade. Especialista em Comunicação, Informação e Cultura pela Universidade do Contestado (2006). Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Contestado (2006). Desde 2012 é professora na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP) em Caçador em Santa Catarina. Desempenha na UNIARP as funções de coordenadora da Agência de Comunicação (Agecom), é integrante do Grupo de Trabalho de Marketing e Divulgação institucional, integrante do colegiado do curso de jornalismo, integrante do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Desde 2016 é consultora jornalística no Jornal Extra de Caçador em Santa Catarina. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Rádio (desde 2002), Jornalismo, Comunicação Social, Informação, Globalização, Marketing, Política, Assessoria de Imprensa e Internet.

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC). Mestre em Relações Internacionais. Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicopedagogia Institucional; Gestão Educacional; Supervisão, Orientação e Administração Escolar; Direito Civil; Direito e Negócios Internacionais; e Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso. Bacharel em Administração, Ciência Política, Direito, Filosofia, Jornalismo e Turismo. Licenciado em História, Filosofia e Letras. Tecnólogo em Gestão Financeira, Produção Publicitária e Comunicação Institucional. Advogado, Administrador, Cientista Político, Jornalista, Filósofo, Publicitário, Linguista e Turismólogo.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a cada uma das pessoas entrevistadas, que abriram as portas das suas casas ou empresas, para compartilhar o que lembram e o que pensam sobre essa fantástica emissora de rádio chamada Caçanjurê. Igualmente, sem a colaboração de todos os atuais colaboradores da Rádio Caçanjurê, essa pesquisa não apresentaria resultado tão significativo. Deixamos registrado o reconhecimento a aqueles que ajudaram e colaboraram para que a Rádio Caçanjurê chegasse aos 70 anos mais forte, importante e significativa como nunca.

Externamos os agradecimentos à Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP) e ao Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade, que é mantido pela Universidade. Aos queridos professores e professoras que compartilharam seus conhecimentos, carregamos no coração por cada um muita gratidão e admiração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	16
1.1 COMUNICAÇÃO E CULTURA DE MASSA	23
1.2 O RÁDIO, UM MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	27
1.3 BREVE HISTÓRICO DA RADIODIFUSÃO.....	29
2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS SOBRE A OCUPAÇÃO DE CAÇADOR.....	32
2.1 A INSTALAÇÃO DE FRANCISCO CORRÊA DE MELLO EM CAÇADOR	36
2.2 O MARCO HISTÓRICO DA GUERRA DO CONTESTADO	41
2.3 O PROCESSO DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA EM CAÇADOR.....	45
2.4 PRINCÍPIO DO DESENVOLVIMENTO DE CAÇADOR.....	48
2.4.1 Datas e fatos que marcaram o período.....	53
2.4.1.1 Década de 1920 é marcada pela colonização	53
2.4.1.2 Década de 1930 é marcada pela emancipação	54
2.4.1.3 Década de 1940 - obtido o título de Capital Brasileira da Madeira	55
2.4.1.4 Década de 50 marcada pelo progresso.....	56
2.4.1.5 Década de 60 a 80 - A crise na madeira e a reinvenção da economia	57
3 RESGATE HISTÓRICO PELA PERCEPÇÃO DE TESTEMUNHAS	60
3.1 A RADIODIFUSÃO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO.....	60
3.2 RÁDIO CAÇANJURÊ: A 13ª EMISSORA MAIS ANTIGA DE SANTA CATARINA	63
3.3 DE UM ALTO FALANTE, NASCE A CAÇANJURÊ	66
3.4 A RÁDIO CAÇANJURÊ DE POSSE DA IGREJA CATÓLICA	70
3.5 A SOCIEDADE DE ELIAS COLPINI E RAUL TOMAZONI	75
3.6 RBV RÁDIOS, ATUAL GESTORA DA EMISSORA	78
3.7 A CAÇANJURÊ DE UM FUTURO QUE JÁ CHEGOU	81
4 A RÁDIO CAÇANJURÊ COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO	86
4.1 AS CONTRIBUIÇÕES DA RÁDIO CAÇANJURÊ PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO MUNICÍPIO DE CAÇADOR	86
4.1.1 A atuação social da emissora descrita pelos entrevistados	93
4.1.2 Atuação informativa e social na construção do Hospital Jonas Ramos e na enchente de 1983.....	99
4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA RÁDIO CAÇANJURÊ PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE CAÇADOR	105
4.2.1 Os programas de auditório da Caçanjurê	107
4.2.2 O apoio à cultura mantido pela emissora.....	113
4.2.3 A Caçanjurê pelas percepções de alguns dos colaboradores da Rádio	118
4.2.4 A programação em vigor e os atuais labores da Caçanjurê.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS.....	131

INTRODUÇÃO

Uma comunicação eficiente é o fator mais importante nas relações entre os indivíduos. O relacionamento entre as pessoas só é possível por intermédio da comunicação. Todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da comunicação, e ela conduz as ações das pessoas. Desde o princípio da humanidade, é reconhecida como um instrumento de integração, instrução, troca mútua e desenvolvimento nas sociedades. A comunicação acontece com diversas intenções, como, por exemplo, entreter, informar, persuadir, entre outros objetivos.

A palavra comunicação deriva do latim *comunicare* e, de acordo com Ferreira (2004), comunicar refere-se a associar, estabelecer comunicação entre; ligar, unir, compartilhar, tornar comum. Bateman e Snell (1993, p. 402) definem comunicação como “a transmissão de informação e significado de uma parte para outra através da utilização de símbolos partilhados”. A raiz etimológica da palavra comunicação é o termo latino *communicatione*, que, por sua vez, deriva da palavra *commune*, ou seja, comum. *Communicatione* significa, em latim, participar, pôr em comum ou ação comum (SOUSA, 2006).

A comunicação pode ser ainda entendida como a transmissão de estímulos e respostas provocadas por um sistema compartilhado, ou seja, é todo processo de transmissão e de troca de mensagens entre seres humanos. Para se estabelecer comunicação entre o receptor e o emissor, deve ocorrer um conjunto de elementos construídos na sintaxe da comunicação: um emissor que produz e emite uma determinada mensagem, e pelo receptor que decodifica e assimila a mensagem (MURARO, 2013).

Para a comunicação ser eficiente, devem ser observados alguns pré-requisitos. A estrutura comunicacional possui quatro características essenciais, sendo emissor, que é quem está ligado à organização e é quem inicia a mensagem; meio ou canal de transmissão, que está ligado às ferramentas de comunicação, é o meio por meio do qual é transmitida a mensagem; receptor, que é o público a quem a mensagem é dirigida; e as respostas ou feedback, que são os resultados obtidos com a comunicação (NASSAR; FIGUEIREDO, 2005).

Por ser amplo o conceito de comunicação, é difícil delimitá-lo e, por consequência, definir seu significado. O ser humano sempre comunica algo, mesmo quando não existe essa intenção. A comunicação pode ou não ser pretendida, mas

ao homem é impossível não se comunicar, como também, para o homem, o mundo é cheio de significados e só é inteligível e compreensível porque lhe são atribuídos significados e interpretações (SOUSA, 2006).

Desta forma, a comunicação é imprescindível para a sobrevivência humana, para o relacionamento entre as pessoas, para com a relação com a cultura e com a comunidade em que estão inseridas. Nesse sentido, é importante compreender que sempre que ocorrer comunicação entre os indivíduos, mesmo que involuntária, haverá a troca de uma mensagem e essa, por sua vez, comporta uma informação. No entanto, nem sempre essa informação será compreendida, mas de fato ela será feita. “Isto é, a informação depende da comunicação. Não há informação sem comunicação” (SOUSA, 2006, p. 24).

Assim, alguns pesquisadores defendem que a comunicação possui condições de proporcionar informações à sociedade, que podem colaborar com uma mudança, positiva ou não, pela qual passam. A comunicação, por meio dos seus variados processos, que incluem canais de expressão e o intercâmbio de informação e de saberes, bem como os mecanismos de relacionamento entre pessoas, públicos e instituições, desempenha papel central na construção da cidadania (PERUZZO, 2007).

Subentende-se que todos os seres humanos deveriam ter acesso igualitário a todo tipo de serviço, incluindo o acesso à informação, que é produzida também nos meios de comunicação. Para Peruzzo (2007), “cidadania é desenvolvimento social com igualdade”, no entanto, nem sempre esse acesso igualitário é verificado e concedido a todas as pessoas. Quando abordamos questões relacionadas ao desenvolvimento de uma sociedade, por diversas vezes esse desenvolvimento é confundido apenas com o econômico. No entanto, é necessário ressaltar que uma sociedade desenvolvida não está unicamente atrelada a questões financeiras, mas também a sua cultura e ao social, essa seria uma justificativa para a existência do desenvolvimento.

Desta forma, deve-se valorizar a definição autônoma de estilos de desenvolvimento e vida, que estimulem a criatividade e conduzam à melhor utilização dos fatores de produção, diminuam a vulnerabilidade e a dependência, de tal modo que as sociedades contem mais com suas próprias forças de resistência, confiem em si próprias e tenham meios para serem dignas (CARDOSO, 1980). Assim, “o desenvolvimento assume um viés não apenas econômico ou de aumento

de renda, mas integral e sustentado em condições que lhe permitem ser duradouro e igualitário” (PERUZZO, 2007).

As emissoras de rádio, que fazem parte dos meios de comunicação, proporcionam às pessoas o acesso ao conhecimento por intermédio de informações transmitidas em suas notícias e programas jornalísticos e de entretenimento. Para Alves (2008), as emissoras de rádio são veículos capazes de atingir todos os segmentos sociais, tendo em vista os diversos tipos de linguagem que adotam.

Desse modo, além de transmitir conhecimento, informação, entretenimento, opinião, publicidade e propaganda, o rádio é uma mídia que possui força e poder, capaz de atuar na formação da opinião pública, produzindo conhecimento e assim colaborar com o desenvolvimento de uma região. Por ter a capacidade de atingir grande quantidade de pessoas, esta mídia é considerada um patrimônio social fundamental para que o direito da comunicação seja exercido (MURARO, 2013). O mesmo autor explica que o direito da comunicação sempre foi o alicerce de todas as liberdades conquistadas pela humanidade por meio dos tempos. Direito de opinião, de expressão e de informação são direitos específicos, ao mesmo tempo, interligados, que contribuem tanto para o desenvolvimento das pessoas como para o conjunto das sociedades que almejam a construção de um Estado democrático.

Ao se tornarem cada vez mais informadas, as pessoas possuem subsídios intelectuais para serem conhecedoras e usufruírem de seus direitos e deveres. Entende-se que uma sociedade com indivíduos mais conscientes tem condições de se emancipar, não apenas no âmbito financeiro, mas também social e cultural. Destarte, essa função de noticiar e informar que os meios de comunicação possuem é importante, pois compreende-se que um cidadão começa a melhorar a condição de vida quando há um maior conhecimento das garantias individuais e coletivas.

Nas últimas sete décadas, a Rádio Caçanjurê fomentou discussões e fez parte dos principais eventos históricos do município de Caçador. Além disso, por aproximadamente 42 anos, foi a única emissora existente no município. Assim, esta dissertação realiza uma investigação sobre o capital midiático da Rádio Caçanjurê, uma emissora pioneira no ramo de radiocomunicação, instalada no município de Caçador, no estado de Santa Catarina. Nesse sentido, a presente pesquisa destina-se a investigar o papel do meio de comunicação rádio como ferramenta que auxilia no desenvolvimento social e cultural de uma comunidade. Parte-se do pressuposto

de que é possível mudar positiva ou negativamente determinada comunidade ao se utilizar da comunicação como ferramenta potencial para o desenvolvimento.

Neste estudo, dada a popularidade do rádio como meio de comunicação, delineou-se como objetivo geral: investigar as contribuições fornecidas pela Rádio Caçanjurê para o desenvolvimento social e cultural do município de Caçador e compreender até que ponto a radiodifusão pode ser considerada fator de desenvolvimento local. Antes de mais nada, a intenção central da pesquisa é compreender qual é a influência da emissora de rádio e de que forma ela contribuiu ou pode contribuir para as discussões e formação da opinião pública, colaborando na geração do desenvolvimento regional.

Nesta perspectiva, tomou-se como referência a experiência da Rádio Caçanjurê, realizando o resgate histórico de acordo com as lembranças, vivências e depoimentos de pessoas que de alguma forma tiveram sua vida relacionada com a trajetória da emissora. Posteriormente, o trabalho de pesquisa desenvolveu-se a partir de uma investigação, com as mesmas fontes, no sentido de identificar a importância desse veículo de comunicação como agente transformador da realidade social e cultural.

Já como objetivos específicos destacam-se:

- a) Compreender de que maneira o rádio ocupa o seu papel social e cultural como um meio de comunicação que exerce papel indutor do desenvolvimento;
- b) Contextualizar como era o município de Caçador da época de implantação e do início do rádio local;
- c) Realizar uma construção/reconstrução da história/memória da radiodifusão caçadoreense e da Rádio Caçanjurê no município de Caçador/SC;
- d) Investigar o papel da Rádio Caçanjurê na presença e interferência do cotidiano da população, bem como sua participação nas mudanças sociais e culturais, no município de Caçador/SC.

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia, que é realizada anualmente pelo Ibope a pedido da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), auxiliam a compreender o rádio como meio de comunicação no cenário nacional. A última pesquisa foi realizada entre 23 de março e 11 de abril de 2016 e ouviu 15.050 pessoas com mais de 16 anos de todo o país. O objetivo do estudo foi o de conhecer os hábitos de consumo de mídia da população brasileira para a

elaboração de comunicação e divulgação do governo federal. Essa foi a terceira edição da Pesquisa Brasileira de Mídia, que começou a ser realizada em 2013.

As pesquisas referentes aos anos de 2014, 2015 e 2016 mostram que o rádio vem perdendo espaço especialmente para a internet, porém continua desempenhando papel importante para informar a população. Em 2015, o rádio era o segundo meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros, com 55% de audiência, perdendo apenas para a televisão. Cerca de 95% dos entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 73% tinham o hábito de assistir diariamente. Ainda a pesquisa de 2015 apontou que praticamente a metade dos brasileiros, 48%, usava internet.

Ainda em um comparativo com essa pesquisa do ano de 2014 em relação a de 2015, percebe-se que o uso do rádio caiu na comparação com a pesquisa realizada em 2014, de 61% para 55%, mas mesmo assim o rádio continua entre os meios de comunicação preferidos dos brasileiros. Em comparação ao ano de 2015, aumentou a quantidade de entrevistados que dizem ouvir rádio todos os dias, saltou de 21% em 2014 para 30% em 2015. De cada 100 pessoas entrevistadas, 80 disseram ainda ouvir rádio pelo aparelho tradicional (80%) (ABERT, 2015).

Já em relação à Pesquisa Brasileira de Mídia do ano de 2016, verifica-se que a rede mundial de computadores se cristaliza como segunda opção dos brasileiros na busca de informação, atrás somente da televisão. Quase a metade dos brasileiros (49%) declararam usar a web para obter notícias (primeira e segunda menções), percentual abaixo da TV (89%), mas bem acima do rádio (30%), dos jornais (12%) e das revistas (1%).

É inevitável perceber que o rádio nos últimos anos vem perdendo audiência, no entanto, em regiões mais longínquas e distantes de grandes cidades, o rádio ainda possui prestígio. Além disso, tendo em vista a importância que o rádio ainda desempenha e desempenhou na vida dos brasileiros, é imprescindível destacar que a trajetória da Rádio Caçanjurê junto à comunidade de Caçador justifica a necessidade de uma pesquisa. O município de Caçador completou, no ano de 2017, 83 anos de emancipação político-administrativa. Já a sua primeira emissora de rádio, que é a Rádio Caçanjurê, completou 69 anos em 2017. Ela foi fundada por Lucas Volpi e Osni Schwartz em 1947. No entanto, nos registros históricos, consta como data de fundação 29 de junho de 1948, então com quatro sócios: Lucas Volpi, Osni Schwartz, José Rossi Adami e Manoel Müller (HISTÓRICO, 2016).

Semelhante ao que acontece com muitos registros históricos, os caminhos percorridos pela emissora até a atualidade não foram apontados em nenhum tipo de pesquisa. Não foi desenvolvido, até o momento, nenhum estudo com o objetivo de resgatar e registrar a trajetória histórica da Rádio Caçanjurê. Inclusive muitas das testemunhas chave de todo o processo, como ex-proprietários e funcionários, já faleceram. Sendo assim, este estudo tem também o intuito de colaborar para que a história da emissora não seja esquecida com o passar dos anos.

Além de ser o meio de comunicação em atividade mais antigo de Caçador, a Rádio Caçanjurê foi e continua sendo uma testemunha do crescimento e desenvolvimento do município. Certamente, ao longo da história, a Rádio informou acerca dos principais fatos que aconteceram no município, sendo, desta maneira, uma testemunha da história local. Neste contexto, esta pesquisa destina-se a responder ao seguinte questionamento: Quais foram as contribuições da Rádio Caçanjurê para o desenvolvimento social e cultural do município de Caçador?

Este estudo caracteriza-se como um estudo de caso único da Rádio Caçanjurê. Desta forma, optou-se pelo levantamento qualitativo em busca de dados e acontecimentos que possam auxiliar no relato histórico e de demonstrar o papel que a emissora exerceu ou exerce no município de Caçador.

Para a realização da pesquisa, surgiram alguns imprevistos logo no início do trabalho. Ao aproximar-se de sete décadas de existência da rádio, grande parte das testemunhas, como, por exemplo, os primeiros proprietários e funcionários, e até mesmo os primeiros ouvintes já faleceram. Desta forma, deparou-se com um problema para realizar o resgate histórico e, conseqüentemente avaliativo, com as primeiras testemunhas de todo o processo.

Por outro lado, se o levantamento das primeiras fontes a serem entrevistadas foi um processo dificultoso, a atual direção da Rádio Caçanjurê, por entender a importância e relevância do tema, não mediu esforços para colaborar com a realização da pesquisa, com o fornecimento de informações. Porém, como a emissora passou pela propriedade de diferentes pessoas, muitas dessas informações também se perderam nesse processo.

Assim, antes de chegar à seleção final das pessoas a serem entrevistadas, a pesquisa adotou, na escolha do universo a ser pesquisado, o seguinte critério: iniciar a coleta de informações e dados (entrevistas) com o proprietário da emissora mais antigo que se encontra vivo. Desta forma, iniciamos a busca pelos dados com o

aposentado Elias Colpini, atualmente com 77 anos, que foi um dos sócios da Rádio Caçanjurê entre os anos de 1969 e 1989.

Para a condução das entrevistas, foi utilizada a técnica metodológica *snowball*, conhecida como “Bola de Neve”. Esta técnica metodológica ficou conhecida no Brasil como “amostragem em Bola de Neve”, ou “Bola de Neve” ou, ainda, como “cadeia de informantes” (PENROD, 2003; GOODMAN, 1961 apud ALBUQUERQUE, 2009). Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

O chamado “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa, dando, desta forma, por encerrada a busca por novos dados ou informações (WHA, 1994). Portanto, a *snowball*, ou “Bola de Neve”, é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Assim, especialmente no que tange ao levantamento histórico, isso foi possível graças a contatos pessoais e explicações detalhadas sobre a pesquisa, acompanhadas de carta de apresentação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), que permitiram a aproximação da pesquisadora aos entrevistados, endossando a realização do estudo. Duarte (2011) explica que em circunstâncias em que há escassez de documentos referentes à trajetória de uma empresa, entidade ou órgão, pode-se recorrer à memória dos entrevistados para se reconstruir fatos e casos, bem como evidenciar a presença, como, neste caso, da emissora Caçanjurê.

Entendemos também que trabalhar com a memória exige muita paciência, persistência e tentativas de reconstrução de algumas questões, pois a memória, além de muitas vezes falhar, tem o lapso temporal como seu maior “inimigo”. Procuramos buscar o que os entrevistados ainda guardam na memória e o que ouviram e o que produziram (no caso de funcionários ou gerentes) e como funcionava a emissora em “seu tempo” (DUARTE, 2011, p. 21).

No quesito da realização de entrevistas com as pessoas consideradas chave no processo histórico, Duarte e Barros (2006, p. 62) afirmam que a entrevista “tornou-se técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com

larga adoção em áreas como sociologia, comunicação”. Ainda abordando as vantagens da entrevista, Duarte e Barros (2006, p. 62) acrescentam que:

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Conforme os autores Duarte e Barros, a entrevista em profundidade é “uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido (2006, p. 64). Quanto ao processo metodológico utilizado para contextualizar os objetivos, realizar o resgate histórico e averiguar a importância e influência da rádio na comunidade local, foi elaborado um protocolo de pesquisa semiestruturado. O mesmo foi utilizado como base nas entrevistas com os ouvintes da emissora. Ao total, foram entrevistadas 25 pessoas.

As perguntas foram formuladas de modo a captar o perfil dos ouvintes da rádio e verificar a influência que a Caçanjurê desempenhou durante os seus 69 anos de existência. Esse processo teve como intenção entender e analisar a importância que a emissora desempenha, por intermédio da sua programação e seus locutores, no dia a dia da população. Ou seja, se de fato a Rádio Caçanjurê possuía ou possui participação no desenvolvimento social e cultural do município de Caçador.

Também se utilizou um protocolo de pesquisa semiestruturado, que foi aplicado em forma de entrevistas aos funcionários existentes com mais tempo de trabalho na Rádio Caçanjurê. O mesmo modelo foi utilizado também durante entrevista com as pessoas que atualmente ocupam os cargos de gerência e proprietários. Este, por sua vez, apresentou os objetivos de compreender de que maneira a rádio, ao longo de sua história, e ainda atualmente, procura desempenhar o papel de repassar informações, entreter e formar opinião de seus ouvintes.

Assim, com a aplicação desses dois protocolos de pesquisa semiestruturado em forma de entrevistas, buscou-se efetivar a reconstrução histórica e recuperar a experiência dos entrevistados relativa ao tema proposto, provocando-os e tentando motivá-los para que relembassem, sem interferência externa, do maior conteúdo possível no que diz respeito à participação de cada um no tema, mas sempre sem esquecer a recomendação de Portelli (apud MATTA, 2005, p. 281) de que “o

conteúdo da fonte oral depende em sua maior parte do que o entrevistador coloca em termos de perguntas, estímulos, diálogos”.

Para atender ao proposto, este apresenta-se em quatro capítulos. Inicia-se pela Introdução, a qual é realizada uma explanação, delimitação do assunto e apontado o problema, justificativa objetivos e metodologia da pesquisa. Em seguida, no Capítulo I, foi realizada revisão da literatura, a qual tem importância fundamental para a compreensão do problema desta pesquisa. Comprovou-se, teoricamente, a relação entre a comunicação e o desenvolvimento. No primeiro capítulo, estudaram-se conceitos básicos relacionados ao desenvolvimento, como o que se entende por isso e de que maneira acontece. Também se salienta a discussão do desenvolvimento em sentido amplo, envolvendo o econômico, social, cultural. A relação da comunicação com o desenvolvimento é discutida especialmente tendo como referência o livro “Comunicação de massa e desenvolvimento”, do escritor Wilbur Schramm (1970). Também é realizada uma breve abordagem histórica do rádio no Brasil.

No Capítulo II, realizou-se a contextualização histórica do município de Caçador. Atendo-se aos principais fatos históricos que contribuíram para que o município viesse a demonstrar o interesse de instalar uma emissora de rádio. Alguns fatos como a Guerra do Contestado e a colonização promovida na região são considerados essenciais e grandes responsáveis no desenvolvimento do município. Para isso, nos utilizamos das obras escritas pelo jornalista e historiador Nilson Thomé, o qual é um dos pesquisadores que mais se dedicou à pesquisa da colonização de Caçador e das causas e consequências da Guerra do Contestado na região.

Ainda nesse mesmo Capítulo II, é impreterível salientar que é ampla a produção historiográfica existente sobre o processo de formação do estado de Santa Catarina, no qual Caçador está incluído. Entre elas, utilizamos em especial, como base de consulta, a pesquisa de Alcides Goulart Filho, no livro “Formação Econômica de Santa Catarina” (2016).

No Capítulo III, discorre-se sobre a história da radiodifusão no município de Caçador, relacionada à história da Rádio Caçanjurê, não só no sentido histórico, mas sim discutindo-a nessa relação com o desenvolvimento, como, por exemplo, o que o rádio significava para a sociedade que almejava ter uma emissora. Para isso, nos baseamos em livros. Segundo Duarte e Barros (2006, p. 51):

É um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Existem três obras que trazem superficialmente informações acerca de fatos relacionados à história da emissora. São eles: A tese de doutorado do pesquisador Leandro Ramires Comassetto, a qual foi transformada em livro em 2007 e está publicada com o título: “A voz da aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global”. Na obra, o autor apresenta os resultados de um estudo de caso do rádio no oeste catarinense, região que mantém relação histórica com esse meio de comunicação. A investigação, centrada no jornalismo e na análise do conteúdo veiculado pelas emissoras, procurou perceber até que ponto o rádio é um veículo verdadeiramente local, voltado às necessidades de sua audiência.

Outra obra utilizada como referência na pesquisa, especialmente em seu Capítulo III, é o livro “Memória da Radiodifusão Catarinense”, que conta parte da história das emissoras de rádio e televisão integrantes da Associação Catarinense de Rádio e Televisão (ACAERT). A obra foi lançada em 2006 e foi escrita pelo publicitário e radialista Antunes Severo e pelo jornalista Marco Aurélio Gomes. Já a terceira obra que também retrata de forma superficial algumas informações sobre a história da Rádio Caçanjurê é o livro “A História do Rádio em Santa Catarina”, de autoria de Ricardo Medeiros (1999), na qual ele aborda questões como as primeiras emissoras criadas no Estado, sendo que a Rádio Caçanjurê é uma delas.

Além dessas três referências bibliográficas citadas, algumas informações superficiais e de maneira resumida foram encontradas no endereço eletrônico da Rádio Caçanjurê na internet, disponível no endereço www.radiocacanjure.com.br, no espaço que recebe o nome de “histórico”.

Pondera-se que a pesquisa desenvolvida neste trabalho pode ser considerada uma referência aproximada da realidade da trajetória da emissora, pois contém dados e elementos relatados por muitos dos indivíduos que auxiliaram na sua construção. Demonstra-se, assim, a relevância dessa iniciativa de radiodifusão pioneira para o desenvolvimento cultural e social do município. Quando se faz a referência a dados aproximados, quer dizer que fomos fiéis aos relatos históricos obtidos ao longo do desenvolvimento do estudo.

Assim, esses relatos obtidos no levantamento histórico, dos quais se apropria esta pesquisa para registrar a trajetória da Rádio Caçanjurê, são importantes e necessários, pois somente as pessoas que viveram em tal período podem efetivamente lembrar e contar as situações que foram vividas. Há de se lembrar que o rádio, por muitos anos, foi um elo entre comunidades que muitas vezes estiveram quase isoladas e o mundo. Neste sentido, no terceiro capítulo, busca-se fazer a reconstrução da emissora a partir da memória de sujeitos, personagens ou ouvintes, levando em conta suas potencialidades e seus limites em relação ao tema.

Por fim, no Capítulo IV continua-se a apresentação dos resultados da pesquisa, obtidos por intermédio de entrevistas, além de se realizar as conclusões e recomendações que este estudo proporciona. Traça-se a correlação e discussão dos dados levantados com a proposta da pesquisa, que é investigar as contribuições da Rádio Caçanjurê para o desenvolvimento social e cultural do município de Caçador. Para isso, analisou-se o processo de radiodifusão voltada para a comunidade, pois é desejável que a radiodifusão local seja um veículo de dinamização do desenvolvimento do meio em que está inserido e a que se dirige.

Especialmente por intermédio de registros em sites de notícias, relatos e depoimentos de fontes entrevistadas, buscou-se confrontar se o que foi e ainda continua sendo realizado em termos de programação da emissora contribuiu de alguma maneira em prol da sociedade local. Essa circunstância tem o objetivo de estabelecer se houve ou não a influência da Rádio Caçanjurê no quesito de desenvolvimento social e cultural do município de Caçador.

Desta forma, concluindo, ressalta-se que a radiodifusão pode ser considerada ou utilizada como um fator de desenvolvimento local ou não, dependendo de como a própria comunidade apropriar-se-á dela. No caso da Rádio Caçanjurê, percebeu-se que a emissora desempenhou ao longo de sua existência fundamental papel para informar e conseqüentemente tornar o município e a população mais desenvolvida nos aspectos sociais e culturais, como pretendemos mostrar.

1 COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Neste primeiro capítulo, teorizamos sobre o significado de desenvolvimento, sobretudo, como essa ideia (de desenvolvimento) é entendida pela sociedade. Neste raciocínio, apresentamos uma discussão sobre o tema e o seu sentido amplo, envolvendo a conceituação de desenvolvimento econômico, social e cultural, que são as bases que fundamentam o tema central desta pesquisa no tocante ao nosso objeto de estudo, que é a Rádio Caçanjurê AM.

A origem do entendimento da comunicação como fator principal para o desenvolvimento ocorreu durante a década de 60. Uma das principais pesquisas sobre o assunto é a obra de Wilbur Schramm, de 1964, sustentada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), “intitulada por Comunicação de Massa e Desenvolvimento”. O pesquisador demonstrou que, historicamente, os meios de comunicação exerceram papel indutor no desenvolvimento. Na visão de Schramm, cabe ao desenvolvimento dos meios de comunicação o papel de acelerador do desenvolvimento socioeconômico, agilizando o processo de socialização cultural. Nesse contexto da relação da comunicação e desenvolvimento, e no que tange a esta pesquisa, faz-se necessário abordar o significado do meio de comunicação rádio para as sociedades, de forma a compreender melhor as transformações decorrentes dessa relação e suas consequências para a sociedade. Para que ocorra a liberdade, é necessário haver discussão pública e decisões participativas nas políticas públicas. Assim é possível que a transparência seja dada como uma das pilastras para o enriquecimento da democracia, fornecendo ao cidadão uma oportunidade de conhecimento sobre o andar da administração pública (MAIA et al., 2015).

Percebe-se um avanço na discussão do progresso sob o caleidoscópio proporcionado pela interdisciplinaridade. O deslocamento das ideias e discussões ofereceu a percepção do progresso como um fator complexo, designado a hipóteses históricas ligadas à cultura, à economia, ao território e às relações sociais. O entendimento do progresso como correspondente da estrutura da sociedade implica na necessidade de conceituá-lo como complexo, múltiplo e dinâmico, pois o sobrepujamento da ótica exclusiva econômica determina dois desafios. O primeiro é entender os pontos conceituais e a metodologia do desenvolvimento enquanto

processo histórico ligado às hipóteses levantadas, pois trata-se de significar os laços entre história, cultura, economia, território e sociedade. Já o segundo trata da discussão disciplinar de como cada área do conhecimento mostra a temática do desenvolvimento (CARNIELLO e SANTOS, 2013).

O conjunto acadêmico contemporâneo, no que tange ao desenvolvimento, forma um mosaico que impele os pesquisadores envolvidos a uma investigação que leve em conta o entendimento agudo da sua complexidade, limites e clivagens. Deste modo, o crescimento é dado como desenvolvimento econômico, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento econômico sustentável, desenvolvimento regional, desenvolvimento econômico regional sustentável, desenvolvimento local, desenvolvimento local sustentável e outras denominações produzidas com o aperfeiçoamento das discussões sobre o assunto (REIS e SANTOS, 2017).

É prudente destacar que a necessidade da realização de uma análise da comunicação, a qual se pretende, necessariamente deve apoiar-se em diversas áreas do conhecimento, que, relacionadas, podem fornecer um ponto de vista globalizado da comunicação. Para a realização de uma pesquisa de tamanha amplitude deve-se lançar mão da contribuição das Ciências Sociais, mais particularmente da Antropologia, a Ciência Política, a Economia e a Sociologia, permitindo, assim, compreender, com enfoque, o processo de comunicação e o meio social em que ele se efetiva. A área da Psicologia, além de expor as características psíquicas dos dois polos básicos da comunicação - emissor e receptor - poderá, sob enfoque da Psicologia Social, analisar como se exerce a influência da comunicação sobre os sentimentos, pensamentos e comportamentos do homem, enquanto parte integrante de uma sociedade (CARNIELLO et al., 2016).

A criação do pensamento em torno da relação entre comunicação e desenvolvimento é abordada sob os seguintes aspectos: a compreensão de desenvolvimento é dada como métrica para características: conceitual de desenvolvimento, que é dado como parâmetro para a discussão proposta; análise sobre o papel do desempenho da comunicação na sociedade contemporânea e a notação de estruturas comunicacionais e utilização da comunicação que pode levar ao desenvolvimento (CARNIELLO et al., 2016).

O início da análise ocorre, portanto, com a conceituação do desenvolvimento. O desenvolvimento passou por significativas alterações ao longo dos anos e teve

seus paradigmas reconstituídos de modo notável em uma época histórica recente. Desenvolvimento são alterações, decerto: alterações para um modo melhor (CARNIELLO et al., 2016).

Inicialmente, faz-se necessário criar um conjunto de nomenclaturas e pontos de abordagens nos estudos sobre desenvolvimento: desenvolvimento econômico, humano, regional, local e territorial (CARNIELLO et al., 2016). O entendimento sobre desenvolvimento econômico é formado sob ótica da economia, e adquire contorno, no Brasil, após trabalhos de Celso Furtado, em que se debate sobre as devidas condições políticas e sociais ligadas ao subdesenvolvimento econômico do Brasil. Apresenta-se ainda que o subdesenvolvimento decorre da ligação entre pontos ligados às condições de produção e a contextualização histórica pertinente ao relacionamento político, econômico e tecnológico decorrente da inserção subordinada na divisão internacional do trabalho e no aceite por parte da classe política e econômica. Associa-se ainda o desenvolvimento ao crescimento econômico com a equidade social necessária ao acesso à saúde, moradia, segurança, educação e mobilidade relacionada à grande redução das assimetrias econômicas e sociais (CARNIELLO et al., 2016).

As pesquisas realizadas por Schramm (1970) no cenário da mídia, tem se caracterizado pela comunicação de massa, atentas à reflexão sobre como a utilização e modos de comunicação possam levar ao desenvolvimento. Tendendo-se ao oposto, a comunicação pode ser um mecanismo de grande eficácia a fim de legitimar estruturas de poder, manipulação da opinião pública ou inibir a ação, remetendo à disfunção narcotizante dos meios de comunicação de massa (REIS, 2017).

Para Schramm (1970), o acesso à informação permite uma instrumentalização do indivíduo, para que este possa exercer sua cidadania. Partindo da ideia de que "todo estágio da sociedade possui seu estágio próprio de comunicação" (SCHRAMM 1970, p.74), cabe destacar que, na fase atual da comunicação midiática, o cidadão, de maneira formalizada ou não, possui voz ampliada pela mídia.

Ainda para Schramm (1970), não existem países ricos com culturas pobres. Foi ele quem primeiro discerniu sobre o papel da comunicação no desenvolvimento econômico. Segundo este pesquisador, não são os índices econômicos que conferem importância às nações. O que faz a verdadeira prosperidade é o nível de

comunicação que circula em um país, os padrões de comunicação que por aí imperam (SCHRAMM, 1970).

Schramm (1970) recomenda que o bem-estar é uma tarefa coletiva, deve contemplar toda a sociedade e não pode ser imposta de cima para baixo, pois o desenvolvimento acontece em todos os níveis e direções. Um cidadão, ao perceber que também está fazendo parte do desenvolvimento de um país, está integrado no processo. Já aquele que usufrui sem noção da sua participação e sem responsabilidade de participação é considerado um predador da evolução. Schramm (1970) destaca que a diferença entre um e outro é fornecida pela comunicação aberta e plena.

É igualmente importante avançar tanto sobre a relação entre comunicação e desenvolvimento, quanto sobre o papel dos meios de comunicação e o seu real efeito no processo de desenvolvimento nacional. Com isso, o objetivo é superar a compreensão simplificadora do processo de comunicação como mecanismo, conforme descreve Schramm (1976).

A favor do projeto de modernização, Lerner e Schramm (1973) começaram a pensar no papel que a comunicação precisa ter para funcionar como padrão de mudança e incentivar o desenvolvimento econômico. Para os autores, a comunicação é, em si mesma, um dos fenômenos do desenvolvimento econômico. Isso significa que há uma interação entre todos os indicadores, que incluem escolaridade, saúde, etc., e a comunicação passa a ser um requisito da modernização da sociedade, como também sinal dela.

Sob esta ótica, o desenvolvimento socioeconômico encontra-se presente nos meios de comunicação. É nesse sentido que Schramm (1970) argumenta que a comunicação pode ter uma influência significativa para o desenvolvimento de uma sociedade, contribuindo para a investigação de novos ambientes, promoção das aspirações da população, orientação e controle de um processo dinâmico, ensino de novas habilidades e socialização de cidadãos. Desenvolvimento é definido como um campo especializado, que exige recursos, conhecimento e técnicas especiais, e a importância da comunicação passa a ser a de representar o momento da recuperação, com maior conhecimento dos problemas e possibilidades de comparação e aprendizado com os padrões desenvolvidos. Para o autor, passa a haver consciência da distância e da necessidade de recuperar o tempo perdido de crescimento econômico (SCHRAMM, 1970).

Schramm (1970), pontua que o papel da mídia é fundamental na aceleração do processo de desenvolvimento. A comunicação é entendida como multiplicadora da difusão de conhecimento, mantendo alta correlação entre os índices de crescimento econômico e seu próprio desenvolvimento, pois, segundo o autor, quanto maior a modernização, maior a dilatação dos canais de comunicação. Desta forma, na pesquisa em questão, entendemos que a Rádio Caçanjurê, como um meio comunicação de massa em Caçador, possui a responsabilidade de ampliar horizontes e mostrar novas realidades para a população (SCHRAMM, 1970).

Entendida a comunicação como pressuposto para o desenvolvimento, estabelecem-se diretrizes que levam a entender a comunicação como fundamental para o processo de desenvolvimento (CARNIELLO et al., 2016):

- No processo político equitativo e inclusivo;
- Nos processos de governança nacional e internacional efetivos, responsivos e verificáveis;
- Em apoio aos cidadãos participativos e à sociedade dinâmica;
- Na criação do crescimento econômico sustentável, transparente, eficiente e equitativo;
- No fortalecimento e proteção de um ambiente de mídia livre, plural, com diversidade de veículos de comunicação e qualidade.

O desenvolvimento, no campo do conhecimento, forma-se por multidisciplinaridade, já que, resulta do apoio de várias áreas das ciências humanas e sociais. O elo entre a comunicação e o desenvolvimento dá-se no âmbito das políticas públicas e da potenciação da participação política.

Após os anos 40, deu-se início a uma arrancada nos trabalhos referentes às questões da comunicação em massa. Esses trabalhos, de forma preponderante nos EUA, foram, em sua grande parte, sobre a necessidade de conhecer e, assim, de realizar uma manipulação da opinião pública para temas de importância crucial como a situação de eleições e guerra. Tratava-se, em sua grande maioria, dos problemas de mercado, análise dos efeitos da comunicação de massa sobre determinado ponto, da reação do público a determinadas mensagens, das funções que poderiam ser exercidas na sociedade pelos meios de comunicação. Desse período até os dias presentes, muitas contribuições vieram somar-se aos primeiros estudos, tanto na América quanto no resto do mundo, possibilitando um vasto referencial sobre o tema da comunicação (SCHRAMM, 1970).

A comunicação social é um fundamental fenômeno político, que possui suas diretrizes estabelecidas pelas especialidades de cada momento histórico no cenário

nacional, caracterizado, no caso brasileiro, pelas condições subordinadas pelas nações estrangeiras (SODRÉ, 1966).

Exemplifica-se com um dos primeiros meios de comunicação social - a imprensa. O Brasil foi um dos últimos países, entre as três Américas, a ter seu funcionamento. A imprensa no Brasil surgiu por volta do ano de 1808, com a migração da Corte Portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, onde instalou-se então a Imprensa Régia. Tal fato aconteceu aqui três séculos depois da instalação da tipografia na América Espanhola e dois séculos após o aparecimento na América Inglesa (SODRÉ, 1966). A análise histórica da colonização brasileira nos leva a concluir que o atraso na instalação e desenvolvimento da nossa imprensa deveu-se, principalmente, ao fato de que a mesma, de acordo com as perspectivas colonizadoras de Portugal, não tem função específica a desempenhar no contexto de uma sociedade que se estruturava basicamente como território explorado pelo país colonizador. Devido ao processo de colonização, a sociedade brasileira caracterizou-se, desde o início, pelo analfabetismo, pela falta de urbanização, pela precariedade da burocracia estatal e pela incipiência das atividades industriais, comerciais, econômicas e culturais. A soma desses fatores aliados à política obscurantista de Portugal, contribuiu de forma decisória para inviabilizar o processo de instalação da imprensa no país, nos primeiros séculos de sua colonização (SCHRAMM, 1970).

Durante o século XIX, iniciou-se o desenvolvimento da imprensa no Brasil, com o surgimento de diversos jornais diários e periódicos. Ao fim desse século, a situação da imprensa nacional era avaliada pelo correspondente parisiense MAX LECLERC, enviado ao Brasil em virtude dos acontecimentos de 1889, do seguinte modo: - A imprensa brasileira é um reflexo fiel do estado social criado pelo governo anarquista de D. Pedro II: em parte, alguns veículos de comunicação muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e entrando em diversos meios a fim de estender o vínculo com leitores para o valor publicitário (SODRÉ, 1966).

A mudança de século se tornará um marco para o Brasil, com o surgimento da grande imprensa, decorrente de transformações conjunturais do país (LANER, 2004). A ascensão da grande imprensa no Brasil durante as primeiras décadas do século coincide com o surgimento da radiodifusão, ainda incipiente na década de 20,

porém, que se desenvolve com grande vigor durante os anos 30, superando rapidamente a imprensa (FREDERICO, 1982).

Os anos 30 marcam o início de uma fase de grande mobilidade política e social no seio da sociedade brasileira, com o governo Vargas. Esse mesmo período é marcado pela fase econômica na qual se inicia a implantação do modelo de substituição das importações, como é conhecido pelos economistas (FREDERICO, 1982).

O trabalho realizado pelos EUA, a fim de conseguir uma posição hegemônica sobre a nação brasileira, constitui-se em um processo complexo em que ocorreram grandes avanços e também retrocessos ao longo da história, estabelecendo polêmicas e conflitos nos mais importantes setores nacionais, tanto no âmbito da sociedade civil quanto da sociedade política (FREDERICO, 1982).

Schramm (1970), por sua vez, já havia afirmado em seu estudo a importância da mídia na aceleração do processo de desenvolvimento. A comunicação em si deve ser entendida como multiplicadora da difusão de conhecimento, mantendo alta correlação entre os índices de crescimento econômico e seu próprio desenvolvimento, pois, segundo o autor, quanto maior a modernização, maior a dilatação dos canais de comunicação. Para ele, os veículos de comunicação trazem para perto o que é distante e tornam compreensível o que é estranho, podendo ajudar a estabelecer transição entre a sociedade tradicional para a moderna (SCHRAMM, 1970).

Desta forma, “os veículos de comunicação podem criar um clima para o desenvolvimento” (SCHRAMM, p. 202, 1970). Ainda o pesquisador explica que a medida em que um país se desenvolve, os meios de comunicação começam a dar atenção a problemas locais. “Quanto mais se desenvolve a imprensa local e as rádios locais, melhor a cobertura” (SCHRAMM, p. 210, 1970). O autor vai além, e explica que os veículos de massa podem afetar concepções mantidas e canalizar concepções mais fortes, mesmo que de maneira superficial. “É evidente que os veículos de comunicação de massa podem ser de grande utilidade no processo de tomada de decisões que deve acompanhar o desenvolvimento econômico e social” (SCHRAMM, p. 214, 1970).

Já no âmbito educacional, Schramm (1970) afirma que os veículos de comunicação de massa atuam como “professores”, pois podem ajudar de maneira significativa em todos os tipos de educação e treinamentos para uma sociedade.

Salienta de forma especial os locais mais longínquos da civilização, em que o rádio, por exemplo, é um grande diferencial, pois provou ter a capacidade de enriquecer ou suplementar as atividades das escolas. “Não subsiste qualquer dúvida sobre a potência dos veículos de comunicação como professores [...] Rádios e filmes já se demonstraram úteis na educação de adultos” (SCHRAMM, p. 216, 1970).

1.1 COMUNICAÇÃO E CULTURA DE MASSA

Diversos autores destacam a necessidade de que qualquer análise da comunicação social que pretenda, efetivamente, compreendê-la, seja apoiada por diversos campos do conhecimento que, relacionados, poderão fornecer uma visão global da questão da comunicação. Para estudo de tal amplitude, devem contribuir as ciências sociais, mais particularmente a antropologia, a ciência política, a economia e a sociologia, que permitirão compreender, com profundidade, o processo de comunicação e o meio social em que ele se efetiva. A psicologia, além de explicitar as características psíquicas dos dois polos básicos da comunicação - emissor e receptor - poderá, no enfoque da psicologia social, analisar como se exerce a influência da comunicação sobre os sentimentos, pensamentos e comportamentos do homem, enquanto parte integrante de uma sociedade.

A partir da década de 40 registrou-se grande impulso nos estudos referentes às questões da comunicação e da cultura de massa. Esses estudos, desenvolvidos predominantemente nos Estados Unidos, decorreram, em sua maioria, da necessidade de conhecer e, mesmo, de manipular a opinião pública para assuntos de fundamental importância, como a situação de guerra e as eleições. Tratavam, basicamente, dos problemas de mercado, da avaliação dos efeitos da comunicação de massa sobre determinada audiência, da reação do público a determinadas mensagens, das funções que poderiam ser exercidas na sociedade pelos meios de comunicação. Desde essa época até os dias atuais, muitas contribuições vieram somar-se às primeiras, tanto na América quanto na Europa, tornando vastíssima a bibliografia referente ao tema da comunicação social.

Esses estudos podem ser agrupados, genericamente, em torno de diferenças básicas, referentes à concepção de homem e sociedade, em que cada um deles se fundamenta. Iremos encontrar inúmeros trabalhos que se limitam a analisar tecnicamente os processos explícitos da comunicação e, muitas vezes, também a

prescrever normas que tornem mais eficazes esses processos. Outros, dentro de uma perspectiva mais global, estabelecem relações entre as questões da comunicação e o sistema socioeconômico em que a mesma se insere. Por fim, encontramos trabalhos que, geralmente subsidiados pela teoria marxista, analisam a comunicação a partir de uma perspectiva crítica que abrange as questões econômicas, as questões relativas à produção de ideologias arbitrárias, os mecanismos de persuasão e a penetração dessas ideologias em todos os setores da vida social.

Muitas são as divergências entre os analistas desses estudos no sentido de agrupá-los em torno de um quadro de características comuns. Em decorrência disso e dadas as especificidades de nossa proposta, abordaremos a seguir, de forma sucinta, alguns trabalhos que podem contribuir para nosso estudo, sem que tenhamos a preocupação primeira de classificá-los em técnicos, sociais ou críticos, uma vez que essa caracterização fatalmente ocorrerá ao longo de nossa síntese. Nosso critério de escolha deveu-se, basicamente, ao grau de significação, que, de acordo com nossa perspectiva, esses estudos apresentam, seja com o intuito de indicar seus pontos críticos, seja para utilizá-los como complemento da análise que nos propusemos a realizar.

A cultura orgânica tem como premissas: um estreito vínculo com o momento histórico em que é construída e amplas mudanças de caráter econômico, uma vez que, como já foi ressaltado, a esfera econômica e a cultura constituem partes integrantes da mesma totalidade, não podendo assim ser dissociadas. A cultura orgânica resulta e impõe um novo modo de vida e também a conquista, pelas classes subalternas, da consciência de classe. Dentro desse contexto, estas classes se tornarão capazes de conduzir o próprio destino, compreendendo claramente seu papel e valor histórico, os direitos e deveres deles decorrentes, bem como o verdadeiro sentido da vida.

Emergindo da própria sociedade, a cultura orgânica rompe a fronteira entre o que, nas sociedades ocidentais, se distingue como cultura dominante ou superior e a cultura subalterna ou inferior. Suas raízes estarão solidamente firmadas naquilo que, constituindo o núcleo coerente e autêntico das manifestações culturais do povo, representará seu humus fertilizador.

A análise da questão da cultura, a partir do enfoque gramsciano, permite-nos, ainda, compreendê-la, no contexto da sociedade capitalista, não apenas como algo

profundamente marcado pela ideologia dominante, mas também nos aponta para o fato de que as classes subalternas efetuam, em diferentes graus, um processo de reestruturação dessa ideologia, redefinindo-a a partir de uma perspectiva própria. Neste sentido, podemos compreender a cultura como o conjunto de manifestações que expressam os processos através dos quais os diferentes segmentos sociais procuram compreender, reproduzir e/ou transformar o sistema social. A cultura de uma sociedade, em seu sentido amplo, abriga manifestações culturais diversas e até antagônicas, refletindo o grau de consciência das classes sociais e constituindo uma expressão concreta das relações hegemônicas existentes no seio desta sociedade.

Uma compreensão mais abrangente da questão da cultura de massa requer que busquemos situar historicamente suas origens, tarefa que também se depara com divergências nos estudos de comunicação social. Alguns autores defendem a tese de que já podemos encontrar no século XVII os primeiros produtos dessa modalidade cultural, representados pelos folhetins produzidos principalmente na Alemanha, França e Inglaterra. Outros consideram a Revolução Industrial como o marco do aparecimento da cultura de massa, que se constitui no produto da denominada Indústria Cultural. Por fim, há autores que apontam as características socioeconômicas do século XX como aquelas que propiciaram, efetivamente, o desenvolvimento da cultura de massa.

Dentre as diferentes posições, optamos pela que relaciona a cultura de massa às características próprias do século XX, por entendermos que os rumos tomados pelo capitalismo neste século e o grande desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação constituem, efetivamente, os elementos essenciais da produção da cultura de massa. Para sintetizar esta posição, tomamos como referência a análise formulada por Luiz Costa Lima (2000) sobre a origem da cultura de massa, embora façamos restrições, entre outras coisas, à própria concepção de História defendida pelo autor. A História, segundo Costa Lima (2000), adquire uma feição simplificadora dos fatos sociais e não se reveste da importância fundamental que, efetivamente, tem, como nos mostra a teoria marxista, para uma real compreensão da sociedade. Entretanto, os pontos que aqui apresentamos encaminham de forma que julgamos adequada a questão do advento da cultura de massa.

Para Costa Lima (2000), o fato de encontrarmos nos séculos XVII e XVIII os mencionados folhetins, produzidos, sem dúvida, "com um caráter comercial de adequação do produto a uma camada consumidora - basicamente a população rural

- que não participava da produção dos mesmos, não é condição suficiente para que falemos em cultura de massa. Uma característica básica da cultura de massa é sua transmissão a partir de recursos técnicos de longo alcance, os "mass media", que não são encontrados nesse período. "Situando objetivamente seu estudo no contexto da sociedade capitalista ocidental, o autor afirma que o binômio cultura de massa/"mass media" é indissociável.

Até o final do século XVIII, a sociedade ocidental não apresentava as características fundamentais à existência da cultura de massa. O público consumidor da cultura ainda apresentava interesses basicamente homogêneos e, principalmente, não existia ainda nesse século uma economia de mercado que possibilitasse, a diferentes camadas sociais, o acesso a bens de consumo, tanto materiais quanto, no caso, "culturais".

É a partir do século XIX que se verifica a expansão da economia de mercado, quando veremos desenvolver-se integralmente o capitalismo a partir da viabilização e concretização de sua regra básica: a "democratização do luxo", afirma o autor, citando Max Weber (Apud Costa Lima, 2000). Será este fato a ampliar, de modo significativo, o alcance do consumo. Nesse século, a produção capitalista penetra na sociedade, atingindo tanto necessidades individuais básicas quanto necessidades sociais.

Nessa fase, o capitalismo tem, basicamente, segundo o autor, um "alcance horizontal", onde a vida privada só parcialmente é afetada pela produção industrial, tendo-se a impressão de que tudo permanece inalterado. Já encontramos um desenvolvimento substancial da comunicação, com meios de reprodução técnica a baixo preço e em grande escala; os primeiros veículos da comunicação de massa já se fazem presentes, mas ainda não se verifica a integração das mensagens de modo a constituir uma modalidade específica de cultura.

É, efetivamente, no século XX que, finalmente, encontramos o campo dessa cultura, quando os meios de comunicação adquirem grande desenvolvimento tecnológico e o alcance horizontal da sociedade capitalista é superado, passando a abranger a totalidade social. Nesse momento histórico se apresentam os dois fatores decisivos para o aparecimento da cultura de massa: o surgimento da chamada sociedade de consumo, que se desenvolveu a partir do capitalismo de organização ou monopolista, e o grande avanço tecnológico dos sistemas de comunicação.

1.2 O RÁDIO, UM MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Os significados atribuídos ao termo cultura de massa divergem, da mesma forma que os atribuídos à cultura popular, como já apontamos. Estes termos são utilizados como sinônimos, o que consideramos inadequado, uma vez que anula o verdadeiro e rico significado da cultura popular. Neste ponto, cabe observar que vários autores defendem a ideia de que a cultura de massa não é uma manifestação típica da sociedade capitalista, mas que se verifica, na realidade, em qualquer sociedade industrializada. Por ora, podemos recorrer à síntese das ideias de Costa Lima (2000) e a análise formulada sobre o pensamento de Adorno para justificar nossa posição, que associa diretamente o modo de produção capitalista à cultura de massa, por entendermos que todo e qualquer produto, material ou cultural, traz impressas as marcas do sistema social em que foi produzido. Dessa forma, a comunicação e a cultura de massa não podem deixar de estar permeadas pelos conceitos e concepções ideológicas do sistema capitalista no qual foram geradas.

A nossa perspectiva de análise poderia, inclusive, adequar-se à expressão "Cultura Industrial ou Industrializada", como propõe Teixeira Coelho (1993). Esta expressão não seria destituída de sentido também, porque o próprio Gramsci utiliza a palavra industrial ao referir-se à produção artística que não seja "desinteressada", mas sim elaborada com o intuito específico de atender a determinados objetivos.

Optamos, entretanto, pela expressa cultura de massa, visto ser a mesma já consagrada na bibliografia pertinente, embora não haja consenso em seu emprego. Julgamos também que esta expressão pode tornar-se particularmente adequada a nosso trabalho se, a seu sentido crítico, já explicitado por vários autores, como por exemplo Adorno, somarmos o sentido particular dado em nosso estudo à questão da comunicação social. Isto é, o termo cultura de massa torna-se especialmente significativo em nosso trabalho, uma vez que, de acordo com a teoria gramsciana, os meios de comunicação social, no contexto das sociedades ocidentais, podem ser entendidos como veículos de uma inculcação ideológica que visa a manter cada indivíduo das classes subalternas na condição de homem-massa, expressão essa que utilizamos no sentido estritamente gramsciano.

Ampliando a reflexão para os meios de comunicação de massa, Schramm (apud MELO, 1975, p 82) afirma que "a estrutura da comunicação social reflete a estrutura e o desenvolvimento da sociedade" (p. 82). Abordando a presença dos

meios de comunicação como fator de desenvolvimento (MELO, 1985) acredita que isso significa que a radiodifusão se insere neste processo não apenas como um efeito, mas se integra nesta dinâmica agindo como causa e efeito ao mesmo tempo.

Reconhecendo os meios de comunicação como formadores e fomentadores de opinião pública, bem como de formação e capacitação (desenvolvimento) pessoal e comunitária, Melo (1998, p. 295) recorre à ONU (Organizações das Nações Unidas) para informar que o desenvolvimento “é, inevitavelmente, um processo de participação (...) quando a atenção das pessoas é mobilizada e o interesse delas atraído (...) então a participação criativa está operando e o avanço do desenvolvimento tem probabilidade de se acelerar”. Neste contexto, ele continua, “os meios de comunicação de massa criam, portanto, o ambiente fértil à participação e cumprem sua função-motriz no processo de desenvolvimento”. Para o autor, “reside aí a contribuição fundamental dos sistemas de comunicação, veiculando informações e difundindo modos de agir, pensar e sentir que predisponham os cidadãos a adotarem comportamentos sintonizados com as estratégias do desenvolvimento”. Melo informa, “Em outras palavras, forjando indivíduos capazes de valorizar o trabalho produtivo e de poupar recursos para a consecução de resultados a médio e longo prazos” (1998, p. 296).

Ruas (2004), afirma que o meio de comunicação rádio, está presente na sociedade, na comunicação e tornou-se fundamental na mobilização da opinião pública, transformando-se em instrumento de poder como fator de conscientização, de reivindicação ou de exigência de melhorias sociais e comunitárias, pois o cidadão é afetado pelas informações e opiniões que fluem, sem parar, por meio da imprensa, rádio e televisão “sendo inconcebível, no mundo contemporâneo, descartá-lo no diagnóstico do processo de desenvolvimento...” (2004, p. 32).

Discorrendo ainda sobre a comunicação como fator de desenvolvimento, o autor acrescenta que:

A contribuição que os meios de comunicação de massa podem oferecer para intensificar o processo de desenvolvimento das sociedades que permanecem em patamares econômicos atrasados, possuindo padrões tecnológicos e culturais tradicionais, é justamente o de criar expectativas na população, produzindo atitudes detentoras da busca das informações e da manifestação de opiniões, que instauram um clima para o desenvolvimento (...) Alimentando aspirações crescentes em relação à posse de bens ou ao usufruto de benefícios intelectuais que percebem no ambiente em transformação, mediatizado pelas mensagens que fluem da imprensa, do rádio, da televisão e do cinema, os habitantes dos países subdesenvolvidos sentem menos medo e mais coragem para tentar novos comportamentos e

começam a agir, por se sós, para conquistar os padrões de produção econômica e de bem-estar social identificados naquelas sociedades que já ingressaram plenamente no estágio do desenvolvimento (MELO, 1998, p. 294).

A radiodifusão, ao exercer suas funções de informar e formar opinião, passa a exercer o serviço de mobilização, despertar de consciências e articulação de ações da cidadania, papéis esses que pertencem aos meios de comunicação de massa. Para José Marques de Melo (1998, p. 296) “os meios de comunicação de massa criam, portanto, o ambiente fértil à participação e cumprem sua função-motriz no processo de desenvolvimento”.

Já Erbolato e Barbosa (apud MOREIRA, 1991, p. 41) afirmam que “entre os veículos de comunicação de massa, o rádio foi, é e provavelmente ainda será, durante muito tempo, o mais popular e de maior alcance. Em qualquer estatística, ele figura em primeiro lugar. As pessoas ouvem as suas mensagens e por elas se deixam influenciar”. Mesmo reconhecendo alguns pontos fracos, Moreira nos ensina que “a maioria das emissoras que transmitem em AM destina a maior parte do seu horário aos programas voltados para problemas cotidianos do cidadão comum”.

1.3 BREVE HISTÓRICO DA RADIODIFUSÃO

Muito se fala sobre rádios, escuta-se muito e é através deste meio de comunicação que muitas pessoas são influenciadas, pessoas, empresas e organizações anunciam e fazem negócios através dele. Por isso, faz-se importante retomar um pouco dessa história. Em 1893, o então padre cientista e engenheiro gaúcho Roberto Landell de Moura, realiza os primeiros testes de transmissão por ondas eletromagnéticas. Em 1905, acontecem os primeiros testes de envio de mensagens por telégrafo no encouraçado Aquidaban. O cientista Guglielmo Marconi, natural de Bolonha, Itália, realizou em 1895 os testes de sinais sem fio, atingindo uma distância de 400 metros e depois pela distância de 2 quilômetros (RODRIGUES, 2009).

A história do rádio no Brasil é extensa e percorreu caminhos longos (RODRIGUES, 2009). Porém, oficialmente, o nascimento do rádio no país ocorreu em 07 de setembro de 1922, durante as comemorações do centenário da Independência do Brasil, com uma transmissão realizada a distância e sem fios, durante o discurso do então presidente Epitácio Pessoa, durante a inauguração da

radiotelefonia brasileira. Roquette Pinto, médico que trabalhava em pesquisas sobre a radioeletricidade para fins fisiológicos, empolgado com a euforia das transmissões de rádio, acompanhava tudo de perto, e conseguiu um patrocínio da Academia Brasileira de Ciências para criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que se tornaria a PRA-2 (CASTRO, 2017).

Credita-se à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (atual Rádio MEC), do então Distrito Federal (Rio de Janeiro), o pioneirismo, em 1923, como a primeira emissora de rádio no Brasil (RODRIGUES, 2009). No ano de 1936 surge no estado do Rio de Janeiro a Rádio Nacional, PRK-30, que entraria para a história do rádio no Brasil com inserções de programas de auditório, comédias e radionovelas. No final dos anos 30 e meados dos anos 50, a Nacional se tornaria uma das principais líderes de audiência do rádio no Brasil, disponibilizando a sua grade de programação, gravada e dias depois transmitida, em outras cidades do país (RODRIGUES, 2009).

No ano de 1938 ocorre o surgimento da Rádio Globo do Rio de Janeiro, que décadas após seria a rádio AM mais popular do país, renovando o fôlego do rádio que havia sido abalado com o surgimento da televisão. É dessa época a vinheta de "O Globo no ar", até hoje utilizada tanto pela Globo AM do Rio de Janeiro como a sua similar de São Paulo (RODRIGUES, 2009).

Já entre os anos de 1940 e 1941 surge o Repórter ESSO, com patrocínio pela famosa companhia norte-americana de combustíveis, que lhe emprestava o nome. As notícias eram redigidas pela United Press International, e traduzidas para o português pela equipe do informativo. Era o principal veículo de informação sobre os fatos internacionais, sobretudo a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnam (JAMBEIRO; GUERRA; MODESTO, 2017).

Nos anos 50, dá-se o surgimento da televisão e isso faz com que o rádio seja obrigado a realizar uma mudança, pois muito falava-se na época da ameaça de extinção dos veículos de rádio, o que não aconteceu. Surgem então as primeiras transmissões de radiojornalismo e as transmissões esportivas, com muita popularidade. A rádio Continental de São Paulo é uma das pioneiras em reportagens de rua. No ano de 1955, surge então a primeira transmissão experimental de rádio FM, pela rádio Imprensa, na cidade do Rio de Janeiro, extinta no final dos anos 2000 (RODRIGUES, 2009; MODESTO; GUERRA, 2017).

Na década de 60, o rádio AM assume as características atuais, iniciando-se os programas de variedades comandados por locutores de auditório, de boa voz e

ótimo estilo comunicativo. Haroldo de Andrade, locutor por muitos anos na Rádio Globo AM (RJ), tornou-se destaque (MACEDO, 2009; SILVA, 2009; FERRARETO, 2017; JAMBEIRO, 2017).

No final da década de 60, devido ao regime militar, o Ministério das Comunicações apresentou um grande esquema para realização de censura e manipulação ideológica. A rádio AM foi incluída entre pessoas físicas e instituições consideradas "subversivas" (SILVA, 2009). Nos anos 70, a rádio AM, a qual era dado como subversiva, passou a ser considerada como rádio "brega".

Já nos anos 80 a rádio AM continuou com a sua popularidade similar ao início dos anos 70, porém, o rádio FM avançou em popularidade, principalmente entre o meio jovem. Assim, a segmentação das FMs, com um estilo musical diferente, começou a ser uma realidade, com rádio de adulto contemporâneo dos mais variados (FERREIRA, 2017).

Durante os anos 90 e 2000, as igrejas católicas e evangélicas começam a comprar emissoras (DANTAS, 2017). Ainda no início dos anos 2000, precisamente em 2001, surge a tecnologia digital, que irá proporcionar um som digital com maior amplitude modulada; chiados serão eliminados e o som terá a mesma qualidade que o FM (SOUZA, 2007).

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS SOBRE A OCUPAÇÃO DE CAÇADOR

A trajetória de uma empresa, como a Rádio Caçanjurê, não inicia sozinha no decorrer da história. Para nascer e se manter viva ao longo dos anos, é vital que exista relação com outras empresas, instituições e principalmente com as pessoas que vivem na mesma região. No caso da Rádio Caçanjurê, trata-se de um meio de comunicação e desta forma, é indispensável a presença de pessoas para que a sua existência como da empresa radiofônica possua justificativa. É importante lembrar que no decorrer dos anos, a emissora testemunhou inúmeros fatos, no entanto, para que ocorresse a execução dos mesmos, foi necessário contar com a existência humana.

Desta forma, para compreender um pouco mais sobre essa relação, faz-se necessária realizar a contextualização histórica da Rádio com o município de Caçador. Muitas vezes a trajetória de uma empresa ao longo dos anos, se confunde com a história do próprio local em que ela está inserida. Por isso, é necessário realizar a contextualização dos fatos que tratam sobre a implantação nesse caso a Rádio Caçanjurê, com o relato da história de Caçador, para que se possa melhor entender a relação de sua existência. O conhecimento da própria história é vital para que as pessoas possam identificar-se com a atualidade. Desta forma, nesse primeiro momento atemo-nos a relatar os antecedentes históricos do município de Caçador, para posteriormente melhor retratar a história da Rádio Caçanjurê.

Caçador é um município brasileiro que pertence ao estado de Santa Catarina. Fica no meio oeste catarinense, suas terras fazem divisas com os municípios de: Calmon, Rio das Antas, Videira, Macieira, Lebon Régis, Salto Veloso e Palmas no estado do Paraná. Possui uma habitação, de acordo com o censo do ano de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), de 70.735 habitantes. Já a estimativa populacional divulgada pelo IBGE no ano de 2015, configura uma população de 75.812 habitantes. Tais dados populacionais, atualmente creditam o município de Caçador, como o 15º município mais populoso de Santa Catarina e o 422º do Brasil (IBGE, 2017).

No entanto, alguns dos registros que tratam sobre a habitação nas terras, que mais tarde se transformariam no município de Caçador, relatam que até o final do

século XVIII o local era habitado pelos índios das etnias Kaingang¹ e Xokleng². Os primeiros habitantes viviam em aldeias, buscavam refúgios em campos ou nas florestas existentes e a sua subsistência se dava na maior parte, por meio dos produtos que o local oferecia.

Por muito tempo, os densos pinheirais desta vasta região eram conhecidos como somente pelos povos nativos que aqui viviam, os Xokleng e os Kaingang. As gralhas azuis, os papagaios, as pacas, as cotias, as caitetus, os pinheiros, as imbuías, as gabirobeiras, e os índios que dominavam as técnicas do trabalho com as pedras lascadas e polidas, faziam parte deste universo primitivo e simples, onde a cultura era produzida de forma rudimentar e a sobrevivência de todos dependia bastante da semente do pinheiro, o pinhão (VALENTINI, 2010, p.16).

Por outro lado, Lombardi et al. (2003, p. 23), alerta para a necessidade de analisar também o período pré-histórico, informando que “vários grupos humanos habitaram a Região do Contestado³, deixando seus vestígios em sítios arqueológicos situados na região”. Essa conclusão chegou-se por meio de estudos realizados no território do município de Caçador por arqueólogos. As pesquisas encontraram vestígios dos antigos habitantes na superfície e em escavações no solo, revelando que a região foi ocupada por quatro antigas tradições.

Os arqueólogos encontraram nas regiões de campos e florestas no território de Caçador, centenas de sítios arqueológicos dessas tradições. Neles foram encontrados materiais como: vasos, potes, urnas de cerâmica lisa e decorada, inscrições rupestres, esculturas cerâmicas e líticas zoomórficas e antropomórficas, pontas de flechas, furadores, raspadores, facas, formões, machados, pilões, entre outros. Grande parte desse material recolhido durante essas pesquisas arqueológicas, encontra-se atualmente disponível para visita junto ao Museu do Contestado de Caçador⁴ (LOMBARDI et al. 2003, p. 23).

¹ Os índios Kaingang, além da caça e da coleta das sementes das araucárias, já cultivavam algumas espécies, como por exemplo o milho. Eles preferiam construir suas aldeias em campos abertos (THOMÉ, 1981).

² Os índios Xokleng ou também conhecidos como Xocrén ou Xocleng, desconheciam o cultivo da terra e viviam de caça de animais silvestres e percorriam as florestas de araucárias para recolher as sementes das árvores. Eles são considerados nômades-caçadores (THOMÉ, 1981).

³ Nos primórdios, eram conhecidas como “Contestadas” as terras localizadas entre os rios Iguaçu e Uruguai – que atualmente formam as regiões do Sudoeste do Paraná e do Oeste de Santa Catarina, tendo Argentina no extremo - oeste e a Serra Geral no Oeste (THOMÉ, 1987).

⁴ O Museu do Contestado de Caçador é considerado o maior depósito de material arqueológico da região. Ele foi criado em 1974 pela Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe (FEARPE) e tem como objetivo documentar, restaurar e preservar a memória e a cultura do passado da região e do município de Caçador. Fica localizado junto a primeira estação ferroviária da cidade, datada de

Pesquisas realizadas pelo historiador Nilson Thomé⁵ e pelo padre Tomás Pieters⁶ por volta de 1980, na região que ficou conhecida como “Sítio Arqueológico do Contestado”, apontam que o homem primitivo habitou as terras do município de Caçador a cerca de quatro mil anos.

Durante o período Paleolítico, o homem pré-histórico do Oeste Catarinense (muito antes que nosso índio aparecesse) teve uma vida muito intensa e longa por aqui. Viveu nos pontos altos, formados pelas elevações que não são poucas, descortinando a seus pés todos os Vales exuberantes e cheios de caça. (THOMÉ, 1981, p.19).

Ainda sobre a presença do homem pré-histórico no município de Caçador e na região próxima, Thomé (1994), escreveu:

Tradição Umbu: habitava em cavernas, com petroglifos e material lítico de pedra lascada; era formada por tribos pré-ceramistas, caçadoras e coletoras. As fases mais antigas foram datadas em 9.600 anos; a fase intermediária em torno de 6.000 anos e a mais recente em torno de 300 anos; Tradição Humaitá: habitavam em ambiente típico da floresta do planalto; eram pré-ceramistas, caçadores e coletores; produziam artefatos em pedra lascada e, também, em pedra polida. Ocuparam a região entre 8.650 anos e, mais recentemente, 930 anos; Tradição Taquara: habitaram as regiões altas do planalto; eram ceramistas e os vestígios arqueológicos dessa tradição são associados a habitações subterrâneas, escavadas e construídas nas regiões mais altas do planalto. As datações mais antigas são de 1.800 anos e as mais recentes de 200 anos; Tradição Tupi-Guarani: os grupos tribais dessa ampla tradição foram os últimos da seqüência migratória pré-histórica, sendo que seus vestígios têm datações desde 1.640 A.C. Essa tradição é associada aos Guarani, tendo sido ceramistas e agricultores, geralmente construindo os aldeamentos nas terras baixas e vales dos rios. (THOMÉ, 1994, p. 39-40).

Depois dos pré-históricos e dos índios, os primeiros habitantes que estabeleceram moradia em Caçador início do século XIX, eram os caboclos oriundos da miscigenação de portugueses e espanhóis com os nativos Kaingang e Xokleng. Eles eram conhecidos como mateiros, pois mantinham na extração da erva-mate, do

1910. Exibe peças da cultura indígena, da ferrovia, do povoamento e da colonização, além de armas e uniformes usados pelos militares na Guerra do Contestado. No site do Museu (www.museudocontestado.com.br) é possível fazer um tour virtual por suas salas. Além disso, existem jogos interativos para crianças utilizando o acervo do museu. O Museu atende de segunda a sexta-feira das 8h30 às 12 horas e das 13h30 às 18 horas. Aos sábados e domingos, as visitas acontecem das 14 às 18 horas (MUSEU DO CONTESTADO, 2017).

⁵ Nilson Thomé foi professor universitário, jornalista, historiador e antropólogo. Natural de Caçador, nasceu em 4 de outubro de 1949 e faleceu em 16 março de 2014. Foi um dos maiores estudiosos da Guerra do Contestado. Escreveu mais de 30 livros e inúmeros artigos científicos. Thomé foi também idealizador, fundador e organizador do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado (DIÁRIO CATARINENSE, 2014).

⁶ Padre holandês que atuou por alguns anos na Diocese de Caçador. Foi organizador do Museu do Contestado de Caçador (THOMÉ, 1981).

pinhão e das pequenas criações de animais a subsistência. De acordo com Thomé (1981), uma declaração de um sobrevivente do Toldo de São João dos Pobres em 1976 no município vizinho a Caçador de Matos Costas, dava conta que uma tribo Xikleng, mesclou-se por inteira com caboclos regionalistas. Nara que quando homens, mulheres e jovens, em vista do estado de pobreza e abandono, preferiram deixar o toldo e procurar melhores condições de vida junto as fazendas vizinhas, fazendo delas a moradia (THOMÉ, 1981).

O historiador residente em Caçador, Júlio Corrente⁷ (2016) atenta também para a possibilidade de que até mesmo escravos que fugiram de fazendas, procuraram terras caçadorenses para se esconderem.

Falasse até de quilombolas na região, que há probabilidade de ter existido. Não podemos afirmar com total certeza, porque nunca fizemos uma pesquisa mais concreta sobre isso, mas há depoimentos de algumas pessoas que falam que até há poucos anos encontraram instrumentos de senzalas em fazendo daqui da região. Então se existiu alguma questão da escravidão e possivelmente, como era uma região mais afastada e pouco desenvolvida também poderia ter presença de escravos fugitivos (CORRENTE, 2016).

Igualmente Thomé (1992), ao pesquisar sobre a origem da população na região de Caçador, explica que os escravos eram indígenas guarani aprisionados.

A região não foi, desde o início, objeto de ocupação imediata pelas primeiras frentes expansionistas vicentistas que de São Paulo adentaram o interior, mas sim, uma expansão posterior das correntes de bandeirantes. As bandeiras pioneiras que exploravam o Sul do temido país, passavam à margem do território do Contestado (na época dominada pelos temidos Kaingang e Xokleng) quando se dirigiam aos Sete Povos das Missões, visando o aprisionamento de escravos indígenas Guarani (THOMÉ, 1992, p.22).

Sobre a história de Caçador, Júlio Corrente (2016) explica também que alguns municípios próximos, como: Campos Novos, Lages, Palmas e Irani, possuem uma geografia de terreno mais favorável, o que possibilitou no começo do século XIX, o cultivo de algumas plantações e a criação de gado.

Localizada no meio dessas regiões de campos, Caçador acabou se tornando rota de passagem de tropas que faziam o caminho Rio Grande do Sul a São Paulo. Sendo o caminho principal de tropas Lages, Santa Cecília, Mafra, onde atualmente é a BR 116, Campos Novos, Caçador, Palmas tornou-se uma rota secundária. Como mostram antigos documentos,

⁷ Entrevista realizada pela pesquisadora com o historiador Júlio Corrente em abril de 2016.

acredita-se que a região de Caçador era um dos poucos lugares em que o Rio do Peixe⁸ permitia fácil passagem das tropas. Segundo alguns mapas da época, esses pontos de travessia eram onde hoje se encontra a Ponte de Madeira Antônio Bortolon e na Vila Kurtz (CORRENTE, 2016).

Mesmo com o temor imposto pelas tribos de índios existentes, as frentes expansionistas perceberam que a região poderia ser desbravada. Nas passagens, atraídos pela exuberância nativa, pelas rotas ficaram alguns expedicionários aventureiros, aproveitando o conhecimento dos Guarani na extração da erva-mate e na criação de gado selvagem (THOMÉ, 1992).

2.1 A INSTALAÇÃO DE FRANCISCO CORRÊA DE MELLO EM CAÇADOR

Apesar de existirem relatos e pesquisas que apontam que Caçador foi um território habitado pelo homem pré-histórico, pelas tribos de indígenas ou até mesmo por integrantes das frentes expansionistas, o primeiro registro oficial de habitação humana que mais tarde se tornou proprietário legal do território caçadoreense, pertence ao ano de 1881. Chegava à Caçador naquela ocasião, Francisco Corrêa de Mello acompanhado de alguns de seus parentes. Eles vieram de uma Fazenda chamada de Espinilho, que fica no município catarinense de Campos Novos, a cerca de 150 quilômetros de Caçador.

Francisco Corrêa de Mello nasceu em Campo do Tenente, Estado do Paraná provavelmente em 1816 e, com seus pais, morou na Fazenda do Espinilho até os 65 anos de idade (segundo deduzimos do termo n°. 30, do Livro n°. 1, do 5° Distrito de Rio Caçador, Comarca de Coritibanos). Os pais de Francisco Corrêa eram os paranaenses Joaquim Corrêa de Mello e Da. Maria Rodrigues Corrêa e deveriam ter feito parte dos “primeiros fazendeiros provindos de Curitiba para a Serra do Espinilho”, conforme fala a crônica de Campos Novos. Em 1881, Francisco resolveu fixar-se aqui, dedicando-se a caça, pois o lugar era ideal. Ele e sua família (mulher e 10 filhos) foram os primeiros civilizados a habitarem o que seria mais tarde Rio Caçador e, em 1934 o Município de Caçador (VARELLA; THOMÉ, 1972).

⁸ A Bacia Hidrográfica do Rio do Peixe está situada nas regiões hidrográfica RH3 - Vale do Rio do Peixe, Meio-Oeste do Estado de Santa Catarina. A Bacia é integrada por 26 municípios: Caçador, Rio das Antas, Videira, Pinheiro Preto, Tangará, Ibicaré, Luzerna, Herval D'Oeste, Joaçaba, Lacerdópolis, Ouro, Capinzal, Ipira, Calmon, Macieira, Salto Veloso, Arroio Trinta, Iomerê, Treze Tílias, Água Doce, Fraiburgo, Ibiam, Erval Velho, Campos Novos, Alto Bela Vista e Piratuba. O Rio do Peixe nasce na Serra do Espigão, localizada no município de Calmon a uma altitude de 1.250m, e percorre aproximadamente 299 km até desaguar no Rio Uruguai, no município de Alto Bela Vista, a uma altitude de 387m. Na margem direita do rio do Peixe está localizada a histórica estrada de ferro que liga os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul (COMITÉ DO RIO DO PEIXE, 2017).

Francisco Corrêa de Mello estabeleceu acampamento às margens do Rio Caçador, próximo à atual Rua Henrique Tedesco no bairro Berger, em função da abundância de caça de animais que o território oferecia, garantindo assim a subsistência até que estivesse no local. Teria vindo para a região atraído pela possibilidade de posses de terras, uma vez que ele sabia que havia um problema de divisas de terras entre Curitibanos e o distrito de São Sebastião da Boa Vista.

Assim, Thomé (1982), explica:

A revelação da existência desta área de terras devolutas nacionais, chamou a atenção de Francisco Corrêa de Mello, que ainda em 1981 organizou uma expedição para reconhecimento do local, incentivado pelas autoridades de Campos Novos, intencionadas em consolidar a jurisdição camponense sobre o território do 3º Distrito do Sagrado Coração de Jesus, enquadrado na curiosa situação, antes de Curitibanos o fizesse (THOMÉ, 1982, p. 16).

Desta forma, Francisco Corrêa de Mello, saiu do Espinilho com dois de seus irmãos, um concunhado e alguns dos filhos homens, atingindo as barrancas do Rio do Peixe. Passaram primeiro pelo local chamado de Rio Bonito, atualmente município de Tangará, depois pela localidade de Rio das Pedras que é o município de Videira, até encontrar o Salto Bom Sucesso, que é uma queda de água no Rio do Peixe com cerca de 25 metros (THOMÉ, 1982, p. 16). Assim, Francisco Corrêa de Mello havia chegado nas terras que estavam em disputa pelos dois municípios.

Pouco mais adiante, Francisco deve ter observado uma longa curva do rio, em forma de ferradura, tendo ao centro espesso pinhal, apresentando caça abundante, e várzea de terra fértil. Da elevação maior, teria descortinado o lugar que lhe encantou as vistas e lhe inspirou a instalação de acampamento. Havia atingido aquele pedaço de chão que os dois municípios disputavam, mas que agora só ele conhecia. Como pontos de referência, sabia apenas que a Província do Paraná estava no outro lado do rio, que mais ao Norte localizavam-se as cabeceiras do Rio Cachoeira e que mais ao Sul existiam nascentes do Rio Taquarussu. No local hoje onde se erguem as torres da Rádio Caçanjurê, no bairro Berger, Francisco montou acampamento e decidiu que ali se estabeleceria. Tomada a decisão, de um pinheiro fez uma canoa e empreendeu regresso, aproveitando o rio onde fosse possível navegar. Neste retorno, denominou dois cursos d'água: Rio do Veado e Rio das Antas, ambos afluentes do Rio do Peixe. Na foz do Rio das Antas deixou seu irmão Luiz Corrêa de Mello, e mais adiante, em Rio das Pedras, deixou seu concunhado Joaquim Ribeiro; semanas depois estava de volta a Espinilho (THOMÉ, 1982, p. 16).

Depois de chegar à Caçador, Francisco Corrêa de Mello retornou a Fazenda Espinilho, e sem muito alarde e sem comunicar as autoridades municipais sobre a existência das terras, reuniu esposa, filhos e demais parentes interessados, e partiu de volta para as terras que estavam em disputa entre Curitibanos e o distrito de São

Sebastião da Boa Vista. O objetivo era estabelecer definitivamente residência no local, dando assim, o início ao desenvolvimento ao local que viria a ser chamado mais tarde de Rio Caçador. Fixaram moradia no terreno que atualmente é conhecido como Tapera dos Corrêa, fundando a Fazenda dos Corrêa, próximo ao bairro Alto Bonito. Na mesma época, além dele, um dos irmãos estabeleceu residência em Rio das Antas e um concunhado ficou nas terras que mais tarde seriam chamadas de Videira.

O historiador Júlio Corrente (2016), também ajuda a esclarecer sobre a busca pelas terras contestadas com a chegada da família Corrêa de Mello em Caçador.

Por volta de 1881 da criação do município de Campos Novos, a gente vai ter uma relação com Francisco Correia de Melo que seria um dos pioneiros para Caçador. O registro das suas terras só se deu em 1910, mas a Fazenda do Faxinal do Bom Sucesso, a qual ele se tornou proprietário, fazia divisa com o Rio do Peixe e o Rio Castelhana. Então essa fazenda veio para registrar outra questão, Contestados, o que Caçador tem com Contestado, desde a partir de que o Corrêa de Mello chega aqui para se colocar, dizendo território de Campos Novos, território de Santa Catarina, porque o Rio do Peixe corta nossa cidade de norte a sul. Ele era, nesse período, a divisão de limites entre Paraná e Santa Catarina, a divisa entre os dois estados que estavam tendo contestações de limites ainda na região contestado, então você percebe que Caçador já nasce em local aonde marca os limites nesse período entre dois estados. Se isso se concretiza, Caçador não seria um município dividido ao meio, seriam dois municípios diferentes. A importância da relação com o acerto de limites entre Paraná e Santa Catarina em 1916 se dá então que Caçador possa crescer melhor a partir desse período. A Guerra do Contestado influenciou o município de Caçador muito, porque ela trouxe consigo algumas questões que pouco se tem falando, primeiro a relação de divisas, segundo a relação dos caboclos com os moradores locais, pois consta que a família Corrêa de Mello era contra a questão dos sertanejos (CORRENTE, 2016).

Os anos se passaram e demais integrantes da família Corrêa de Mello, continuaram mudando-se do município de Campos Novos em busca de oportunidades nas terras recém desbravadas de Caçador. Um dos que teve tal iniciativa, foi o compadre de Francisco Corrêa de Mello, Pedro Ribeiro no ano de 1887. Mais tarde, em 1991 foi a vez do genro Tomaz Gonçalves Padilha, o qual se estabeleceu na região onde atualmente é o Distrito de Taquara Verde. Atualmente, na localidade, a única escola existente leva o nome do desbravador como forma de homenagem.

Também procedendo da vila do Espinilho, e seguindo a picada aberta por Francisco Corrêa de Mello, para aqui veio em 1888, Pedro Ribeiro, que levantou morada às margens do Rio Veado; em 1891, Tomás [sic] Gonçalves Padilha que, com Domingos Ribeiro da Cruz, escolheram a margem esquerda do rio 15 de Novembro para estanciar; Domingos Ribeiro

da Cruz, entretanto, logo depois, foi estabelecer seu acampamento nas proximidades do Quilômetro Trinta, na direção de Palmas. Será preciso registrar que todos os que seguiram Francisco Corrêa de Mello ou eram familiares, ou agregados, ou compadres: Tomás [sic] Gonçalves Padilha era seu genro, e Pedro Ribeiro seu compadre (VARELLA; THOMÉ, 1972).

Os registros históricos informam que entre os anos de 1881 a 1981, a família Corrêa de Mello, limitou-se manter a posse das terras, conhecendo profundamente o território, desbravando as áreas que em sua maioria eram compostas por mata e sobrevivendo da caça de animais silvestres e da colheita de pinhão. No entanto, de acordo com Thomé (1982), os Corrêa de Mello não estavam sozinhos ou isolados na região, pois em terrenos próximos a Caçador também havia registros de habitação.

Sabe-se que Francisco, neste tempo, denominou mais um curso d'água, afluente da margem esquerda do Rio do Peixe: o Lageado Simeão (atual Rio Caçador), reconhecendo-o como divisa de sua posse com as terras de grande sesmaria da família Carneiro, que compreendia os campos de São João (Matos Costas), alcançando a outra margem do Rio do Peixe, em território paranaense. Os campos de São João, localizados ao Sul do Rio Iguasu, foram descobertos por desbravadores paulistas, que no início do século passado, haviam atingido os campos de Guarapuava, e depois os campos de Palmas. Em 1850 – no mesmo ano em que Francisco Corrêa de Mello saiu de Campo Tenente com destino a Campos Novos – fazendeiros de Palmas iniciaram a ocupação dos campos de São João, quando a numerosa família Carneiro neles veio a se estabelecer (THOMÉ, 1982, p.18).

O desenvolvimento do município de Caçador começa a se intensificar com a construção da estrada de ferro em 1907. A Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul (EFSPRG) começou a ser construída em território catarinense, margeando o Rio do Peixe. Os trilhos chegavam à Fazenda Faxinal do Bom Sucesso, onde se fez necessária a construção de uma ponte para a passagem do trem sobre o rio que naquela época chamava-se Rio Lajeado do Simeão⁹ (CAÇADOR ONLINE, 2017).

A construção da estrada de ferro trouxe para a região inúmeros trabalhadores, como os engenheiros e operários. Além destes, possibilitou que mais pessoas se interessassem em desbravar o município de Caçador. Neste período,

⁹ Uma particularidade a ser observada é que justamente nesta parte da história pode ter surgido o nome do município de Caçador. Francisco Corrêa de Mello era um exímio caçador de pacas, antas e veados, ele passou a vender a carne e pele dos animais para os trabalhadores da ponte, sendo que o local ficou conhecido popularmente como o Rio do Caçador (CAÇADOR ONLINE, 2017).

até o final de 1910, que os familiares de Francisco Corrêa de Mello conviveram com cerca de 4.000 trabalhadores contratados pela companhia ferroviária (Thomé, 1982).

A Estação Ferroviária de “Rio Caçador” foi inaugurada em cinco de maio de 1910 e desta maneira começaram a chegar os primeiros imigrantes, sendo a maioria descendente de italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul.

A ferrovia tinha três modelos de trem, o primeiro trem fazia Porto União a Marcelino Ramos. O segundo que chamavam o trem direto de São Paulo a Rio Grande, geralmente transportava pessoas, e o trem internacional que cruzava todo o Brasil até a Argentina. Até tem a questão da Vila Santelmo aqui, criada em 27 no município de Porto União, esse nome porque tem relação a Buenos Aires, a Santelmo que tem lá. Esses três trens passavam aqui e tinham uma relação muito grande com a ferroviária de Caçador. Esse da Argentina, segundo o que consta, quando o trem internacional parava, ou outro, as pessoas pagavam o ingresso e podiam comprar revistas, jornais, frutas que era comercializado dentro do trem. O trem se tornava uma referência em relação para as pessoas. Era um grande evento. Se passasse uma vez por semana o trem internacional as pessoas iam até lá comprar novidades, até a piaçada para ajudar a carregar as compras e malas, os carroceiros para transportar de carroça algumas mercadorias que descia na estação (CORRENTE, 2016).

Paralelo às atividades desenvolvidas pelos trens que traziam a Caçador o desenvolvimento e progresso registrados em outras regiões do país, Francisco Corrêa de Mello começou a comercializar e até mesmo doar extensões territoriais que possuía. A medida facilitou ainda mais a instalação de famílias no município.

O Correia de Mello foi um facilitador para que Caçador fosse realmente se desenvolver como vila, como distrito e como município. Segundo consta, que o Corrêa de Melo ao falecer em 1933 tinha como grande sonho, ver a fazenda dele se tornar uma cidade, o que aconteceu poucos meses depois. Ele morreu em julho de 1933 e a cidade foi fundada em fevereiro de 1934. Parte da cidade de hoje, Correia de Melo loteou a fazenda, foi vendendo e doou até mesmo terras para igreja. (CORRENTE, 2016).

Thomé (1982) explica que, em outubro de 1920, com o falecimento da esposa Felicidade Maria Gonçalves, Francisco Corrêa de Mello realizou o inventário de bens, realizando o pagamento das partes aos herdeiros. Ainda, realizou importantes doações, como, por exemplo, as terras em que está construída a Catedral de São Francisco de Assis. Nessa doação, de acordo com Thomé (1982), Francisco Corrêa de Mello especificou que a igreja não poderia remover a Matriz para outro lugar, sob pena de devolver a doação em favor do outorgante ou de seus sucessores as terras doadas (THOMÉ, 1982).

Porém, o processo de colonização do município de Caçador foi temporariamente interrompido entre os anos de 1913 a 1916 pela ocorrência da Guerra do Contestado.

2.2 O MARCO HISTÓRICO DA GUERRA DO CONTESTADO

Tanto Caçador quanto outros municípios contemplados pela passagem do trem vivenciaram a plena expansão econômica e de aumento populacional proporcionada pelo meio de locomoção por volta dos anos de 1900. A construção da estrada de ferro causou diversas discórdias entre o governo e a população que no território residia, sendo até mesmo o principal motivo que levou à deflagração da Guerra do Contestado. A Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (EFSPRG) foi construída cruzando o Território Contestado entre o Paraná e Santa Catarina, entre os anos de 1906 a 1910, margeando o Vale do Rio do Peixe para completar a ligação entre União da Vitória, no Rio Iguaçu, e Marcelino Ramos, no Rio Uruguai.

Para Thomé (1980), a epopeia da construção da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (EFSPRG), destinada a interligar o Sul do Brasil pelo interior, está fundamentada por acontecimentos que vão além da Guerra do Contestado, pois adentra no povoamento da Região do Contestado, revelando detalhes das circunstâncias da ocupação das terras e dos processos de colonização.

Durante a questão de limites em 1906, no interior nas terras contestadas, entre os rios Iguaçu e Uruguai, marginais ao Rio do Peixe, começou a ser construído um trecho de 372 km da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, para efetuar a ligação entre Itararé (São Paulo) e Santa Maria (Rio Grande do Sul). Ao mesmo tempo, desde 1911, estava em andamento a construção de outro trecho, entre o porto de São Francisco do Sul e Porto União da Vitória (no Rio Iguaçu), parte de uma projetada ferrovia que demandaria até Assunção, no Paraguai (THOMÉ, 2005).

Estes trechos, com obras vagarosas até 1908, foram incorporados pelo truste do norte-americano Percival Farquhar, que comprou a concessão federal e havia constituído a holding Brazil Railway Company. Em pagamento, além da garantia de juros pelo capital investido, a Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio- Grande, que rasgou o Contestado com os trilhos – em forma de cruz – de 1908 a dezembro de 1910, teve o direito de receber terras devolutas, destinadas à colonização com imigrantes, revoltando a população sertaneja local, que ficou impedida de requerer posse. Para piorar o quadro, milhares de trabalhadores trazidos de várias

partes do país pela empresa, despedidos das obras entre 1911 e 1912, se embrenharam no sertão (THOMÉ, 2005).

Durante a construção da estrada de ferro, cerca de quatro mil trabalhadores foram recrutados nas mais diversas regiões do Brasil, para realizarem especialmente o trabalho braçal da obra. O traçado da estrada contemplava territórios de mata virgem, inexplorados e que exigiam a atuação de diversos trabalhadores para abrirem caminho e a instalação dos trilhos. De acordo com Thomé (1992), os trabalhadores eram sujeitos a condições precárias de trabalho e residência, e sem amparo trabalhista.

Com a conclusão dos trechos estabelecidos pela *Brazil Railway Company*, uma certa parte dos trabalhadores foi recontratada para outras obras da Companhia. Já outra quantidade foi dispensada, e assim alguns optaram por regressar aos seus estados e cidades de origem, porém, outros fixaram residência em casebres construídos às margens do trilho do trem. Mais tarde, esses trabalhadores também seriam expulsos pela Companhia, gerando revolta e fazendo com que unissem a população local na Guerra do Contestado (THOMÉ, 1992).

No período em que a estrada de ferro foi construída, a maior parte da população existente na Região do Contestado era cabocla, formada por índios, negros e luso-brasileiros. Eram, em sua maior parte, pessoas pobres e incultas. Tinham como subsistência o cultivo de roças, criação de porcos selvagens, extração da erva-mate, tropeirismo de carga e trabalhavam nas fazendas de criação de gado como peões ou agregados. O fato é que grande parte da população que morava no local, não possuía registros legais de propriedade dos terrenos, o que lhes ocasionou que fossem expulsos pela serraria *Southern Brazil Lumber & Colonization*, uma subsidiária da *Brazil Railway Company*, do megaempresário Percival Farquhar. O empresário instalou, naquele período, a maior madeireira da América do Sul da época.

Com seu corpo de segurança, fortemente municiado, contratando apenas imigrantes como seus trabalhadores, a partir de 1912 a Lumber começou a investir contra a população sertaneja habitante no interior das matas, expulsando-a e, com isso, atraindo a ira cabocla, também revoltada pelo abate indiscriminado dos pinheiros centenários (THOMÉ, 2005).

Motivados pela contestação das terras que foram declaradas como devolutas (como se ninguém as ocupassem), uma vez que o governo destinou como forma de

pagamento à Companhia que estava construindo a obra 15 quilômetros de cada lado da ferrovia, os habitantes caboclos da região iniciaram uma revolta, surgindo assim a chamada Guerra do Contestado. Na ocasião, o governo brasileiro desapropriou quase 7 mil quilômetros quadrados de terras que eram ocupadas por pessoas que viviam na região entre o Paraná e Santa Catarina. Além dos terrenos recebidos, a Companhia adquiriu mais terras com o objetivo de explorar os recursos naturais, como cedros, pinheiros e imbuías, existentes em abundância na região.

Thomé (2005) explica que a Guerra do Contestado foi um conflito armado que ocorreu na região Sul do Brasil, entre outubro de 1912 e agosto de 1916. O conflito envolveu cerca de 20 mil pessoas, que eram peões, caboclos, fazendeiros, que enfrentaram forças militares dos poderes federal e estadual. Ganhou o nome de Guerra do Contestado, pois os conflitos ocorrem em uma área de disputa territorial entre os estados do Paraná e Santa Catarina, local conhecido como terras contestadas.

Goulart Filho (2016, p. 104) relata que os caboclos eram pessoas mais próximas da natureza e afastadas dos centros urbanos, e, por serem mais naturais do que racionais, eram vistos como um ser “vadio, violento, atrasado, relaxado, desconfiado, entre outros”.

Faz-se necessário ressaltar que, embora a construção da estrada de ferro e consequentemente a desapropriação dos terrenos estejam entre os principais motivos do conflito, outros também contribuíram para que ocorresse o principal fato sangrento da história da região oeste e meio oeste catarinense. Thomé (1992) aponta que, entre 1912 e 1916, a região era alvo de uma competição econômica para exploração das riquezas naturais e até mesmo pela discussão dos limites interestaduais.

Em relação às disputas pelo domínio de território, que seria uma das causas da Guerra do Contestado, Thomé (1992), afirma que é necessário levar em consideração alguns fatos históricos, como a Questão de Palmas entre Brasil e Argentina (1881 – 1985), a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina (1853 – 1917) e as tentativas de criação do Estado das Missões (1910 – 1917).

Porém, segundo Thomé (1992), as terras do Contestado pertenciam ao estado de Santa Catarina, contudo, os catarinenses estavam mais preocupados com a povoação litorânea, deixando o interior para um segundo momento. Assim, quando foi criada a Província do Paraná, o Paraná demonstrou interesse pela região do

interior catarinense que não era explorada, iniciando a cobrança de impostos. Por outro lado, a população sofria, pois, o Estado de Santa Catarina atentou para o acontecido e iniciou assim a disputa pelo território contestado.

Durante a pendência na justiça, quem sofria era o caboclo: o governo paranaense não reconhecia como legal nem seu registro de nascimento, quanto mais o de casamento, se fossem expedidos por autoridades catarinenses na área. Se a fazenda barriga-verde cobrava impostos numa barreira de um lado de um rio, do outro lado estavam os fiscais do Paraná para nova cobrança (THOMÉ, 1992, p.64).

A indefinição dos limites territoriais entre Santa Catarina e Paraná acontecia desde o Império, e até a Argentina pleiteava a posse de áreas dos dois estados. O Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa aos catarinenses em 1904 e reafirmou sua decisão nos anos seguintes, mas a sentença era ignorada pelo governo paranaense. Nesse cenário de conflito, a revolta prosperou.

Durante a Guerra do Contestado, especificamente uma das batalhas que ocorreu, chamada de Combate do Irani, foi o que soou como uma provocação entre os estados do Paraná e Santa Catarina. A disputa pelo território Contestado entre os dois estados seguiu durante a Guerra do Contestado, porém, só foi resolvida depois que a guerra acabou, em 1916. Durante os quatro anos de batalhas e combates, Paraná e Santa Catarina buscaram seus aliados, que variavam desde a população local, as multinacionais Lumber e Brazil Railway, que adquiriam terras dos fazendeiros para realizar a exploração da madeira.

No Palácio do Catete, Rio de Janeiro, a 20 de outubro de 1916, sob a chancela do Presidente Wenceslau Braz, os governantes Felipe Schmidt e Afonso Camargo finalmente assinaram o Acordo de Limites, que foi aprovado pela Assembléia Legislativa do Paraná a 23 de fevereiro de 1917 e pela de Santa Catarina a 3 de março de 1917 (THOMÉ, 1992, p.66).

Durante a Guerra do Contestado, os rebeldes chegaram a se espalhar por uma área equivalente ao tamanho de Alagoas. Entre 1912 e 1916, eles enfrentaram as forças policiais e militares dos dois estados e do Exército. Os insurgentes eram movidos por motivos que iam do messianismo à luta pela terra. Eram contra o poder público e os coronéis locais. Estima-se que pelo menos 10 mil pessoas pereceram na região do Contestado, tanto nos combates quanto de fome e de doenças como o tifo, que se alastrou pelas “cidades santas” erguidas pelos revoltosos. Entre os mortos, milhares de mulheres e crianças (THOMÉ, 2005).

2.3 O PROCESSO DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA EM CAÇADOR

A Guerra do Contestado ainda é considerada uma história recente para o município de Caçador e toda a região que abrangeu as terras contestadas. Completou-se em 2016 o primeiro centenário do fim da guerra, e até pouco tempo ainda era possível contar com relatos de sobreviventes das batalhas travadas entre a população e o governo. Se a história da Guerra é recente, é necessário lembrar que o processo de colonização europeia também possui praticamente a mesma idade, uma vez que foi acentuado no período pós-guerra.

Caçador nasceu depois da Guerra do Contestado. A construção da estrada de ferro que liga São Paulo a Rio Grande do Sul e a chegada dos imigrantes italianos impulsionaram o seu desenvolvimento. Depois dos italianos, vieram também os japoneses, árabes, alemães e poloneses (BAZZANELLA, 2018).

Já em relação ao território, paralelo ao processo de colonização, na margem esquerda do Rio do Peixe em 1923, o município de Campos Novos criou o Distrito de Rio Caçador, desmembrado do Distrito de Rio das Antas. Também em 1923, o município de Porto União voltou a criar o Distrito de Taquara Verde e, em 1928, criou o Distrito de Santelmo, separado do Distrito de Rio Caçador apenas pelo Rio do Peixe, na outra margem. Já em 1932, o Distrito de Rio Caçador passou a pertencer para o município de Curitiba, enquanto que o de Rio das Antas continuou a ser de Campos Novos. Somente mais tarde, pelo Decreto Estadual 508, de 22 de fevereiro de 1934, foi efetivamente criado o município de Caçador (THOMÉ, 1993).

Em relação à Guerra do Contestado, o fato é que o empresário Percival Farquhar, além de instalar na região a *Southern Brazil Lumber & Colonization*, uma subsidiária da *Brazil Railway Company*, implantou a companhia colonizadora que, depois do desmate das árvores, venderia as terras a imigrantes europeus. Muitas das famílias que viviam no local e que foram expulsas por milícias armadas da empresa, com apoio das autoridades brasileiras, tiveram suas terras ocupadas por imigrantes que procuravam no Brasil melhores condições de vida.

A empresa colonizadora *Southern Brazil Lumber & Colonization* dividiu as terras em propriedades, estas subdivididas em colônias. Algumas dessas colônias permaneceram de posse da colonizadora, porém outras foram repassadas a empreendedores gaúchos que constituíram colonizadoras particulares. Relatos

mostram que a *Southern Brazil Lumber & Colonization* possuía o interesse maior em comercializar a exploração da madeira ao de colonizar as terras. Motivada por esse intuito e por perceber que não conseguiria cumprir com o prazo estabelecido pelo governo catarinense de colonizar as regiões até 1940, resolveu terceirizar o trabalho para empresas colonizadoras menores (COMASSETTO, 2007).

No acordo firmado entre a União e a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul (EFSPRG), uma das exigências impostas pela União era de que a EFSPRG deveria promover a povoação no território, que compreendia especialmente a faixa de 15 quilômetros de cada lado da estrada de ferro. Além disso, a companhia e a colonizadora deveriam colonizar também outras áreas que viessem a adquirir ou a receber como forma de compensação.

Antecedendo a Guerra do Contestado, o processo de colonização nas terras do Contestado iniciou entre 1910 e 1912, quando a companhia do empresário Percival Farquhar tentou atrair para a região imigrantes ou descendentes de europeus. Porém, a iniciativa não obteve sucesso, sendo que poucos imigrantes (Italianos, alemães e poloneses) aderiram à proposta de colonização. Fato que só piorou a partir de 1913, com a eclosão da Guerra do Contestado, ficando o processo de colonização para pós-guerra (THOMÉ, 1993).

Ainda conforme Varella e Thomé (1972), foi a partir de 1918, com o fim da Guerra do Contestado e com a definição sobre a questão de limites de território entre os estados do Paraná e Santa Catarina, que Caçador passou a se desenvolver populacional e economicamente de maneira mais intensa. A homologação do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina foi assinada em 25 de agosto de 1917. Sendo assim, Santa Catarina criou simultaneamente quatro municípios, para ocupar definitivamente o Espaço Livre do Contestado: Mafra (desmembrado de Rio Negro), Porto União (desmembrado de União da Vitória), Cruzeiro (que depois mudou o nome para Joaçaba) e Chapecó, mantendo os municípios de Curitiba, Campos Novos e Lages. Na ocasião, foi extinto Itaiópolis. Por Resolução de 1917 da administração catarinense, criaram-se no município de Porto União os distritos de Porto União (sede), São João dos Pobres (atualmente Matos Costa) e Vila Nova do Timbó, extinguindo-se os distritos de Taquara Verde e de Nova Galícia, herdados do Paraná (THOMÉ, 1993).

Thomé (1993) explica que, assim sendo, as empresas colonizadoras da estrada de ferro deram início ao processo de colonização das terras marginais à

ferrovia. A família de Francisco Corrêa de Mello assistiu à chegada dos novos vizinhos: Pedro Addel e Martinho Trindade. Os primeiros colonos, descendentes de imigrantes italianos: Maximiliano Zampronio, Silvio Hurso, Zilio Scolaro, João Palermo, Domingos Sorgatto, Bortolon, e a numerosa família Bazzeggio. Com o novo povo chegando, Francisco Correa de Mello permitiu a instalação em suas terras, nas proximidades da estação ferroviária, de Virgilio Formighieri, Carlos Sperança, Gabriel Dias, Miguel Cury, João Zortea, e outros. Em função disso, gradativamente, os integrantes da família Carneiro também se aproximaram, chegando primeiro: Ferminiano Lima, Osório Carneiro, Genésio Costa, Gumercindo Carneiro, Osório, de Paula Timmermann, Juvenal Fagundes, Luiz Tortatto e José Gioppo (THOMÉ, 1993).

Outro ponto que se faz necessário abordar na história da imigração e ocupação do município de Caçador pós-Guerra do Contestado é a morte da esposa de Francisco Corrêa de Mello em 1920. Com o falecimento de Felicidade Maria Gonçalves, Francisco Corrêa de Mello fez a partilha das terras, distribuindo aos filhos, permitindo que as revendessem aos recém-chegados, fato que contribuiu também para a povoação do município. “Contratou para a medição das partes dois topógrafos, Victor Kurudz e Francisco Busato, reservando meia-quarta de terra no centro da sua imaginação, para a edificação de uma igreja, como lhe havia pedido anos antes Frei Rogério” (THOMÉ, 1993).

Desta forma, nos anos seguintes ao fim da Guerra do Contestado, o território de Caçador começou a ser ocupado de maneira intensa pelo processo de imigração promovido pelas colonizadoras. Os europeus viviam naquela época, em seus países de origem, momentos de extrema pobreza e eram atraídos com promessas de “terras maravilhosas, onde tudo estava por se fazer e na qual os bons profissionais de qualquer ramo teriam com certeza êxito (THOMÉ, 1993, p. 19,). Thomé (1993) explica que, além dos estrangeiros europeus, a região foi também fortemente ocupada por imigrantes que já estavam morando no Rio Grande do Sul. Desta maneira, a concessionária “EFSPRG contratou a Empresa Povoadora e Pastoril Thoedoro Capelle & Irmão, organizada no Rio Grande do Sul, que se responsabilizou pelo piqueteamento dos lotes, pela construção da estrada de rolagem” (THOMÉ, 1993, p. 40).

“Era o ano de 1918. Finalmente a região de Caçador estava pronta para a colonização. O ponto de referência era m barracão de madeira construído por Victor Kurudz no centro da projetada Vila Caçador (local onde hoje situa-se o Largo Santelmo). Os interessados em adquirir os lotes poderiam chegar de trem até a Estação de Rio Caçador, alcançando o barracão depois de atravessar com botes o Rio do Peixe” (THOMÉ, 1993, p. 40).

Paralelo ao processo de colonização em Caçador, houve a necessidade de implantação da primeira escola, fato que ocorreu em 1922. Além disso, inicia-se o processo de construção das rodovias que ligam Caçador aos municípios vizinhos. Assim, Caçador recebeu nova frente a ocupação do território a partir de 1923, quando a empresa colonizadora Irmãos Coelho de Souza recebeu do Estado de Santa Catarina uma gleba de 9 mil alqueires como fonte de pagamento pelo serviço a ser executado nas estradas (THOMÉ, 2013).

O processo de imigração e ocupação das terras foi intenso até por volta de 1940. A maior parte dos novos moradores era atraída pelo extrativismo da madeira, pelo desenvolvimento que a estrada de ferro trouxe e pela produção na agricultura. Tudo isso serviu de base para que fosse consolidado o município de Caçador que existe na atualidade e que será abordado logo em seguida.

2.4 PRINCÍPIO DO DESENVOLVIMENTO DE CAÇADOR

Uma das particularidades do estado de Santa Catarina, que marca profundamente sua trajetória econômica, política, social e cultural, e que merece ser destacada, é que não temos no Estado uma concentração geoeconômica ao redor de uma metrópole privilegiada. O Estado apresenta uma fragmentação de regiões, relativamente autônomas, com cidades que funcionam como pólos geoeconômicos, político-administrativamente denominados de mesorregiões, mas também com características históricas, políticas, étnicas e culturais distintas. São elas: Chapecó, Lages, Joinville, Blumenau, Florianópolis e Criciúma (RIBEIRO, 2005, p.104).

Evidenciamos que a atividade econômica do estado de Santa Catarina é caracterizada pela divisão em complexos: Agroindustrial (Oeste); Eletro-Metal-Mecânico (Norte); Madeireiro (Planalto); Têxtil (Vale do Itajaí); Mineral (Sul); Tecnológico (Grande Florianópolis); Turístico (praticamente todo o Estado); e pesqueiro.

Caçador, que viria a ser declarado como município em 1934, respondeu de forma positiva a investidas de colonização de seu território por parte das companhias colonizadoras. Depois da Guerra do Contestado, as serrarias, mais conhecidas na época como engenhos de serrar, devastavam milhares de araucárias centenárias (pinheirais) por todo o território do Alto Vale do Rio do Peixe¹⁰. A ferrovia era utilizada para que os milhões de metros cúbicos de madeira serrada fossem transportados para cidades maiores, como por exemplo São Paulo. Mais tarde, por volta de 1950, parte da madeira foi escoado para Brasília, sendo utilizada para a construção de edificações.

Também por volta de 1920, algumas regiões no meio oeste catarinense começaram a se destacar e diversos povoados começaram a surgir, as quais se transformaram em vilas e posteriormente em sedes municipais. Caçador foi um desses territórios que obteve desenvolvimento perceptível, passando nessa mesma época a ser o local de destaque e referência no Alto Vale do Rio do Peixe (THOMÉ, 1980).

Thomé (1980) destaca que, embora a estrada de ferro tenha causado a discórdia que ocasionou a Guerra do Contestado, a ferrovia desempenhou fundamental papel na fixação da habitação humana na região e consequentemente o seu desenvolvimento.

A ferrovia havia sido implantada. Os projetos de colonização tiveram relativo sucesso. A partir daí, tanto a estrada de ferro como o interior catarinense, passaram a um novo ciclo histórico, no qual cada microrregião, cada comunidade – grande ou pequena – seguiu seu destino e escreveu a própria história. A estrada de ferro foi, pois, o marco inicial da fixação do homem no Oeste do Estado. Ela traçou duras provas os pontos do progresso da região” (THOMÉ, 1980, p. 148).

Nesse período pós-Guerra do Contestado, não apenas o município de Caçador, mas todas as regiões do Estado passaram a desenvolver as suas vocações econômicas, que foram as responsáveis pelo desenvolvimento de cada uma e de Santa Catarina como um todo. Em Santa Catarina, a indústria originária está relacionada ao extrativismo da erva-mate, madeira, carvão, farinha, açúcar, derivados de suínos, pecuária extensiva e têxtil (Goulart Filho, 2016).

¹⁰ Região atualmente composta pelos municípios de Arroio Trinta, Matos Costa, Caçador, Macieria, Calmon, Pinheiro Preto, Fraiburgo, Rio das Antas, Ibiam, Salto Veloso, Iomerê, Timbó Grande, Lebon Régis e Videira (AMARP, 2017).

Desta forma, não somente Caçador, mas todas as cidades cortadas pela estrada de ferro na região do Alto Vale do Rio do Peixe possuem o seu desenvolvimento diretamente relacionado à ferrovia, pois foi por meio do trem de ferro que a civilização chegou ao local e suas riquezas puderam ser comercializadas e ganharam o mundo (THOMÉ, 1980). “Só nas proximidades da cidade de Caçador, 44 serrarias produziam 15.960 dúzias de pinho ao mês, suficientes para o carregamento de 399 vagões da estrada-de-ferro” (THOMÉ, 1993, p.64). Além disso, depois da emancipação de Caçador, que aconteceu com a posse do primeiro prefeito, Leônidas Coelho de Sousa, em 25 de março de 1934, a Estação Ferroviária existente no município era a 4ª mais importante da Rede e a primeira em Santa Catarina, contribuindo com 4% de toda a receita bruta da estrada de ferro (Thomé, 1993).

Também Bazzanella (2008) destaca que, com a construção da estrada de ferro que liga São Paulo ao Rio Grande do Sul e a utilização do trem, de 1908 a 1910, iniciou-se a colonização mais intensiva na região, formada por imigrantes de origem italiana, alemã, polonesa, sírio-libanesa e cabocla, o que de fato colaborou de maneira intensa para que acontecesse o desenvolvimento da região.

No caso de Caçador e municípios menores que ficam nas imediações, a extração da madeira se constituiu efetivamente naquela época. Foi a fonte mais rápida, fácil e disponível. Thomé (1993) lembra que Caçador vivenciou o período que recebeu o nome de “ciclo da madeira”, até que se esgotaram as riquezas florestais de parte das colônias. No entanto, Goulart Filho (2016) pontua que essa base econômica continua sendo importante na região, “no planalto norte e Alto Vale do Rio do Peixe, tendo Caçador como município-polo, a madeira ainda é a principal atividade industrial na região” (p.84, 2016). Bazzanella (2008) também observa que Caçador “desenvolveu sua economia com base na extração e industrialização da madeira, bem como no reflorestamento” (p. 6, 2008).

O extrativismo da madeira pode ser considerado a principal atividade responsável pelo desenvolvimento do Alto Vale do Rio do Peixe pelo menos até por volta de 1950. Somente no município de Caçador, no ano de 1936 havia 87 serrarias, passando para 75 em 1940 e para 92 serrarias em 1944 (Goulart Filho, 2016). Por volta de 1930, “metade da madeira produzida em Caçador era vendida a *Lumber Company*, que, por trem, a transportava a Três Barras e, daí, exportava” (THOMÉ, 1995, p.105).

Por volta de 1908, ocorreu no município de Calmon a instalação da serraria *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, que, a exemplo da Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, era uma subsidiária da *Brazil Railway Company* do empresário Percival Farquhar. Além dessa, outra serraria que manteve papel central no beneficiamento da madeira foi a instalada no município de Três Barras, considerada a maior serraria da América do Sul (THOMÉ, 1993). Por outro lado, as primeiras pequenas serrarias eram de propriedade de colonos imigrantes, que inicialmente se instalaram como comerciantes e se transformaram em industriais. Esses comerciantes compravam a madeira de outros colonos e a revendiam serrada (GOULART FILHO, 2016).

Bazzanella (2008, p. 8) relembra a importância que a madeira desempenhou no princípio do desenvolvimento econômico do município de Caçador.

De acordo com o historiador Nilson Thomé, calcula-se que na década de 20, no território de Caçador, existiam mais de quatro milhões de pinheiros para corte, na maior concentração de madeiras por quilômetros quadrados do sul do país.

Para realizar o corte e retirada da madeira das florestas, além dos imigrantes que já se instalavam na localidade, a mão de obra mais disponível na região era a dos caboclos. O extrativismo era uma das poucas oportunidades de trabalho existente na região naquele período. “Com a derrubada da mata, pelos madeireiros, que a compravam dos fazendeiros, muitos caboclos foram expulsos da terra e tornaram-se mão de obra assalariada nas serrarias” (GOULART FILHO, p. 105, 2016).

O ciclo da extração da madeira nativa (as araucárias eram a maior parte, mas as florestas possuíam também imbuías, cedros e canelas) estendeu-se até por volta das décadas de 1960 a 1970, quando as florestas verdadeiramente começaram a chegar ao fim. Desta maneira, as indústrias do setor madeireiro precisaram reorganizar as questões relacionadas à exploração do produto, que, assim, passou da mata nativa para o reflorestamento de pinus. Na atualidade não há mais a extração de araucárias, a madeira retirada de reflorestamentos constitui toda a base de fornecimento de matéria prima para as indústrias ligadas à madeira.

Também Goulart Filho (2016) explica que em 1955 havia 100 estabelecimentos comerciais em Caçador, destes 44 eram voltados à extração e beneficiamento de madeira. Com o esvaecimento das florestas de araucária por

volta de 1950, as empresas foram obrigadas a reinventarem a forma de extrativismo, passando a realizar reflorestamento de pinus ou da própria araucária. “Empresas que atuavam no período áureo da araucária continuam até hoje cortando, beneficiando e exportando madeira” (GOULART FILHO, p.223, 2016).

A expansão e desenvolvimento que Caçador vivia entre 1920 e 1950, em função da extração da madeira, possibilitou que outros segmentos também comessem a se desenvolver. Embora a extração da madeira, hoje o pinus, continue desempenhando papel fundamental na economia do município, com o passar dos anos, o desenvolvimento de Caçador passou a contar com o surgimento de outros segmentos, como: indústria de papel, de plástico, moveleira, construção civil, máquinas, calçados, couro, confecções, transportes, fios e cabos, agricultura, comércio, entre outras.

A indústria é o setor responsável por grande parte do movimento financeiro do município, e deu a Caçador o título de "Capital industrial do Oeste". Com mais de 230 estabelecimentos industriais, Caçador destaca-se como uma das cidades com maior potencial industrial, podendo ser observado pelo seu volume de produção, a qualidade e diversificação do seu parque industrial. A madeira sempre foi a principal fonte econômica na região. E a partir de suas próprias florestas, a indústria do município produz madeira serrada, celulose, papel/papelão, mobília, e entre outros derivados. Nos dias de hoje, com a implantação e conhecimento de novas tecnologias, a indústria da madeira deu grande salto no mercado passando a visar também a exportação, o que demonstra a qualidade e volume de produção dos produtos aqui industrializados. Além de oferecer Mão-de-Obra qualificada e alta tecnologia são também fatores de grande ênfase. Caçador tem em sua indústria, como destaque, o setor metal-mecânico, do couro e do calçado, de confecções e de plásticos (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAÇADOR, 2017).

Especificamente no caso de papel e papelão, Goulart Filho (2016) escreve que as primeiras indústrias que se instalaram em Caçador foram ainda no ano de 1940. Com a Bortollo & Pigol e a Pelaes e Hartmann, já em 1943 foram abertas mais cinco empresas, e em 1944 mais uma. Antes disso, em 1935 instalou-se a empresa Primo Tedesco, com uma pequena fábrica de pasta mecânica, passando a produzir no final da década de 1940 papelão e cartão-couro. Na região de Caçador, no ano de 1944, já havia 21 fábricas de pasta mecânica. Em 1951, esse número passou para 16; em 1955, para 20, e em 1961, para 16 (THOMÉ, 1995). Mais tarde, em 1942 surgiria também no município a Adami & Cia. Ltda. Esta, por sua vez, iniciou a atuação no segmento madeireiro, passando em 1956 para a razão social de Adami S.A. Madeireira.

O que se percebe é que a madeira possibilitou ao longo dos anos, o surgimento de várias atividades ligadas à sua extração, como a fabricação de caixas, esquadrias, marcenarias, laminados, compensados, papel, papelão, pasta mecânica. Além disso, outros segmentos que davam suporte à retirada da madeira também se desenvolveram, como é o caso das oficinas mecânicas de caminhões e tratores. (GOULART FILHO, 2016).

2.4.1 Datas e fatos que marcaram o período

Ainda conforme Varella e Thomé (1972), a expansão positiva que o município de Caçador viveu propiciou o surgimento de diversos outros estabelecimentos, entidades e empresas que colaboraram com o “Ciclo da Madeira” para o progresso do município. Para melhor compreensão, abaixo elencamos, em cada década, as principais conquistas e avanços do período.

2.4.1.1 Década de 1920 é marcada pela colonização

Mais imigrantes chegam à Vila Rio Caçador, que tinha na estrada de ferro seu principal atrativo. Na economia surgiram as primeiras serrarias que se instalaram nas proximidades dos trilhos e passaram a explorar a madeira nativa encontrada em abundância na região. No campo, os agricultores começaram a desenvolver plantações de trigo e uva. Em 1923 a localidade é elevada à condição de Distrito pertencente ao município de Campos Novos, através da lei municipal nº 289, de 9 de janeiro (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Já em 1924 é construída a ponte coberta de madeira sobre o Rio do Peixe, ligando o Distrito de Rio Caçador com o Distrito de Santelmo, este último pertencia naquela época ao município de Porto União da Vitória - Paraná. A ponte foi construída por iniciativa do empresário Antônio Bortolon, auxiliado pelas famílias Sorgatto, Ferreira e Bento. A ponte de madeira foi de fundamental importância para o desenvolvimento de Caçador, pois a união entre os dois distritos formou uma mesma cultura entre os moradores, fato que posteriormente contribuiu para a formação de um único município. Com a união feita pela ponte, dois lados passam a se desenvolver paralelamente, pois havia o interesse na venda de terras e são

comercializados os primeiros lotes urbanos no Distrito de Santelmo (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Já no lado Rio Caçador, onde atualmente é o centro da cidade de Caçador, o pioneiro e desbravador Francisco Corrêa de Mello dividiu as terras em lotes e passou a negociá-las principalmente para serrarias e comerciantes. Em função disso, até a atualidade é possível perceber que a grande maioria dos estabelecimentos comerciais estão instalados na margem esquerda do Rio do Peixe (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Em 1928, o distrito de Santelmo torna-se território catarinense quando passa a pertencer a Porto União. No mesmo ano, o casal Dante e Albina Mosconi fundaram o Colégio Aurora, outro marco de extrema importância para a colonização e desenvolvimento de Caçador. O método de educação do Colégio Aurora era referência em todo o Estado, sendo que famílias de todas as regiões traziam seus filhos para estudar no local (CAÇADOR ONLINE, 2017).

A década de 20 termina com mais dois grandes marcos; em 1929 é fundado o Tiro de Guerra e, no mesmo ano, Atílio Faoro construiu a primeira Usina Hidrelétrica em Caçador (CAÇADOR ONLINE, 2017).

2.4.1.2 Década de 1930 é marcada pela emancipação

Para vencer a resistência de Campos Novos pela independência, Caçador em 1932 passa a pertencer ao município de Curitibaanos, para dois anos depois conquistar a emancipação político-administrativa. Em 22 de fevereiro de 1934, foi criado o município de Caçador através do decreto estadual nº 508. Em 25 de março de 1934, o primeiro prefeito, Leônidas Coelho de Souza, é empossado, sendo então realmente estabelecido o município de Caçador. Com a emancipação, Caçador começa a proporcionar melhores condições, que implicam na chegada de mais colonos e indústrias. Instituições como a Comarca, o cartório, a delegacia de polícia, a prefeitura e bancos são instalados (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Em 29 de maio de 1934, é fundada a Escola Estadual Paulo Schieffler; em 1935 iniciaram as instalações da Paróquia São Francisco de Assis e do Instituto do Trigo, que mais tarde passou a ser identificada como EPAGRI. Antes disso, em 1933, faleceu Francisco Corrêa de Mello com 110 anos, deixando 12 filhos, 96 netos e mais de 200 bisnetos. Já em 1939 surge o Jornal A Imprensa. Na área da Saúde,

foram criados os hospitais São Luiz, em 1935, e São Francisco em 1938 (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Também em 1934, deu-se, por parte da igreja católica, a criação da Paróquia Francisco de Assis. Já em dezembro de 1935, as irmãs de São José, sediadas em Curitiba no Paraná, decidiram implantar um colégio em Caçador, o Colégio Nossa Senhora Aparecida (VARELLA E THOMÉ, 1972).

Já em 1935, a empresa Primo Tedesco se instala no município de Caçador e inicia suas atividades relacionadas à madeira (Goulart Filho, 2016). O fundador, Primo Tedesco, instalou uma fábrica de pasta mecânica que era movida por uma turbina instalada no Rio do Peixe (BAZZANELLA, 2008).

2.4.1.3 Década de 1940 - obtido o título de Capital Brasileira da Madeira

Na década de 1940, o setor madeireiro tornou-se a marca de Caçador para o mundo, proporcionando o título de maior produtor de araucárias da América do Sul, e a Capital Brasileira da Madeira. Calcula-se que nessa década foram mais de 4,5 milhões de pinheiros serrados, sendo 70 mil dúzias de tábuas por mês (THOMÉ, 1993).

Também foi na década de 40 que quatro empresas, que desenvolvem papel fundamental na economia de Caçador até o momento, instalaram-se no município. No ano de 1942, Adami e Sincol iniciaram seus trabalhos e, em 1944, a Madeireira Salamoni (Goulart Filho, 2016). Já no ano de 1948, Gerhard Fezer instalou a Fezer S.A. Indústrias Mecânicas (BAZZANELLA, 2008).

Outro reconhecimento alcançado por Caçador foi o de maior produtor de vinhos de Santa Catarina, título que durou até 1944, quando Caçador cedeu os distritos de Vitória e São Luiz para a criação do município de Videira (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Uma das entidades mais significativas foi criada em 2 de fevereiro de 1941 por grupo de empresários do ramo madeireiro, que se reuniram para a criação da Associação Comercial e Industrial de Caçador (ACIC).

A entidade, que serviria aos interesses dos grandes madeireiros de Caçador, foi se transformando, aos poucos, em referência, tanto para o município quanto para o Estado e país. Além disso, empresários associados eram auxiliados, com a divulgação de notas na imprensa da época, com o apoio da Acic (ACIC, 2017).

Outros acontecimentos importantes da década:

1944 – Construção da nova Estação Ferroviária em Alvenaria;

1947 – A primeira Igreja Evangélica “Assembléia de Deus” é inaugurada em Caçador pelo pastor Inocêncio Marchiori;

1947 – Inaugurado o primeiro cinema em Caçador;

Por fim, um dos momentos marcantes da década foi no ano de 1948, quando ocorreu a inauguração Rádio Caçanjurê, que será o tema do próximo capítulo desta pesquisa.

2.4.1.4 Década de 50 marcada pelo progresso

Ao longo da década de 1950, o município de Caçador continuou a se desenvolver de maneira intensa. Na agricultura, a produção de trigo e uva, facilmente escoada pela estrada de ferro, atingiu seu auge. O ramo madeireiro continuava predominante, com cerca de 200 serrarias existentes. A maior parte da madeira utilizada na construção da Capital Federal, Brasília, entre 1957 e 1960, era proveniente de Caçador (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Durante essa década, foram implantadas três agências bancárias, sendo: o Banco Nacional do Comércio, o Banco da Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A e o Banco Meridional da Produção S/A. A população de pouco mais de 15 mil habitantes já tinha à sua disposição uma agência dos Correios e as principais ruas da cidade estavam sendo calçadas (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Novas empresas abriram suas portas no município, como, por exemplo, em 1951, a Baú Madeiras, e, em 1953, a Poletto. Em agosto de 1954, foram iniciadas as atividades de curtimento de couros, nascendo a empresa Viposa (GOULART FILHO, 2016).

Outros acontecimentos importantes da década

1953 - Criado o distrito de Macieira;

1957 - Inaugurado em dezembro o Hospital de Caridade e Maternidade Jonas Ramos;

1958 - Caçador cede os distritos Rio das Antas e Ipoméia para o município de Rio das Antas

1959 - A Catedral São Francisco de Assis foi inaugurada depois de 20 anos de construção.

2.4.1.5 Década de 60 a 80 - A crise na madeira e a reinvenção da economia

Nas décadas de 60 e 70, os madeireiros perceberam que a reserva natural da floresta de pinhais no município estava esgotando-se e que não tardaria muito para a crise do ramo madeireiro. Com a escassez do produto, muitas serrarias foram fechadas e outras começaram a investir no reflorestamento de pinus. O primeiro empresário que investiu nesse processo foi Primo Tedesco, que mais tarde recebeu o título de comendador da árvore. A partir daí algumas indústrias despontam em outros ramos de mercado, como couro e metal mecânico.

Já na década de 1980, a situação ficou ainda mais delicada para o ramo madeireiro, pois foram implantadas leis ambientais mais exigentes, e o Ibama passou a fiscalizar as serrarias. O reflorestamento do pinus continuou sendo a solução encontrada pelos empresários para que seus negócios continuassem sobrevivendo (CAÇADOR ONLINE, 2017). Nesse mesmo período, com o início do corte das áreas reflorestadas, as indústrias caçadorenses começaram a beneficiar a madeira, produzindo móveis, papel e papelão.

A Indústria Sulbrasileira de Calçados S/A (Sulca) foi fundada em 1975, pelo grupo Berger. Já, em 1971, foi inaugurada a Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe (FEARPE), passando depois para Universidade do Contestado e, em dezembro de 2009, a ser a Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Já no começo da década de 1980, a empresa Sulca estava no auge de sua produção, empregando cerca de 3,5 mil pessoas de maneira direta e indireta. Inúmeros ateliês surgiram na cidade e em municípios vizinhos. Mais tarde, em 1991, viria a fechar as portas depois de uma crise, causando desemprego em Caçador (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Por volta dos anos de 1970, Caçador começou a receber imigrantes japoneses, os quais foram fundamentais na implantação da técnica da produção do tomate, pêssego, ameixa e flores. A partir da década de 80, o tomate passa a fazer parte da economia de Caçador, conferindo durante anos ao município o título de maior produtor do Sul do Brasil (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Também outro setor que se destaca na década de 1980 é o de transportes. O pouco investimento na malha ferroviária e a construção de trechos de asfalto

(Caçador – BR 116 em 1976, Caçador – BR 153 em 1983 e Caçador – Videira em 1985) incentiva ainda mais a prestação de serviços de transporte e destacam-se empresas como Reunidas e Transrodace (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Outros acontecimentos importantes das décadas.

1960 – Inaugurado o Aeroporto Municipal Carlos Alberto da Costa Neves;

1964 – O empresário Osvaldo Olsen fabrica o primeiro trator brasileiro, acelerando, assim, o desenvolvimento na área de máquinas;

1964 - Inaugurada as novas instalações do Colégio Marista Aurora;

1968 - Caçador fica como sede diocesana, recebendo como seu primeiro bispo Dom Orlando Dotti;

1967 – Inaugurada a Praça Nossa Senhora Aparecida;

1968 – No dia 6 setembro, foi inaugurado o atual prédio da prefeitura pelo prefeito Jucy Varella;

1976 - Inicia a construção do hospital Maicé, sendo inaugurado em 21 de fevereiro de 1979.

2.4.1.6 Década de 90 dedicada à exportação e anos 2000 voltados ao progresso

Nos anos 90, a indústria caçadoreense tem um crescimento acelerado, as madeiras passam a exportar mais, colocando Caçador como um dos principais exportadores de Santa Catarina. Na agricultura, o tomate passou a ser o principal produto agrícola cultivado. Outros setores que se destacaram foram o de confecções e da área plástica, esta última impulsionada pela criação da empresa Maxioplast em 1988. Nesse período, novas indústrias de pequeno e médio porte surgem. Um dos fatores negativos da década é a paralisação definitiva do transporte ferroviário. (CAÇADOR ONLINE, 2017).

O ano 2000 começa com modificações profundas na economia caçadoreense. Muitas empresas começam a sua recuperação da enorme crise que atingiu todo o país. Com a alta do dólar, as empresas são beneficiadas com as exportações, principalmente da madeira. Por outro lado, a abundância de matéria prima, como a madeira de reflorestamentos, fez com que novas e grandes empresas demonstrem interesse em se instalar em Caçador. Um exemplo é a indústria de compensados de madeira Guararapes (CAÇADOR ONLINE, 2017).

Atualmente, Caçador se fortalece com a introdução de novos cultivares ou com a retomada de antigos, além da crescente área de manipulação de alimentos à base de carnes, embutidos e derivados, queijos e compotas. Energizando como uma nova opção de divisas, a agricultura ganha destaque com a produção de hortifrutugranjeiros (ALÉSSIO, 2013).

Ainda de acordo com Aléssio (2013), a extração e a industrialização de madeira proporcionaram à economia caçadoreense o seu desenvolvimento inicial; porém, na atualidade, outros ramos da economia se desenvolveram, como o comércio. Caçador se tornou um destaque regional de compras e com um número significativo de empreendedores individuais (EI), cerca de 960 formalizados. Ainda segundo Aléssio (2013), no ano de 2008, existiam cerca de 4.100 empresas formais, gerando quase 21 mil postos de trabalho com empregos devidamente registrados.

Bernardy (2017) destaca que Caçador possuía, em 2015, uma média salarial de 2,5 salários, com 23.651 trabalhadores assalariados. Aponta também que, em 2011, o Produto Interno Bruto (PIB) do município era de R\$ 1.085.672 milhões.

3 RESGATE HISTÓRICO PELA PERCEPÇÃO DE TESTEMUNHAS

3.1 A RADIODIFUSÃO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO

Em 1947, a Rádio Caçanjurê foi implantada justamente em um período em que o município de Caçador vivia seu auge no desenvolvimento populacional e econômico, contava com a implantação de novas empresas e indústrias no município. O nascimento da emissora deu-se em função do desenvolvimento que o município conquistava, pois, uma sociedade em desenvolvimento necessitava de uma emissora de rádio para divulgar os fatos que aconteciam. Por outro lado, a Rádio proporcionou à população o acesso a informações que antes estavam mais distantes, auxiliando, assim, a continuidade do desenvolvimento local, especialmente nos quesitos social e cultural.

Conforme Comassetto (2007), o rádio em si apresentava um significado especial para os municípios que possuíam emissoras instaladas, pois ter uma rádio significava que eram considerados prósperos. Comassetto (2007, p.92) exemplifica que, como ocorreu em grandes centros do país, o rádio representava “às vilas que ainda se descobriam como cidades um símbolo de modernidade”. O pesquisador completa afirmando que “era o instrumento capaz de trazer o mundo até elas e de fazê-las sentirem-se parte da civilização” (2007, p.92).

Essa explicação sobre o real sentido de como a sociedade que estava se desenvolvendo interpretava a instalação de uma rádio no município é também enfatizada por Calabre (2002, p.10).

O país desejava mostrar-se próspero, saudável, desenvolvido, e, acima de tudo moderno. Assim sendo, não poderia haver momento mais propício para apresentar à sociedade brasileira uma das mais recentes novidades tecnológicas que encantava o mundo: o rádio!

Na visão de Comassetto (2007), as rádios modificaram a forma como as pequenas cidades, municípios ou vilas do oeste catarinense eram vistas, afinal, com as emissoras, esses locais não estavam mais isolados e distantes do desenvolvimento e da modernidade. Sendo assim, “o rádio é visto como um instrumento necessário para consolidar o progresso como também é uma decorrência dele” (2002, p.10).

O empresário Primo Zini, em entrevista a Comassetto (2007, p. 92), contextualiza a realidade caçadoreense em 1947, ano de instalação da primeira emissora de rádio do município: "Além dos viajantes, que obrigatoriamente passavam pela região, o comércio de madeira era forte. A cidade estava em desenvolvimento, percebia-se um progresso, mas que não mais se concebia sem a presença do rádio".

Nesse sentido, a efetivação da democracia participativa tem como condição fundamental a disponibilização de informações aos cidadãos. Tanto que outros municípios, na fase que antecedeu à radiodifusão, já se serviam do serviço de alto-falantes instalados em alguns pontos da cidade, os quais eram utilizados para informar e entreter a população.

Sen (2000) destaca que o acesso e o direito à informação é fator condicionante para a obtenção do desenvolvimento. Também na obra "Comunicação de massa e desenvolvimento", o escritor Wilbur Schramm (1970, p.19) exalta "o manancial inesgotável que a comunicação oferece para o desenvolvimento de um país a partir do momento em que ela for posta a serviço da motivação de uma comunidade para o progresso". Ainda para Schramm (1970), a interdisciplinaridade entre comunicação e desenvolvimento possibilita elaborar formas de intervenção compatíveis com as mudanças históricas a ela relacionadas.

Schramm (1970) afirma que, se houver mudanças representativas nos recursos e fluxos comunicacionais, isso vai incidir diretamente na maneira como a sociedade se organiza. "Se quisermos promover o desenvolvimento econômico, deverá haver uma transformação social, e, para que isso ocorra, devemos mobilizar os recursos humanos, e os problemas difíceis de ordem humana deverão ser resolvidos" (SCHRAMM, 1970, p.32). Nesse contexto, mesmo que sem intenção direta, a Rádio Caçanjurê deu contribuição fundamental para o desenvolvimento local.

Embora o acesso à informação não garanta que o processo de comunicação seja eficaz, é fato que a disponibilização de informação para a sociedade é um processo fundamental em sociedades democráticas para o desenvolvimento. Nessa conjuntura, até o ano da implantação da Rádio em Caçador, que se deu em 1947, a sociedade local dependia apenas do conteúdo produzido por emissoras de cidades maiores, como, por exemplo, São Paulo e Porto Alegre. Para Sen (2000), o desenvolvimento extrapola o mero acúmulo de bens materiais, apontando para uma

“qualidade de vida” da pessoa, de uma comunidade, de uma região, ou seja, como estas vivem, como crescem e se abrem para o mundo, mas sem abandonar as tradições ou raízes culturais.

Quando a radiodifusão faz parte deste processo, ela se torna um fator de desenvolvimento, pois, seja dialogando ou escutando rádio, recebemos uma gama de informações e uma bagagem formativa que pode contribuir para a nossa construção e desenvolvimento como indivíduo, como ser humano presente na sociedade ou comunidade, levando em conta que a comunicação é um processo ativo e não passivo (RUAS, 2004). Desta forma, o rádio é fundamental na mobilização da opinião pública, transformando-se em instrumento de conscientização, de reivindicação ou de exigência de melhorias sociais e comunitárias, pois o cidadão é afetado pelas informações e opiniões que fluem sem parar, por meio da imprensa, rádio e televisão, “sendo inconcebível, no mundo contemporâneo, descartá-lo no diagnóstico do processo de desenvolvimento...” (RUAS, 2004, p. 32).

Conforme apresentaremos mais à frente, o rádio em Caçador atuou de maneira quase que isolada no processo de fornecer informações e entretenimento aos moradores locais e de aproximar, muitas vezes, os que estavam distantes. Essa não é uma peculiaridade apenas de Caçador, segundo Ruas (2004, p. 85), pois, “durante a história, não houve nenhum outro veículo que colaborasse tanto para a integração como o rádio, tornando-se, pelo alcance, presença marcante em qualquer processo de desenvolvimento”.

Ainda no tocante ao tema da radiodifusão, mais direcionado ao desenvolvimento local, a autora esclarece que tanto a radiodifusão quanto o desenvolvimento são processos que criam e recriam suas próprias e específicas formas de intervenção no cotidiano das comunidades.

Contribuem para trazer novas formas de produzir e compartilhar experiências, reavivar a participação cidadã, fazer crescer a democracia e ainda para que cada um encontre razões para viver dentro do espírito ético e de cidadania, na comunidade. Ambos surgiram como opções inovadoras no sentido de mobilizar e dinamizar a comunidade, de modo que ela possa utilizar os recursos disponíveis com criatividade e, assim, conquistar coletivamente uma melhor qualidade de vida (RUAS, 2004, p. 90).

Sendo assim, a radiodifusão faz parte desse processo de desenvolvimento regional como fator que merece destaque quando atua com a prestação de serviço,

ao debater as necessidades básicas da comunidade, entre outras ações que desenvolve em sua programação. A Rádio Caçanjurê manteve desde sua fundação programas voltados a informar e atender às necessidades básicas da população, até mesmo auxiliando na realização de campanhas sociais. Desta forma, contextualizamos de maneira introdutória o papel que o rádio desempenha desde a sua criação perante o desenvolvimento da sociedade. Esta questão será abordada de maneira detalhada nos próximos dois capítulos, em que a constatação é realizada por intermédio de relatos de ouvintes, funcionários, ex-funcionários, proprietários e ex-proprietários.

3.2 RÁDIO CAÇANJURÊ: A 13ª EMISSORA MAIS ANTIGA DE SANTA CATARINA

A década de 1940 (1948 é o ano em que a Rádio Caçanjurê entrou no ar) foi um período expressivo para o desenvolvimento de Caçador. A madeira passava por um ciclo importante, continuava predominante com cerca de 200 serrarias no município. O trem transportava o produto até os consumidores, que, no caso, seria utilizada, em sua maior parte, na construção da Capital Federal, Brasília, até por volta de 1960. Várias famílias imigrantes continuavam se instalando no município. A agricultura, com a produção de trigo e uva, era facilmente escoada pela estrada de ferro. A situação econômica conspirava a favor do município, porém o processo de comunicação ainda era arcaico, pois não havia telefones e a comunicação entre empresas e famílias dava-se, na maioria das vezes, por rádio amador, fato que retomaremos mais à frente, ainda nesse capítulo, depois de contextualizar a Rádio Caçanjurê no universo de emissoras de Santa Catarina no ano de 1948.

A Rádio Caçanjurê foi uma das primeiras rádios a serem instaladas no estado de Santa Catarina. Embora praticamente inexistam obras e relatos que justifiquem qual foi o real objetivo de instalação da rádio em Caçador, o fato de ter sido a emissora de número 13 a ser implantada no Estado faz com que a Rádio Caçanjurê ocupe espaço de destaque na história da radiodifusão catarinense.

Anteriormente à Caçanjurê, as rádios existentes em Santa Catarina eram as seguintes: Clube de Blumenau, na cidade de Blumenau, instalada em 19 de março de 1936; Difusora de Joinville, da cidade de Joinville, em 1 de fevereiro de 1941; Difusora de Itajaí, da cidade de Itajaí, em 26 de outubro de 1942; Guarujá, na cidade de Florianópolis, em 14 de maio de 1943; Catarinense, na cidade de Joaçaba, em 6

de julho de 1945; Difusora de Laguna, na cidade de Laguna, em 23 de janeiro de 1946; Rádio Araguaia, da cidade de Brusque, em 6 de setembro de 1946; Mirador, na cidade de Rio do Sul, em 13 de março de 1947; São Francisco, na cidade de São Francisco do Sul, em 23 de março de 1947; Tubá, na cidade de Tubarão, em 8 de maio de 1947; Clube de Lages, na cidade de Lages, em 25 de agosto de 1947; Clube de Canoinhas, em Canoinhas, em 26 de junho de 1948. A Rádio Caçanjurê¹¹ foi inaugurada em 29 de junho de 1948. No meio oeste catarinense, além da Rádio Caçanjurê e da Rádio Catarinense em Joaçaba, a região passaria a contar com mais uma emissora a partir de 30 de setembro de 1949, no município de Videira, com a implantação da Rádio Videira (MEDEIROS e VIEIRA, 1999).

Nesse contexto do surgimento das primeiras emissoras de rádio em Santa Catarina, Comassetto (2007) destaca que foi um processo mais tardio, pois quando o rádio chegou ao estado catarinense, as primeiras emissoras nacionais, como, por exemplo, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro já estavam devidamente organizadas há mais de uma década.

Quando o rádio foi introduzido no Brasil, Santa Catarina particularizava-se por sua organização em pequenos aglomerados urbanos e pela existência de uma metrópole, ao contrário do que já se verificava no Sudeste e nos demais estados do Sul do País (COMASSETTO, 2007, p. 77).

Para Severo e Gomes (2009), esse processo mais tardio se justifica porque, naquela época, o Brasil passava por algumas restrições de liberdade. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e da ditadura do governo de Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945, o Brasil viveu os tempos da retomada do Estado Democrático. Ainda para Severo e Gomes (2009), o clima de euforia se refletiu naturalmente no sistema de radiodifusão, com a implantação das primeiras rádios catarinenses. O fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, permitiu o retorno da produção de aparelhos de rádio e de equipamentos de transmissão. Segundo os dados publicados nos Anuários Estatísticos do IBGE, entre os anos de 1940 e 1944 foram inauguradas 39 novas emissoras de rádio, e, no período de 1945 a 1949, foram 79 novas emissoras. Na década de 1940, o número de emissoras de rádio cresceu na ordem de 100% no Brasil.

¹¹ Nome indígena que significa belo e formoso. A emissora teve como primeiro prefixo ZYZ-7, e frequência de 1550 quilociclos. Mais tarde a estação passou a operar como ZYH-208, com 1520 quilociclos (Medeiros e Vieira, 1999).

Já em Santa Catarina, no ano de 1947, o estado votava à sua Constituição, e Nereu Ramos deu lugar no governo a Aderbal Ramos da Silva. Essa troca de nomes na política catarinense ajuda a compreender a massificação na distribuição de emissoras pelo interior do Estado até a década de 1950. Aderbal Ramos da Silva “logo percebeu o grande “cabo eleitoral” que o rádio poderia ser para seu partido” (MEDEIROS e VIEIRA, 1999, p. 49). Ainda sobre isso, Medeiros e Vieira (p. 49) afirmam que “o partido político, nessa fase, foi o grande agente do desenvolvimento do rádio, não só no estado, mas em todo o país”.

Por sua vez, Comassetto (2007) esclarece que, no período em que as primeiras rádios foram instaladas no interior do Estado, as emissoras não tinham independência econômica, servindo sim a interesses políticos e econômicos maiores. Para a sustentação das emissoras, “o maior problema dos primeiros tempos era mesmo a fragilidade econômica dos municípios mais isolados” (COMASSETTO, 2007, p. 93).

O fato é que algumas emissoras da época surgiram sim com o propósito de servir a interesses (sobretudo, políticos) de determinados grupos. Mas não é o caso de todas elas. Algumas, em função de problemas econômicos enfrentados para sua sustentabilidade, como a falta da estruturação do setor comercial, passaram a ser administradas por grupos que detinham interesses de se comunicar com a grande massa da população. Essa é, por exemplo, a realidade da Rádio Videira AM, do município de Videira, e da Rádio Rural AM, no município de Concórdia, que, respectivamente, atendiam a interesses maiores (políticos e econômicos) das empresas Perdigão e Sadia (COMASSETTO, 2007).

Este é um dos pontos considerados mais relevantes desta pesquisa, que é diagnosticar o que de fato motivou os fundadores da Rádio Caçanjurê a encampar a ideia de que uma emissora deveria ser instalada em Caçador. Essa é uma questão desafiadora a ser respondida, tendo em vista a falta de registros bibliográficos ou até mesmo de depoimentos dos fundadores sobre a questão. Todos os primeiros sócios, Lucas Volpi, Osni Schwartz, José Rossi Adami e Manoel Müller, já faleceram. Desta forma, nos baseamos em depoimentos de pessoas que tiveram alguma ligação com a Rádio Caçanjurê e foram entrevistadas sobre o assunto no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

No total, cinco anos separam a implantação da primeira rádio, a Clube de Blumenau, em 1936, da implantação da segunda emissora em Santa Catarina, a

Difusora de Joinville, em 1941. Esse é um dado importante para compreendermos as dificuldades que foram enfrentadas pelos pioneiros da radiodifusão catarinense no começo da história das rádios. A exemplo da Rádio Clube de Blumenau, em 1936, as demais, quando fundadas, também possuíam o objetivo de “fazer do rádio um instrumento a serviço da cultura” (COMASSETTO, 2007, p. 78). Essa informação relacionada à cultura é o ponto de partida para explicarmos como nasceu a Rádio Caçanjurê em Caçador.

3.3 DE UM ALTO FALANTE, NASCE A CAÇANJURÊ

Embora existisse a partir de 1945 o interesse do Governo do Estado em que mais rádios fossem abertas, a maior parte das emissoras catarinenses surgiram como consequência de um trabalho prestado às comunidades em que estavam inseridas. Havia, naquela época, alto-falantes instalados em pontos altos e estratégicos das cidades. O sistema era utilizado para transmitir informações à população. Pelos alto-falantes, eram divulgadas as mais variadas informações, como anúncios de festas e bailes, notas de falecimentos, recados das prefeituras. Em alguns casos, esse sistema era instalado na torre das igrejas católicas e a própria igreja se valia do sistema para se comunicar com os fiéis e transmitir missas.

No município de Caçador, a história que antecede a fundação da Rádio Caçanjurê não foi diferente.

[...] o rádio, a princípio, foi visto como o substituto do alto-falante, que, “aos domingos, reunia as pessoas no bar do clube (Apolo) que dava de frente para a prefeitura e onde eram lidas as notícias da cidade, feitas brincadeiras e realizadas apresentações de artistas locais” (TELK, apud COMASSETTO, 2007, p. 92).

Igualmente a Comassetto, Severo e Gomes (2009), na obra “Memória da Radiodifusão Catarinense”, também registraram que a Rádio Caçanjurê nasceu por intermédio de um alto-falante instalado em um clube da cidade por um dos que viria a ser sócio da emissora, Lucas Volpi.

Uma das emissoras mais antigas do Estado teve origem em 1947 com o serviço de alto-falante instalado por Lucas Volpi no Clube 1º de Maio, no velho casarão no centro de Caçador. O som funcionava das 17 às 22 horas, servia para animar bailes e Matinês dançantes. Marchas, valsas, boleros, tangos, fox-trot, mazurcas e outros ritmos ecoavam de um gramofone. O operador do equipamento tinha que ficar atento não só ao final da música, como também à manivela, para dar corda ao aparelho. Lucas Volpi

encontrou o parceiro Osny Schwartz e juntamente com José Rossi Adami e Manuel Muller conseguiram a concessão. (SEVERO e GOMES, 2009, p. 134).

Entre as décadas de 1940 a 1950, municípios como Joaçaba, Caçador e Videira recebiam grande número de pessoas de outras regiões, como consequência da política de colonização e pela presença das estações de trem. A região vivia o seu pleno desenvolvimento e, desta forma, uma estação de rádio era uma necessidade para ligar o interior catarinense ao mundo (COMASSETTO, 2007).

[...] além dos viajantes, que obrigatoriamente passavam pela região, o comércio de madeira era forte. A cidade estava em desenvolvimento, percebia-se um progresso, mas que não mais se concebia sem a presença do rádio (ZINI, apud COMASSETTO, 2007, p. 92).

Na década de 1940, na maior parte dos municípios, as pessoas se utilizavam de radioamadores para poderem se comunicar. Em caçador, a situação não era diferente. Com a ausência de telefones e de uma emissora de rádio, o radioamador era utilizado como meio de comunicação para que as famílias e empresas pudessem se comunicar. Embora com apenas 12 anos quando a Rádio Caçanjurê foi fundada, Diva Adami Telck¹², que é filha de um dos fundadores da emissora, José Rossi Adami, relembra que a Rádio Caçanjurê foi criada com o intuito de proporcionar à população o acesso à informação.

Ele (José Rossi Adami) era radioamador, e tinha o “Shack”, que era o lugar aonde eles tinham toda a aparelhagem e ele tinha em casa. Meu pai conversava com meu tio e com todo mundo. Antigamente não existia telefone e outros meios de comunicação, por isso eles usavam o rádio amador, facilitando a vida de todos com essa tecnologia na época. Logo após surgiu a Rádio Caçanjurê, que veio facilitar a vida das pessoas, porque quase todos tinham o rádio, sendo mais fácil e rápida a informação. Foi meu pai (José Rossi Adami), juntamente com os seus sócios, que iniciaram a rádio Caçanjurê em Caçador [...]. Meu pai administrava a rádio, depois ele vendeu e quem comprou foi o Osni Schwartz, que era casado com uma irmã do Osmar Telck¹³, que veio a ser meu esposo mais tarde. Meu pai falava sempre que começou a rádio em Caçador porque gostava disto (TELCK, 2017).

¹² Diva Adami Telck possui 82 anos e é uma das filhas do empresário falecido e fundador da Rádio Caçanjurê, José Rossi Adami. Entrevista concedida à pesquisadora no dia 5 de julho de 2017.

¹³ Osmar Telck faleceu em 24/02/2011. Casou-se com Diva Adami Telck em 1950. Em 1948 iniciou carreira na Rádio ZYZ 7 Caçanjurê, no período noturno, porém, durante o dia, trabalhava no cartório civil da cidade de Caçador como Escrevente Juramentado, onde, mais tarde, assumiu o cargo de Escrivão (CAÇADOR ONLINE, 2017).

O ex-funcionário da Rádio Caçanjurê, Salomão Ribas Junior¹⁴, afirma que, mesmo na atualidade, sendo uma lacuna difícil de ser preenchida com informações, o surgimento da Rádio Caçanjurê está fundamentado no desejo de alguns apaixonados pela radiodifusão. Como anteriormente relatado por Diva Adami Telck para Ribas Junior (2017), a emissora nasceu com o objetivo de atender especialmente a interesses culturais e educacionais.

Difícil precisar a motivação da população ou a influência de políticos no processo inicial das emissoras de rádio daquele período. No fundo eram grupos de pessoas, aficionados do rádio e unidos pelo amor à novidade, que fundavam os Clubes de Rádio ou Rádio Clubes com o objetivo de criarem um novo meio de comunicação com objetivos culturais e educacionais. Até mesmo a divulgação de notícias jornalísticas ainda permaneceria muitos anos no domínio dos jornais impressos. As notas de utilidade pública de interesse geral ou de interesse particular é que foram, aos poucos, tomando conta de espaços expressivos na programação radiofônica. A motivação das pessoas que lideraram o processo de criação da Rádio Caçanjurê foi, seguramente, fruto desse idealismo de pequeno grupo sem, ainda, uma preocupação maior de toda a coletividade. Isso só viria a acontecer mais tarde com a identificação dos colonizadores da região com a ideia de uma comunidade, de uma cidade. É quando os imigrantes se transformam em cidadãos. Em 1947 Caçador diferia pouco de um acampamento com pessoas vindas de todos os lados na esperança de uma vida melhor a partir da exploração da madeira. Assim, pode-se dizer que aqueles idealistas, mesmo que com alguma expectativa de lucro, deram uma notável contribuição para que a cidade se conhecesse melhor e passasse a dar mais importância ao coletivo, ao interesse geral, o que conhecemos hoje como interesse público. Durante muitos anos a rádio não foi utilizada por interesses partidários. A cidade era pequena, todos se conheciam e as disputas eram maiores em torno da propriedade do que do domínio político (RIBAS JUNIOR, 2017).

Outra fonte entrevistada nesta pesquisa com a intenção de obter informações mais fidedignas das reais intenções dos fundadores da emissora em 1947 é o empresário aposentado Ernesto Faoro¹⁵, uma das pessoas com mais idade (104 anos) que reside em Caçador. Faoro reforça que tem como lembrança que a Rádio Caçanjurê nasceu com a vocação de informar e divertir a população.

Lembro-me que José Adami e o Osmar Telck iniciaram o rádio em Caçador. Naquela época o Adami comprou o rádio para o genro dele (Osmar Telck), e inicialmente a rádio Caçanjurê funcionava como alto falante no Clube Sete

¹⁴ Salomão Ribas Junior é formado em direito, radialista e jornalista provisionado, tendo atuado na imprensa como profissional e como colaborador. Desde 1992 é o titular da cadeira 38 da Academia Catarinense de Letras. Trabalhou na Rádio Caçanjurê por volta de 1961. Entrevista concedida à pesquisadora no dia 2 de junho de 2017.

¹⁵ Ernesto Faoro possui 104 anos, nasceu em Antônio Prado no Rio Grande do Sul em 15 de abril de 1913 e mora em Caçador há 82 anos. Além de empresário, exerceu o cargo de vereador, presidente, secretário e tesoureiro da Associação Empresarial de Caçador (ACIC). Entrevista concedida à pesquisadora no dia 4 de junho de 2017.

de Setembro e era Telck que cantava, e assim iniciou o movimento de variedades de diversas músicas. O Adami e Osmar iniciaram a rádio sem influência alguma, a rádio não se envolvia com política, e eles criaram a rádio para informar a população caçadoreense e divulgar a cultura e os artistas de Caçador (FAORO, 2017).

Igualmente, Primo Zini¹⁶ (2016), que trabalhou na Rádio Caçanjurê entre os anos de 1951 a 1956, enfatizou que a Rádio Caçanjurê foi fundada com a intenção de servir à comunidade.

No início, a rádio trabalhava em caráter experimental, já em 29 de junho de 1950 recebeu o indicativo de ZYZ-7. Trabalhei com os primeiros sócios, um deles era Adelar Antônio Gattermann. Os sócios sempre queriam fazer o melhor, caprichar para que a rádio fosse bem ouvida e a população ficasse bem informada, por isso que a gente fazia de tudo (ZINI, 2016).

Comassetto (2007) esclarece que algumas emissoras de Santa Catarina, por exemplo, nos municípios de Concórdia, Joaçaba e Videira, foram utilizadas com finalidade política. Para Telck (2017), esse fato não teria acontecido com a Rádio Caçanjurê. “Meu pai trabalhava na Empresa Adami e quase nem ficavam na rádio, quem noticiava era Osni Schwartz. A rádio era pequena, não envolvia política, buscávamos informar as pessoas e tocar músicas e outros entretenimentos” (TELCK, 2017).

É importante enfatizar, como observou Comassetto que a chegada do rádio em muitos dos pequenos municípios representava um “símbolo da modernidade”, “visto como instrumento necessário para consolidar o progresso, sendo também decorrência dele” (2007, p. 92).

Conforme relatado por Salomão Ribas Junior, em 1940 em Caçador o meio de comunicação utilizado por parte da população para se manter informada era o jornal impresso chamado de “A Imprensa”. O jornal era de propriedade de Cid Gonzaga e Zany Gonzaga, que, se faz necessário enfatizar, nada tiveram a ver com a implantação da rádio no município. Naquela época, os exemplares do A Imprensa circulavam semanalmente, e como é possível constatar ainda nas capas dos exemplares ainda existentes no Acervo Histórico do município de Caçador, o jornal circulava com o objetivo de divulgar ações de interesse do município, do estado e do

¹⁶ A entrevista foi realizada pela pesquisadora com Primo Zini no dia 20 de maio de 2016, na cidade de Caçador. Primo Zini é um contador aposentado e tem 87 anos. Natural de Piratuba (SC), mudou-se para Caçador com 21 anos, depois de ser escolhido em um concurso realizado pela Rádio Caçanjurê. Nos próximos capítulos desta pesquisa, haverá melhor contextualização sobre a atuação de Zini na rádio.

país. Os jornais mais antigos que ainda existem são dos anos de 1943, 1944 e 1945. Já referente aos anos de 1946 até 1949, que é o período de fundação da Rádio Caçanjurê (1947 e 1948), em que poderiam ser encontradas matérias jornalísticas sobre o assunto, não foram encontrados exemplares no Acervo Histórico de Caçador.

3.4 A RÁDIO CAÇANJURÊ DE POSSE DA IGREJA CATÓLICA

De acordo com os registros históricos da emissora disponível na internet no endereço eletrônico [*http://www.radiocacanjure.com.br*](http://www.radiocacanjure.com.br)¹⁷, em 1948, com apenas um ano de existência, a emissora foi destruída em um incêndio na casa em que funcionava (HISTÓRICO, 2017). Após ter a estrutura física e, conseqüentemente, sua documentação queimada, a rádio foi transferida naquele mesmo ano para o edifício Gattermann, no Largo Caçanjurê. Os sócios Lucas Volpi, Osni Schwartz, José Rossi Adami e Manoel Müller decidiram vender a emissora para Adelar Gattermann.

Severo e Gomes (2009) nos auxiliam a compreender de maneira mais clara o que teria acontecido de fato, no dia em que a emissora foi acometida por um incêndio. “Em 1949, quando foram feitas as primeiras transmissões de futebol, com o narrador Ari Emetério de Paris, a emissora foi destruída por um incêndio, voltando a funcionar no ano seguinte (...)” (p.134).

Referente à programação mantida pela emissora nesse período, apurou-se que, quando esteve a Rádio Caçanjurê na propriedade de Adelar Gatterman, surgiram os primeiros programas.

“Adelar, em depoimento de 29 de junho de 1999, lembra quando a rádio funcionava das 16h às 20 horas. Um dos primeiros programas foi o ‘Pedido Musical’, apresentado por Ilka Helena, voltado a dedicar canções entre os ouvintes. Outro programa se chamava ‘A sua Música Querida’, com Osmar Telck” (CAÇADOR ONLINE, 2007).

Naquela época a rádio funcionava das 16 às 20 horas (Medeiros e Vieira, 1999). A partir da propriedade de Gattermann em 1949 e nas duas décadas seguintes, o direito de outorga da rádio passou por vários proprietários, os quais

¹⁷ Consulta realizada no referido endereço eletrônico em 16 de junho de 2017.

esta pesquisa não conseguiu quantificar nem nominar. Uma das pessoas entrevistadas, Ernesto Faoro¹⁸, ajuda-nos a compreender os motivos que levaram Adelar Gattermann a se desfazer da emissora. “O Adelar trabalhava comigo e, como ele não tinha tempo de cuidar da rádio, ele decidiu vender” (FAORO, 2017).

A rádio Caçanjurê, embora não tenha sido documentalmente transferida para nenhum dos proprietários que teve depois de Adelar Gattermann, ao longo de 20 anos ficou sob a responsabilidade de diversas pessoas, entre eles, os próprios comunicadores que trabalhavam na emissora. A maior parte, senão todos, já morreu e não há registros, sejam oficiais ou não, que comprovem os nomes dos que administraram a emissora no período. No entanto, na década de 1960, a Rádio Caçanjurê pertenceu à igreja católica do município de Caçador.

O empresário Augusto Antônio Francio¹⁹ (2017) foi uma das pessoas que manteve ligação com a Rádio Caçanjurê na época em que esta pertenceu à igreja católica. Ele fazia parte da diretoria que auxiliava na administração da igreja. Francio relembra que, de 1950, quando a rádio pertencia a Adelar Gattermann, até 1969, quando oficialmente foi passada aos novos proprietários, Raul Tomazoni e Elias Colpini, a Rádio Caçanjurê passou também pela propriedade da Igreja Católica de Caçador e pela responsabilidade de diversas pessoas, como os próprios locutores.

A rádio estava registrada no nome do Adelar Gattermann, então ele era o responsável legal. Depois ele se cansou e vendeu para um terceiro, se eu não me engano, um tal de Ferruchio²⁰. Mas depois, novamente, esta rádio ficou sem administração, estava sempre um caos, porque as receitas daquela época eram muito pequenas, não cobriam os custos, precisava sempre alguém dar uma doação, tinha dificuldades, a cidadezinha era pequena, o comércio não acreditava, não sustentava, então ele, mais a mulher dele, mais alguns funcionários que gostavam da rádio trabalhavam por pouco dinheiro, faziam publicidade, mas não tinha contabilidade, não tinha livros fiscais, não tinha nada. Aquilo foi um caos por um longo período. Então parece-me que esse Ferruchio resolveu ir pra Palmas e deixou na mão de um administrador, mas a rádio não funcionava bem, não tinha documentação, não tinha nada. Então o padre vigário, que era naquela época o vigário da Catedral, que era o padre Bernardo Hugo, ia transmitir

¹⁸ Ernesto Faoro tem 104 anos, nasceu em Antônio Prado no Rio Grande do Sul em 15 de abril de 1913 e mora em Caçador há 82 anos. Além de empresário, exerceu o cargo de vereador, presidente, secretário e tesoureiro da Associação Empresarial de Caçador (ACIC). Entrevista concedida à pesquisadora no dia 4 de junho de 2017.

¹⁹ Entrevista realizada pela pesquisadora com Augusto Antônio Francio no dia 29 de março de 2017 na cidade de Caçador. Augusto Antônio Francio tem 74 anos e é empresário, proprietário do grupo FRAMEPORT. Mudou-se do Paraná para Caçador em 1949, aos seis anos, juntamente com a família aos seis anos.

²⁰ Embora concentrados esforços para se ter a escrita correta do sobrenome, bem como do primeiro nome, a pesquisa não obteve êxito. Desta forma, não se sabe se a grafia correta é “Ferruchio” ou “Ferruccio”.

programas religiosos e eles ofereceram essa rádio para ele e ele ficou interessado. Então imprimiu-se um cunho cristão na rádio, além de arrumar as finanças. O padre fechou o negócio, mas ele precisava de um técnico, e convidou o Vitorino Giacomel. Ele entendia muito bem da parte elétrica e eletrônica daquela época que era muito simplória, não tinha nada digital. Aí eu me lembro que ele conversou com um juiz e perguntou o que achava da ideia da rádio ser da igreja, e o juiz incentivou a fazer isso. Aí ele nos convocou, como eu era Congregado Mariano, junto com o Luiz Francisco Faltêncio Paganelli, que era vereador naquela época, e junto com outros rapazes da igreja católica, ele perguntou se nós estaríamos dispostos a ajudar. Ele explicou que estava planejando convidar a Rádio Aparecida, para eles mandarem técnicos para orientar como poderia ser conduzida a rádio. Eles tinham o modelo de programação, como é uma emissora católica, e eles poderiam nos orientar. E assim sucedeu, uns 15 a 20 dias depois, apareceram três técnicos da Rádio Aparecida e ficaram uma semana explicando como tinha que fazer a programação, como é que se contratava locutor e tudo mais. Fez-se um elenco e o padre Bernardo Hugo fez toda essa anotação e nós éramos aqueles que ajudavam, porque na realidade o padre coordenava isso. Ele fazia essa organização para aprender, aí, quando ele mais ou menos entendeu, assumiu a rádio. Fizeram um contrato com aqueles que eram os donos intermediários, que eles entregavam tudo sem reclamar nada, que não tinham direito mais. Mas tinham que pedir para o Adelar Gattermann, porque ele que era o dono oficial, e o Gattermann nos disse: "Não tem problema, traga a papelada e eu assino tudo, não tem problema nenhum. Padre, fique sossegado que não me interessa mais aquilo, eu não tenho condições de tocar e, para organizar, eu preciso muito dinheiro e eu não tenho dinheiro". Então, como ninguém se interessava mesmo por aquela rádio, aí começou a programação, e a rádio começou a melhorar os programas" (FRANCIO, 2017).

Também Faoro (2017) recorda de que a emissora, depois de Adelar Gattermann, passou pela propriedade de alguns locutores, entre eles, o "Ferruchio" ou "Ferruccio". "O Ferruchio era um grande artista e tinha vários programas feitos por ele. Tinha um programa no amanhecer que ele fazia muito bem. Depois o Ferruchio vendeu a rádio e foi embora de Caçador" (FAORO, 2017).

Bazzanella (2017)²¹, que atuou como comunicador na Rádio Caçanjurê entre 1967 até meados de 1970, também possui viva na memória as lembranças do antigo proprietário Ferruchio. "Darci Refosco Ferruchio, ele foi proprietário da rádio. Ele montou a Rádio Bom Jesus em Palmas quando ele vendeu aqui" (BAZZANELLA, 2017). A passagem de Ferruchio pela Caçanjurê foi marcante pela maneira com que realizava os programas. Bazzanella lembra que a emissora ficava no centro da cidade, no edifício Gattermann, e que havia uma corneta que os locutores ligavam para tocar música para a população do lado de fora ouvir. "Ferruchio fazia o Jacó da janela da rádio, um programa que ele ficava na sacada falando, mexendo com as

²¹ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 23 de março de 2017.

peessoas e largava na corneta, então era uma coisa diferenciada o programa dele, era bem diferente, interessante” (BAZZANELLA, 2017).

Frâncio (2017) relembra que a Rádio Caçanjurê estava em plena atuação, porém funcionava sem a documentação legal. Por longos anos, a Rádio Caçanjurê, embora estivesse legalizada perante o Ministério das Comunicações, atuou sem documentação. O material foi extraviado e foi por meio da Igreja Católica que ocorreu empenho para que fossem localizados os documentos (FRÂNCIO, 2017).

Nós, com o Luiz Paganelli, começamos a trabalhar durante muitas noites para tentar encontrar um fio de meada, uma documentação, pois ninguém tinha documento nenhum dessa rádio. Começamos a pesquisar no Ministério das Comunicações, até que enfim um dia apareceu, descobrimos documentos que falavam sobre a concessão da rádio, quem eram os donos legais, como que era, e outras informações. E assim conseguimos um documento para legalizar a situação. Nesse mesmo período, a rádio começou a andar bem financeiramente. Ela começou a ter resultado, tinha funcionários, o pessoal ajudava. Depois foi criado um sistema parecido com o da Rádio Aparecida, com sócios, amigos da rádio, o pessoal contribuía com um dinheirinho, então foi resolvendo o problema financeiro e foi melhorando” (FRÂNCIO, 2017).

Após toda a organização documental, embora a emissora nunca tenha pertencido legalmente com documentos oficiais à Igreja Católica de Caçador, em 1969 a Rádio Caçanjurê foi adquirida pelos sócios Raul Tomazoni e Elias Colpini (FRÂNCIO, 2017).

Naquela época quem gostava de publicidade era o Pastor Elias ²² e nós conversávamos bastante com ele sobre a situação da rádio. Nesse ínterim, aconteceu que foi nomeado o primeiro Bispo de Caçador, Dom Orlando Dotti, e ele veio para Caçador. Vi que o Dom Orlando era uma pessoa aberta ao desenvolvimento e eu sempre achava que a rádio não era um negócio bom para a igreja, porque a igreja não tem que ter negócios. E comecei a conversar com o Dom Orlando, questionando se ele achava que a rádio era um bom negócio para a Diocese. Eu me lembro que comecei a conversar com o pastor Elias e ele estava sempre entusiasmado e disse que deveria comprar a rádio. Então ele falou que assumiria se houvesse dívidas, que iria pagar e honraria sempre os horários das missas e dos noticiários da catedral. Para o pastor Elias, essas exigências de horário não eram um problema, pois ele também era cristão, mesmo não pertencendo à igreja católica. Então montei uma ideia e fui falar com o Dom Orlando Dotti e disse: “Dom Orlando, eu estou pensando que para a igreja, desde que tenhamos a certeza de que seja uma pessoa cristã que vai administrar, a rádio não precisa necessariamente ser de posse da igreja católica. O que o senhor acha dessa ideia, se eles preservarem para sempre a obrigação da transmissão das santas missas e das cerimônias religiosas como sempre foi feito até agora? Existe um grupo de rapazes que estão interessados em adquirir a rádio, e eles assumem inclusive a legalização, já que ela ainda não está legalizada em nome da Paróquia de São Francisco de Assis e por

²² Elias Colpini é popularmente conhecido em Caçador como Pastor Elias, pois é a função que ocupou junto à Igreja Metodista até aposentar-se.

consequência da Diocese”. Dom Orlando disse prontamente que a igreja tem que pregar o evangelho, e se ela tivesse as ferramentas para pregar o evangelho, não via problema. Disse que o negócio da igreja não era ganhar dinheiro, o negócio da igreja é pregar o evangelho, sendo essa a missão. Então falei para ele: “Dom Orlando, o senhor é o bispo diocesano, o senhor tem que me dizer o que acha da ideia e se concorda, porque eu vou fazer o seguinte, converso com eles e depois organizo uma reunião com o senhor e a bênção final o senhor faz”. Ele me respondeu: “Perfeitamente, concordo contigo”. E me lembro que organizei essa reunião e eles se encontraram, começaram a conversar e se acertaram, sendo tranquila e sem nenhum problema a negociação (FRÂNCIO, 2017).

As fontes entrevistadas não souberam precisar com exatidão por quantos anos a Rádio Caçanjurê ficou como propriedade da igreja católica. Colpini (2016) destaca que o período não foi superior a dois anos. O Bispo Dom Orlando Dotti²³ fornece informações que levam a crer que realmente a posse da rádio não foi da igreja católica por muitos anos.

Fiquei sabendo através dos padres que trabalhavam na Catedral de Caçador que a rádio havia sido adquirida pelo então pároco padre Bernardo Hugo, não muito tempo da criação da diocese de Caçador, em 1968, com a finalidade de dispor de um meio de comunicação para a evangelização. Com a instalação da Diocese, em junho de 1969, o Bispo Diocesano dispunha de um programa diário, difícil de ser mantido, dadas as atividades pastorais do início da Diocese, que exigiam muitas saídas da sede para visitar outras paróquias, visando criar a tão desejada unidade diocesana” (DOTTI, 2017).

Quanto às lembranças particulares sobre a maneira como a Rádio Caçanjurê conduzia seu trabalho, Dotti (2017) reitera que a emissora cumpria seu papel social e cultural pela informação e entretenimento habituais ao meio de comunicação local. “Nessa época, Caçador estava diversificando suas atividades econômicas, já que havia passado o apogeu da madeira” (DOTTI, 2017).

Como também informado anteriormente por Frâncio (2017), Dotti (2017) relata que a transição da emissora, por parte da igreja para a propriedade de Elias Colpini, exigiu tempos gratuitos na programação para que a igreja católica pudesse se comunicar com seus fiéis.

A rádio foi repassada ao pastor Colpini por ser ele funcionário da mesma e uma pessoa de total confiança, capaz de assegurar à paróquia e à Diocese de Caçador os espaços acertados com ele. As diversas reuniões feitas

²³ Entrevista realizada pela pesquisadora com o religioso Dom Orlando Dotti no dia 24 de maio de 2017 na cidade de Vacaria, Rio Grande do Sul. Dom Orlando Dotti tem 87 anos e, em 12 de março de 1969, foi nomeado pelo Papa Paulo VI bispo da Diocese de Caçador. Atualmente é bispo emérito da Diocese de Vacaria (RS).

antes da venda da rádio concluíram que não havia naquela oportunidade outra pessoa disponível para a administração da Rádio. O que se queria era a garantia de que espaços radiofônicos fossem assegurados, o que, pelo menos no período de tempo que permaneci em Caçador, efetivamente se deu (DOTTI, 2017).

Elias Colpini²⁴ (2017) destaca que o empresário Augusto Frâncio desempenhou papel fundamental para que acontecesse a venda da emissora para ele e o sócio Raul Tomazoni. Colpini confirma que foi Frâncio que intermediou todo o processo entre as partes envolvidas.

Eu vim pra cá como pastor da Igreja Metodista, mas como já tinha trabalhado no rádio, fiz contato com o pessoal da igreja matriz São Francisco, que eram eles quem estavam comprando a rádio, embora ela ainda estivesse em nome de Adelar Gattermann. Augusto Frâncio falou: “Eu vou falar com Dom Orlando Dotti, na possibilidade de vocês ficarem com a rádio”. Aí eu disse para ele: “Como a gente ficar com a rádio? Eu não tenho recursos financeiros”. Aí ele relatou que a rádio estava com uma dívida muito grande, e que ele ia propor ao Dom Orlando para que a gente assumisse a dívida e, depois de pagar a dívida, pagasse o mesmo valor da dívida para a Paróquia (COLPINI, 2016).

E assim se sucedeu, depois de permanecer sob a posse da Igreja Católica de Caçador, a Rádio Caçanjurê foi vendida para o pastor Elias Colpini no ano de 1969. No mesmo ano, veio a fazer parte da sociedade, com Colpini, o então empresário Raul Tomazoni.

3.5 A SOCIEDADE DE ELIAS COLPINI E RAUL TOMAZONI

Durante 20 anos, a Rádio Caçanjurê pertenceu aos sócios Elias Colpini e Raul Tomazoni²⁵, a sociedade aconteceu entre os anos de 1969 a 1989. Inicialmente, a proposta de venda da emissora foi feita pela Igreja Católica a Elias Colpini; este, por sua vez, convidou Tomazoni para fazer parte da sociedade. No

²⁴ Entrevista realizada pela pesquisadora com Elias Colpini no dia 24 de maio de 2016 na cidade de Caçador.

²⁵ Faleceu aos 71 anos, no dia 10 de março de 2006, no Hospital Maicé, vítima de complicações cardiorrespiratórias. Tomazoni iniciou sua carreira no rádio na cidade de Pato Branco (PR), como comentarista esportivo. Depois se transferiu para Joaçaba, trabalhando na Rádio Catarinense. Em 1969, transferiu-se para Caçador, para ser narrador esportivo da Rádio Caçanjurê. Um ano depois, junto com Elias Colpini, assumiu a direção da emissora, ficando nela até o final dos anos 80, quando a emissora passou para o controle da Rede Barriga Verde. Também teve participação na política, tendo disputado uma eleição para a Câmara Municipal e concorrendo a prefeito, em 1992, pelo PDT. Sempre participando de atividades ligadas ao esporte, também foi presidente da Liga Atlético Caçadoreense e participou de várias diretorias da Associação (OLIVEIRA, 2006).

acordo entre os dois, ficou acertado que cada um teria direito a 50% da empresa, sendo que Tomazoni ficou com a gerência administrativa e Colpini com a gerência de programação.

Conheci o Raul porque eu estava fazendo um programa chamado “Para Caçanjurê e o fato”. Eu abordava no programa o social da cidade, perguntava: qual sua opinião, qual é o maior problema, daí falava com operário, com empresário, falava com um líder, professor, todas as semanas fazia o programa. Daí o Raul Tomazoni trabalhava na Rádio Catarinense em Joaçaba e veio para cá, nós fizemos mais ou menos uma parceria, porque a gente fez uma amizade muito grande. E como eu sentia o problema da rádio, comecei a trabalhar para que ele assumisse a direção da rádio. Ele era colega na emissora, e quando fui atrás para fazer esse meio de campo, recebi a proposta para comprar a rádio, aí eu disse que sozinho eu não bancaria, mas o próprio Augusto Frâncio falou assim: “Já que você quer colocar o Tomazoni como diretor, então vocês assumem a rádio juntos, e fica ele como seu sócio”. E eu propus isso, e esse foi o começo (COLPINI, 2016).

Assim que os sócios assumiram a rádio, procuraram legalizar a situação documental. Porém, como havia dívidas, a emissora estava prestes a ser fechada naquele mesmo ano. Colpini (2016) conta que foram realizadas diversas viagens até a Receita Federal de Joaçaba e Florianópolis, com o objetivo de negociar e legalizar a situação, sobretudo o pagamento dos impostos, uma vez que a contribuição estava em atraso há quase 20 anos.

Eles fizeram a proposta que a gente fizesse um levantamento, um inventário do que tinha na rádio, fizesse uma avaliação e que 30% desse valor eles desconsiderariam o valor do imposto, e parcelariam, considerando que a gente tinha ido voluntariamente, até sem saber que estava nessa situação tão delicada. Então, a gente foi trabalhar nessa área, eu fui a Florianópolis, para falar com o Direito Autoral, para ver quanto era o montante da dívida. Eles também aceitaram a proposta de parcelar a dívida. Então a gente somou o montante disso e começamos a trabalhar sem a preocupação inicial de pagar a Paróquia, porque nós tínhamos que pagar as dívidas e depois o mesmo montante pagaríamos a Paróquia, mas, para isso, não tinha preocupação do tempo (COLPINI, 2016).

Além das dívidas com impostos que estavam em atraso, os novos sócios se depararam com problemas técnicos ao assumirem a rádio. Colpini (2016) relembra que os equipamentos eram considerados antigos e apresentavam diversos problemas, o que dificultava a qualidade e até mesmo a realização das transmissões. A compra de um novo transmissor aconteceu mais tarde. Somente em 1974, a dupla de sócios conseguiu assumir as parcelas de financiamento para que o equipamento pudesse ser adquirido.

No começo foi difícil, primeiro porque os equipamentos que nós tínhamos eram bem antigos, a rádio tinha um transmissor de 250 volts, que, por sinal, foi um dos primeiros transmissores fabricados no Brasil. Então o transmissor era ruim, o estúdio era ruim, os equipamentos eram antigos e velhos. Mais tarde nós compramos uma mesa usada da Rádio Difusora Fluminense, do Rio de Janeiro. Assim, montamos um estúdio de onde a gente fazia o estúdio de produção, mas era muito difícil, eu mesmo peguei no serrote, no martelo, para fazer as coisas (COLPINI, 2016).

Para Colpini (2016), a falta de tecnologia existente no período em que esteve à frente da emissora como um dos sócios era desafiadora. Fez com que os donos desempenhassem diversas tarefas, com o objetivo de que o som chegasse até os aparelhos de rádio nas casas, automóveis e empresas.

Eu fui o técnico de manutenção da rádio, fiz, na época, um cursinho por correspondência de rádio e, quando nós assumimos a rádio, dificilmente a gente chamava engenheiro, quando era problema de transmissor, de linha, a gente mesmo resolvia. Porque quando comecei no rádio, lá no norte do Paraná, a gente subia em postes para consertar, para puxar linha de telefone para transmitir, então eu me entusiasmava com isso. Nós naquela época já tínhamos linha puxada direta do estúdio, como tem hoje, mas agora nem precisa mais de linha fixa, pois tem o telefone celular que facilita muito o trabalho. Então nós transmitíamos de todos os lugares de Santa Catarina (COLPINI, 2016).

Os sócios Elias Colpini e Raul Tomazoni se mantiveram como proprietários da Rádio Caçanjurê até 1989, quando então a emissora foi adquirida pela Rede Barriga Verde de Comunicações, a qual é proprietária da emissora de rádio até a atualidade. Colpini (2016) destaca como foi a venda:

Eu decidi sair da sociedade com o Tomazoni, fiz a seguinte proposta: compro ou vendo, então ele não quis comprar e não quis vender. Aí dei um documento a ele dizendo: me reservo no direito de dentro de 30 dias, se você não tomar uma decisão, eu vendo para um terceiro. Eu queria sair da sociedade, mesmo por questão religiosa e outras prioridades. Eu vim para cá para ser pastor em 1968, tanto é que eu me aposentei há três anos, e, depois disso, o bispo pediu para ficar ajudando a igreja de Curitiba e continuo até hoje. Então eu repassei minha parte da rádio para o time da Caçadoreense, Salézio Kindermann e Joca (João Amâncio Costa Filho). Então eles é que passaram para a Barriga Verde. Joca era engenheiro, foi ele quem construiu a minha casa, então a minha parte da Caçadoreense eu recebi como a minha casa. A caçadoreense não durou muito, passou a parte deles para a Rede Barriga Verde, e a Rede pressionou o Tomazoni para aumentar o capital e ele acabou vendendo também a sua parte (COLPINI, 2016).

Ainda em relação à transição da Caçanjurê para o Grupo Barriga Verde de Comunicações, faz-se necessário enfatizar que, por sua vez, Salézio Kindermann²⁶

²⁶ Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli, em Caçador, no dia 25 de julho de 2017.

relembra que não teve participação no repasse da emissora para o time da Caçadoreense. Ele teria desempenhado apenas o papel de uma testemunha que acompanhou o desenrolar da situação.

Eu não tive participação na Rádio Caçanjurê, quem participou foi João Amâncio Costa Filho (Joca), que já é falecido (2012), ele era o presidente da Associação Caçadoreense nos anos de 1989 e 1990 (KINDERMANN, 2017).

Frutuoso (2006), ao noticiar no Jornal Folha o falecimento de Raul Tomazoni, auxilia na compreensão sobre essa venda da Caçanjurê para a Liga Atlético Caçadoreense. Frutuoso (2006) escreveu que Tomazoni também foi presidente da Liga Atlético Caçadoreense e participou de várias diretorias da Associação Caçadoreense de Desportes e da Sociedade Esportiva Kindermann.

Durante a propriedade de Elias Colpini e Raul Tomazoni, a Rádio Caçanjurê dedicou duas décadas à prestação de serviço, utilidade pública, levando ao ar a informação e proporcionando momentos de entretenimento à sociedade de Caçador e da região. Para melhor compreensão desse assunto que trata sobre o papel social e cultural da emissora, o tema será retomado no próximo capítulo, quando abordaremos os relatos de testemunhas do processo comunicacional.

3.6 RBV RÁDIOS, ATUAL GESTORA DA EMISSORA

Em 1989, a Rádio Caçanjurê foi adquirida pela Rede Barriga Verde de Comunicações²⁷, a qual, na história mais recente, passou a se chamar RBV Rádios e pertence aos descendentes da família Brandalise, que tem como patriarca Flávio Brandalise. A RBV Rádios administra um grupo de rádios no interior de Santa Catarina, sendo: Rádio Caçanjurê (AM), Rádio Transamérica Pop (FM) e Rádio 92 (FM), em Caçador; Rádio Tangará (AM), em Tangará, Rádio Videira (AM) e Rádio Transamérica Hits (FM), em Videira, Rádio Massa (FM) em Canoinhas e Rádio Barriga Verde (AM) em Capinzal.

²⁷ Faz-se necessário enfatizar que, quando se escreve Rede Barriga Verde, estamos nos atendo às rádios que o grupo detém, no interior de Santa Catarina, mais propriamente no Vale do Contestado. Por anos, a nomenclatura Rede Barriga Verde foi utilizada também por algumas emissoras de rádios situadas no litoral do Estado e também emissoras de televisão, porém, nesses casos não há ligação com a família Brandalise que foi entrevistada para esta pesquisa. Tratam-se de dois grupos de proprietários, que embora possuam o mesmo sobrenome, sendo parentes, são distintos e não possuem ligação profissional.

No momento, a Rádio Caçanjurê está sob a coordenação geral de Dionísio Zago²⁸, que também faz a coordenação geral de todas as outras oito emissoras de concessão da RBV. Zago é funcionário da RBV Rádios desde o ano de 1984. Ele foi um dos responsáveis pela negociação entre os antigos e os atuais proprietários da Caçanjurê. Quando da aquisição da Rádio Caçanjurê em 1989, a família Brandalise já era detentora da concessão da Rádio Videira AM e da Rádio Transamérica Hits, também em Videira.

“Eles (antigos proprietários) nos ofereceram a Caçanjurê, pois nem sabíamos que ela estava à venda” (ZAGO, 2017). Em 1989, a família Brandalise ainda era proprietária da antiga empresa Perdigão, a qual, após a fusão com a empresa Sadia, tornou-se a Brasil Foods (BRF). Essa informação auxilia na compreensão sobre o interesse da família Brandalise em adquirir a rádio, uma vez que a Rádio Videira já era usada como um canal utilizado no município de Videira para que ocorresse a comunicação com os produtores integrados no interior do município e a empresa Perdigão.

Naquela época se tinha o interesse em rádio em função dos avisos aos integrados da empresa Perdigão. Através do rádio, eles conseguiam mandar as mensagens para os integrados e, assim, se comunicarem. A hora que o frango chegaria na granja, a hora que seria feito carregamento, os pedidos de ração, então toda essa comunicação entre empresa e integrados acontecia pela rádio. E quando eles nos ofereceram a Rádio Caçanjurê, nós pensamos que ela poderia ser útil desta mesma maneira, pois a Perdigão mantinha integrados em municípios em que a população do interior ouve a Caçanjurê. Além disso, a família Brandalise²⁹ já tinha interesse em rádios, uma vez que ela já possuía outras emissoras (ZAGO, 2017).

Zago (2017) destaca que, quando a Caçanjurê foi adquirida, quem estava na administração era Raul Tomazoni e a esposa Noêmia Tomazoni, confirmando a versão contada por Elias Colpini de que ele havia deixado a sociedade pouco antes da venda da emissora. O modelo de gestão que a Rádio Caçanjurê mantinha era familiar, não havendo um controle sistemático e mesmo uma caderneta de clientes. Tratavam-se apenas de anotações em pedaços de papeis, os quais eram colocados embaixo do vidro da mesa do administrador Tomazoni.

²⁸ Dionísio Zago concedeu entrevista no dia 21 de novembro de 2017.

²⁹ Quando se refere à família Brandalise no ano de 1989, refere-se aos irmãos Flávio Brandalise, Saul Brandalise Junior e Maria Odete Bandalise Bonato, filhos de Saul Brandalise, fundador da empresa Perdigão, atual BRF.

Quando adquirimos, quem foi lá assumir e remodelar dentro dos moldes fui eu, e contratamos o Carlos Henrique, que tinha o apelido de Bola. Ele era nosso coordenador da Caçanjurê, cuidando da parte artística da emissora. O que seria implantado a partir daí era um novo modelo, um modelo diferente. Porque até então era tudo simples, um modelo de administração familiar, com anotações em caneta e lápis em papéis que eram colocados embaixo do vidro da mesa. Então nessa época organizamos a parte operacional, administrativa da maneira como é desenvolvida até hoje (ZAGO, 2017).

Zago (2017) explica que o novo modelo administrativo e de gestão adotado pela RBV Rádios para a Rádio Caçanjurê refletiu também em melhorias no desenvolvimento da programação da emissora, com a contratação de profissionais mais qualificados e investimentos em equipamentos mais atualizados e novos, os quais facilitaram a execução da programação da emissora.

As emissoras de rádio normalmente veem mais o lado social do que o lado empresarial. Quando não se visualiza o lado empresarial, não se visa lucros e, quando não se obtém lucros, a capacidade de reinvestimento é restrita. Porém, se você não reinventar e não atualizar seus equipamentos, a emissora vai ficando velha. Nós buscamos o equilíbrio entre tudo isso, por exemplo agora está ocorrendo investimentos na Caçanjurê, pois ela será transformada em uma emissora FM³⁰. É uma necessidade, pois antigamente não havia muita interferência das redes elétricas, ou dos aparelhos eletrônicos. Outra curiosidade é que a Rádio Caçanjurê foi uma das primeiras emissoras de Santa Catarina a ser informatizada na parte operacional, isso aconteceu em 1995. Toda a parte de comerciais passou a ser rodada diretamente no computador, com um programa que adquirimos da Argentina. Essa iniciativa substitui as casseteras e gravadores (ZAGO, 2017).

Em relação ao perfil dos programas veiculados, Zago (2017) destaca que o objetivo foi o de fortalecer a vocação social que a Caçanjurê demonstrou desde o princípio de sua existência, que é o do rádio amigo e prestativo. “Quem mora naquela cidade faz a programação da rádio do jeito que o povo daquela cidade gosta. A rádio é construída em cima das necessidades da população que a ouve”. Ainda para Zago, a história da Rádio Caçanjurê é curiosa e se diferencia de outras emissoras, apontando o respeito conquistado por ser considerada uma emissora apolítica.

Ela é uma rádio apolítica até a atualidade, uma história construída atendendo os interesses do povo e não dos donos. Caçador é uma cidade neutra na política e isso se refletiu também na história da rádio. A política caçadorenses cresceu e a rádio também, uma paralela a outra, mas sem

³⁰ Esse assunto será abordado ainda dentro deste mesmo capítulo.

envolvimento. Uma sendo testemunha da outra. Assim, a rádio fez o real papel que é atribuído à imprensa, que é o de levar a informação. Então eu administro a rádio Caçanjurê e comento que o partido da emissora é o “PC”, Povo de Caçador (ZAGO, 2017).

Depois que Carlos Henrique deixou a coordenação da Rádio Caçanjurê, a RBV Rádios contratou Márcia Guse, que assumiu a coordenação por cerca de quatro anos. Por fim, no ano de 2000, Marilene Caregnato assumiu a coordenação, a qual encontra-se nesta função até a atualidade.

Nesses 28 anos que separam a aquisição da Rádio Caçanjurê até a atualidade, o novo administrador, Flávio Brandalise, realizou diversos investimentos para modernizar a emissora. Após a aquisição da emissora, por volta de 1991, a rádio foi transferida para prédio próprio, que fica na rua Altamiro Guimarães, nº 480, no centro da cidade de Caçador. No momento, a emissora tem 1 quilowatt (1.000 watts) de potência e é sintonizada na frequência 1.110 kilohertz. Seu prefixo atual é ZYJ-743, estando em processo a expansão de potência (HISTÓRICO, 2017).

Nos últimos anos a Rádio Caçanjurê passou por constantes modernizações, uma delas foi a preocupação com a imagem, visto que até então a emissora utilizava uma marca padrão em que somente se alterava o nome da rádio, isso era feito para todas as emissoras da RBV Rádios. Em 2006, com a necessidade e preocupação de atualizar a sua imagem, a Rede investiu em um novo design, redesenhando então a marca da Rádio Caçanjurê®, mantendo os princípios gráficos e culturais, passando assim a utilizar uma nova identidade, com uma marca forte e moderna.

Atenta para o avanço tecnológico, os equipamentos foram modernizados e os ambientes redesenhados, tudo isso para realizar um sonho e garantir o bem-estar das pessoas que por essa rádio passam e fazem história, tornando-a modelo naquela que é genuinamente de Caçador (HISTÓRICO, 2017).

3.7 A CAÇANJURÊ DE UM FUTURO QUE JÁ CHEGOU

Em meados de 2016, a RBV Rádios, incluída a Rádio Caçanjurê, iniciou mais um processo de transição administrativa. Todas as emissoras continuam sendo coordenadas pelas pessoas contratadas em cada uma delas para isso e gerenciadas por Dionísio Zago, porém o processo de administração executado até então pelo empresário Flávio Brandalise está passando por uma sucessão familiar. As únicas filhas do empresário, Carla Brandalise Kucinski e Fabianne Brandalise,

estão obtendo conhecimento do empreendimento e iniciando o processo de administração. Atualmente, o empresário Flávio Brandalise possui 78 anos e as filhas destacam que o processo de transição acontece sob a supervisão do pai, de maneira necessária, porém natural.

Um dos desafios que está sendo enfrentado pelas irmãs Brandalise³¹ em relação à RBV Rádios está ligado justamente ao futuro da Rádio Caçanjurê. Em 2017, a Rede anunciou que a Caçanjurê migrará do sistema AM para o sistema FM. “A Rádio Caçanjurê, a mais antiga de Caçador, é uma das 15 emissoras AM de Santa Catarina que passarão pelo processo de migração de rádio do AM para FM nos próximos dias” (DIÁRIO RIO DO PEIXE, 2017). Segundo depoimento das irmãs, a assinatura para a migração está prevista para acontecer ainda em dezembro de 2017. A Caçanjurê será a primeira entre todas as emissoras AM da Rede a migrar para o sistema FM.

Atentas ao futuro da Caçanjurê, mas também ao futuro de todas as emissoras que compõem a RBV Rádios, as irmãs Carla Brandalise Kucinski e Fabianne Brandalise reúnem-se mensalmente com as coordenadoras³² de cada emissora. Na pauta dos encontros, o tema migração da Caçanjurê para FM é um dos temas abordados.

Fabianne Brandalise (2017) define que a migração será um marco importante na história da emissora, porém o principal desafio é não comprometer a identidade que a rádio possui, “a Caçanjurê está prestes a completar 70 anos e não queremos que ela perca essa essência social, cultural e informativa conquistada ao longo de todos esses anos”. Já Carla Brandalise Kucinski (2017) complementa ao afirmar que estão atentas ao futuro, pois, “se você continua apenas com uma maneira tradicional e antiga e sem se preocupar, você começa a perder ouvintes, e isso nós não queremos”.

Por outro lado, a migração não deverá impactar profundamente a ponto de os ouvintes perceberem que a Rádio Caçanjurê se tornou uma nova emissora, ficando a antiga no passado. As principais características serão mantidas, pois a emissora será FM apenas na transmissão, para melhorar o som que chega até os ouvintes,

³¹ Carla Brandalise Kucinski e Fabianne Brandalise foram entrevistadas de maneira conjunta pela pesquisadora no dia 17 de novembro de 2017.

³² A nomenclatura “coordenadoras” está correta, uma vez que todas as emissoras da RBV Rádios são coordenadas por mulheres.

“na programação não haverá mudanças, pois sabemos que a Caçanjurê é uma emissora tradicional, é aquela que abraça e apoia a sociedade em que está inserida, e isso nós queremos continuar” (BRANDALISE, 2017).

Ainda, Carla Brandalise Kucinski (2017) destaca que isso não significa que a emissora não está atenta às necessidades de aperfeiçoamento apresentadas especialmente com a disseminação cada vez maior da tecnologia.

Manter a programação, mas também pensando em melhorar a cada dia, com bons programas, boas entrevistas e atenta à tecnologia que já é uma realidade. Não queremos que ela seja mais uma FM, a Caçanjurê está a serviço da comunidade. É uma emissora tradicional, em que a própria história do município se confunde com a trajetória da rádio.

A atual coordenadora da emissora, Marilene Caregnato³³ (2017), destaca que existe grande preocupação para que a migração do AM para o FM não faça com que a Caçanjurê perca a sua referência perante a sociedade local.

Na migração da Caçanjurê para o sinal FM, o que vai mudar é o sinal, é a qualidade do sinal. A Caçanjurê vai permanecer essa rádio. Não queremos perder a nossa identidade e essa referência que conquistamos nesses quase 70 anos. Haverá a modernização, mas tudo de maneira sutil, para que continuemos a ser referência para nosso ouvinte (CAREGNATO, 2017).

Visando ao futuro, as emissoras da RBV Rádios deverão manter no centro das discussões o atendimento ao público jovem, que inclui as crianças. “Será que a criança de hoje, adulto de amanhã, quer ouvir essa mesma programação da maneira como ela está sendo feita hoje? ” E completa afirmando que “frente a esse questionamento, nós temos um grande desafio, nesse futuro que já chegou” (BRANDALISE, 2017). Também nesse mesmo sentido, Kucinski (2017) reitera:

Queremos inovar de maneira que os ouvintes jovens também escutem a rádio pelo celular, pela internet, redes sociais, aplicativos. E é isso que nós queremos, que as rádios continuem sendo ouvidas da maneira moderna, acompanhando a evolução que está chegando a cada dia.

As irmãs Brandalise pontuam que possuem como desafio, continuar atendendo aos anseios e desejos dos atuais ouvintes, que muitas vezes são considerados como os “mais antigos”, mas, por outro lado, estar atentas ao que vai acontecer no futuro, para que a Rádio Caçanjurê possa manter seu prestígio junto à comunidade local. “Não queremos perder aquelas características que são a marca

³³ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 24 de novembro de 2017.

das rádios, que é a de ser acolhedora, mas precisamos atualizar para chegar até o jovem” (BRANDALISE, 2017).

Atenta a esse novo momento que a internet e as redes sociais proporcionam às rádios, Caregnato (2017) destaca que esse novo modelo não é um concorrente que a emissora enfrenta, mas sim, uma maneira de se fortalecer ainda mais como meio de comunicação de massa.

Automaticamente com a vinda das redes sociais, nós fomos nos adaptando, porque o rádio hoje precisa estar atento ao que o ouvinte quer. Então o modelo padrão do rádio antigo ele permanece, que é aquele que você leva pelas ondas do rádio. Mas a atualidade exige que o rádio chegue aos ouvintes de maneira diferente, além das ondas, também pela internet, pelo aplicativo, pelas redes sociais (CAREGNATO, 2017).

Entre as pesquisas e observações realizadas pela administração da RBV Rádios com o objetivo de entender o consumo de mídia radiofônica dos jovens, constatou-se que, na maior parte das vezes, o jovem busca nas emissoras a informação. O entendimento é que isso acontece “porque o entretenimento eles têm na palma da mão e podem escolher o que querem ouvir, mas a informação de qualidade, séria e ética é uma referência em rádio” (BRANDALISE, 2017). E para atender a essa demanda, as rádios da Rede devem investir cada vez mais no setor de jornalismo. “Uma das características que já é atual, mas que queremos manter e desenvolver cada vez mais, é o jornalismo, pois ele é muito importante para a sociedade” (KUCINSKI, 2017).

Atentas ao consumo frenético dos jovens em relação à tecnologia, as novas administradoras da RBV Rádios visualizam “um futuro promissor para o rádio, pois entendemos que não é apenas uma emissora, a internet é uma aliada por intermédio das redes sociais e hoje pode-se explorar isso” (BRANDALISE, 2017). Trata-se de uma iniciativa de perceber a internet e a tecnologia como uma aliada e não como concorrente, conforme Kucinski (2017) relata:

O interessante da tecnologia, da internet, é quando você lê comentários de pessoas que já não moram mais no município, mas reconhecem o trabalho e muitas vezes agradecem por se manterem informadas pela emissora, não apenas pelo rádio tradicional, mas pela internet que é o site e o Facebook. Então isso é muito interessante, a distância não é mais um limitador nos dias atuais, pois conseguimos chegar mais longe e atender a todos.

Desta maneira, preocupados em continuar atendendo os atuais ouvintes e obter novos, preservando a característica marcante da rádio, que é a de ser

acolhedora, mas atentos ao que vai acontecer em um futuro que já é presente, inicia-se a construção de um novo capítulo na história da Rádio Caçanjurê.

4 A RÁDIO CAÇANJURÊ COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

4.1 AS CONTRIBUIÇÕES DA RÁDIO CAÇANJURÊ PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO MUNICÍPIO DE CAÇADOR

O registro do papel social desempenhado pela Rádio Caçanjurê desde sua fundação pode ser aferido também em sites na internet de empresas jornalísticas do município de Caçador. Essa constatação é feita especialmente no site *Caçador Online* (<http://www.cacador.net>). Um dos sócios do site é o jornalista Murilo Roso³⁴, também jornalista na Rádio Caçanjurê desde 2007. O jornalista utilizou-se, no decorrer dos últimos anos, de muitos fatos que envolveram a Rádio Caçanjurê, para noticiar no seu próprio site. O endereço eletrônico da Rádio Caçanjurê (<http://www.radiocacanjure.com.br>), que poderia também ser utilizado como um acervo de registro dos principais fatos em que ocorreu a participação da emissora nos aspectos social e cultural, bem como para a divulgação de notícias, no entanto, foi totalmente remodelado, e o banco de notícias mais antigas não está mais disponível para consultas. Roso (2017) explica que o banco de dados referente a matérias jornalísticas da emissora não está mais disponível para acesso externo da comunidade, mas apenas para consulta interna dos colaboradores da própria emissora. Assim, o conteúdo apresentado na sequência deste capítulo atem-se às informações coletadas durante as entrevistas, disponíveis no site Caçador Online e em obras bibliográficas.

No portal de notícias Caçador Online, é possível constatar, até meados de abril de 2017, quando utilizada a ferramenta busca no site com as palavras-chave “Rádio Caçanjurê”, um total de 434 notícias. Uma das matérias jornalísticas mais antigas a que é possível ter acesso retrata o papel social que a emissora desempenha em acontecimentos em que a população precisa de auxílio, como, por exemplo, mobilizar a comunidade local para ajudar uma família que perdeu todos os bens materiais em um incêndio.

A causa do incêndio ainda está sendo investigada. Segundo Teresinha, ela e os filhos vão ficar na casa de parentes até contornar a situação. Durante a tarde a equipe do Programa “Boa Tarde Cidadão”, da Rádio Caçanjurê,

³⁴ Murilo Roso foi entrevistado pela pesquisadora no dia 29 de março de 2017. Na ocasião, tinha 35 anos e desempenhava a função de jornalista na Rádio Caçanjurê e no Portal Caçador Online.

esteve no local arrecadando doações para a família (CAÇADOR ONLINE, 2006).

A exemplo do caso citado em que a emissora cumpriu com o papel social, há outros inúmeros registros de ações semelhantes desempenhadas ao longo dos 70 anos de existência da emissora. Além de auxiliar, a emissora ilustra o papel que possui de congregar e organizar a sociedade nas circunstâncias em que há a necessidade de envolvimento social da comunidade local, para minimizar o sofrimento alheio.

No mesmo dia do incêndio, vários moradores do bairro já se colocaram à disposição a ajudar. Doações de roupas, alimentos, as primeiras a chegar para a família que por enquanto está na casa de parentes. No dia seguinte, através do Programa Boa Tarde Cidadão, da Rádio Caçanjurê, a mobilização foi maior ainda. Várias doações foram feitas, voluntários e profissionais se colocaram à disposição para ajudar na obra e outros ofereceram caminhões para buscar os donativos (CAÇADOR ONLINE, 2008).

Entre todos os programas mantidos na programação da Rádio Caçanjurê, um deles, que ao certo não se sabe exatamente há quantos anos está no ar, é o “Programa Boa tarde Cidadão”³⁵. Aí é possível constatar diariamente o papel social que a emissora desempenha na vida da população. Há dez anos o programa é apresentado por Gilvano Genuíno³⁶. Para a coordenadora da Rádio Caçanjurê, Marilene Caregnato³⁷, quando foi criado o programa, a intenção foi conferir à programação do período vespertino uma maior participação dos ouvintes.

De manhã, é um horário nobre por si só no rádio, mas a tarde é um grande desafio, porque concorremos com a televisão, com o lazer, entre outros. Então nosso desafio era ter um programa que envolvesse e atraísse a comunidade. Assim, o Programa Boa Tarde Cidadão foi criado. É um programa com repórter na rua e nesse horário as pessoas sabem que elas podem ajudar ou ser ajudadas. Então são dois tipos de ouvintes que temos e é impressionante o resultado que esse programa dá em todos os sentidos, especialmente a serviço da comunidade (CAREGNATO, 2017).

³⁵ Programa: Boa Tarde Cidadão é veiculado no horário das 13h10 às 17h, de segunda-feira a sábado. O programa tem perfil informativo e popular. Dentro do programa, estão os Quadros: Hora do Brique, Nossa Gente, Ronda Policial, Nascimentos do Dia, Sucesso do Ouvinte, Carta do Ouvinte, Giro Esportivo e Correspondente (RÁDIO CAÇANJURÊ, 2017).

³⁶ Paranaense de Dois Vizinhos, começou como estagiário na Rádio Caçanjurê em 2002. Depois de seis meses, foi contratado como operador e em seguida tornou-se locutor do programa “Cheiro da Terra”, no horário das 6h às 8h. Em 2007, com a saída de Eduardo Prado, Gilvano Genuíno teve a chance de comandar o “Boa Tarde Cidadão” (CAÇADOR ONLINE, 2009).

³⁷ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 24 de novembro de 2017.

Após a abertura, o programa Boa Tarde Cidadão inicia com o quadro “A Hora do Brique”, que possui participações por telefone de ouvintes que querem vender, comprar ou trocar de produtos. O “Espaço Nossa Gente” é considerado o ponto alto da tarde, com assuntos gerais da comunidade, como, por exemplo, os pedidos de ajuda, reclamações, denúncias, oferta e procura por trabalho, além de entrevistas ao vivo sobre os principais fatos que fazem parte daquele momento em Caçador e na região. O apresentador Gilvano Genuíno destaca momentos marcantes do programa:

Um diferencial é quando levamos o estúdio pra rua, pro local dos fatos [sic]. Recentemente repercutimos um incêndio em residência e fizemos o programa ao vivo da casa de uma vizinha da família que perdeu tudo. Chamamos a comunidade para se unir e ajudar. Resultado: várias pessoas doaram móveis, madeira, roupas, e muitas vinham até o local prestar apoio. Foi muito gratificante. Outra situação nesta mesma linha foi o dia em que cobrimos ao vivo por horas a força tarefa da Defesa Civil e entidades na arrecadação de donativos para as vítimas da enchente no litoral de Santa Catarina. Também marcou a cobertura das eleições municipais 2008, com uma série de entrevistas com promotor e juiz eleitoral, respondendo inclusive perguntas de ouvintes. Conseguimos orientar muita gente e com imparcialidade. Ainda ano passado denunciávamos filas de pacientes na Policlínica Municipal durante a madrugada para conseguir ficha. Fomos procurar os responsáveis que mudaram pra melhor o atendimento no dia seguinte [sic] (CAÇADOR ONLINE, 2009).

O fato relatado pelo apresentador Gilvano Genuíno referente a denúncias de moradores que estavam passando por dificuldades para serem atendidos pelo sistema de saúde do município ilustra que os munícipes buscaram, por meio da rádio, uma solução para o problema que estavam passando. Ou seja, eles se sentem amparados, ao mesmo tempo em que percebem a Rádio Caçanjurê como uma representante do povo. Nesse caso específico, o site Caçador Online, no ano de 2008, publicou matéria com mais detalhes sobre a denúncia referente ao sistema de saúde do município.

O fato foi denunciado em reportagem da Rádio Caçanjurê na tarde de terça-feira, quando o usuário do SUS Paulo Pauleque, 70 anos, denunciou o descaso. Ele dormiu na porta da Policlínica e foi atendido às 10h30 para pegar uma autorização de consulta. Pauleque, que tem problema de circulação há sete anos, contou que várias pessoas foram à Policlínica durante a madrugada, mas retornaram às suas casas, pois as dez fichas do dia já estavam asseguradas aos que chegaram antes. Sandra Regina Batista, moradora do Gioppo, relatou que precisava de uma autorização de tomografia para seu marido. “Cheguei às 21h20 e vou dormir para conseguir a autorização, pois são apenas dez fichas por dia”, comenta. Nilton José Bueno, da Vereda dos Trevos, foi encaminhado do Posto do bairro onde mora para a Policlínica. “Sofri um acidente e preciso de uma tomografia. Já

vim dois dias de madrugada e não consegui atendimento”, explica (CAÇADOR ONLINE, 2008).

Na mesma matéria jornalística que trata sobre a denúncia dos moradores referente à situação do atendimento na área da saúde, é possível perceber que, por meio da Rádio Caçanjurê, o órgão competente para resolver o problema se manifestou e buscou uma resolução para o caso.

Em resposta a reportagem, Cleony Figur, do grupo gestor da Secretaria de Saúde, disse que a situação denigre a imagem da Saúde Pública. “Em relação ao senhor isso não pode acontecer de jeito nenhum, pois idosos tem preferência no atendimento a qualquer hora”, comentou. Segundo Cleony, uma reunião de emergência foi realizada no dia seguinte e algumas mudanças anunciadas. “Já identificamos o problema e os pacientes não precisam vir de madrugada. O atendimento do médico regulador volta a ser por agendamento e não ficha”, afirma [sic] (CAÇADOR ONLINE, 2008).

Também em casos de denúncias realizadas por ouvintes, a Caçanjurê percebe que as pessoas recorrem à Rádio por possuírem garantias de que haverá o sigilo da não divulgação do nome da fonte, ou seja, quando solicitado o sigilo, o nome do denunciante é mantido em segredo. Essa medida está amparada no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que estabelece no Capítulo II, artigo quinto, que trata da conduta profissional do jornalista, que “é direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte” (FENAJ, 2017). Ainda o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros afirma que é obrigação “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias” (FENAJ, 2017).

O sigilo da identidade da fonte é uma das características verificadas nas matérias jornalísticas da emissora. Um dos exemplos que pode ser citado é referente a denúncia de um ouvinte sobre a morte de um homem que era morador de rua. A pessoa teria morrido devido ao frio registrado em uma noite no ano de 2010. O ouvinte, que teve seu nome resguardado pela equipe de jornalismo, fez a denúncia do descaso havido com o morador de rua que faleceu, um fato que poderia ter sido evitado.

Uma pessoa que preferiu não se identificar denunciou na tarde desta terça-feira, 11, que teria havido omissão de socorro na morte de um andarilho na Rodoviária Municipal de Caçador. Ele faleceu, segundo informações ainda não confirmadas, de hipotermia. O corpo foi encontrado na manhã de segunda-feira, 7h, e conduzido ao IGP (Instituto Geral de Perícias). Segundo relato da testemunha, às 19h30 de domingo, agentes da Guarda

Municipal retiraram o andarilho que estava dormindo ao lado de um banco no chão da Rodoviária, e o colocaram no estacionamento. Diante da situação, esta pessoa se sensibilizou e prestou um auxílio ao homem. “Fazia muito frio e ele estava bem inconsciente. Fui até em casa e voltei com um cobertor. Cobri e tentei falar com ele e ajudá-lo a ir pra baixo da marquise, mas não consegui”, conta. Antes de retornar com o cobertor, a testemunha afirma ter ligado para os Bombeiros. “Quando cheguei na Rodoviária perguntei para as pessoas e me disseram que veio uma ambulância, mas não o conduziram porque ele estava embriagado”, acrescentou na entrevista à Rádio Caçanjurê. “Achei que faltou bom senso porque na situação que ele estava deveria ser levado ao Hospital”, disse. Na tarde desta terça-feira, a secretaria do Bem Estar Social informou a identificação da vítima, Antônio Luiz Santos, 45 anos. Ele era natural de Herval do Oeste e vivia em Caçador desde 2008, sempre morando na rua. “Temos o cadastro dele e já passou várias vezes pela Casa de Passagem, mas nunca quis ficar e nos relatou que preferia morar na rua”, explicou a assistente social Neiva Viecei (CAÇADOR ONLINE, 2010).

Em todas essas ações utilizadas como exemplos para relacionar o papel social da emissora, Caregnato (2017) destaca que a Rádio Caçanjurê está a serviço da sociedade local. O objetivo é o de auxiliar na resolução dos problemas e dúvidas, sem polemizar os fatos.

O que é muito característico em Caçador é chegarmos para trabalhar à tarde e encontrarmos filas de pessoas aguardando para serem atendidas no Programa Boa Tarde Cidadão. E essas pessoas buscam muitas vezes uma simples orientação, que, por exemplo, um setor público foi falho na explicação. Quando essa pessoa chega na emissora, ela quer fazer uma reclamação, ela quer ir para o ar e falar sobre o descontentamento, enquanto que isso não é necessário, esse ouvinte precisa apenas de um direcionamento (CAREGNATO, 2017).

Por intermédio dos relatos registrados, é possível perceber que, muitas vezes, é por meio da Rádio Caçanjurê que as pessoas buscam auxílio para a resolução de problemas que não conseguem resolver sozinhas. Em alguns casos, o papel da Rádio foi além do social, que é por exemplo o de fornecer mantimentos e roupas, mas oportunizou que uma nova realidade fosse criada. Tomemos como exemplo os casos em que ocorrem encaminhamentos para vagas de trabalho. “Sensibilizados, os ouvintes da emissora ajudaram com alimentos, roupas, fraldas, camas, colchões e um valor em dinheiro. Na ocasião, Flávio³⁸, 36 anos, também conseguiu outras propostas de trabalho” (CAÇADOR ONLINE, 2011).

Ao longo das sete décadas de existência da Caçanjurê, diversos ouvintes recorreram à emissora para solicitar ajuda solidária para resolverem problemas.

³⁸ O texto é referente a uma matéria jornalística que conta que Flávio e Gertrudes Moraes, moradores do bairro Martello, tinham seis filhos e acabaram adotando mais seis sobrinhos.

Uma das características marcantes do veículo de comunicação são os reencontros entre pessoas que promove por intermédio de apelos de ouvintes realizados durante a programação. O que de fato reforça que o papel social vai além de proporcionar auxílio com bens materiais. Um dos exemplos foi o encontro de pai e filha, que não se conheciam e viveram distantes por 27 anos.

A Rádio Caçanjurê recebeu esta semana a visita de Luiz Debastiani e Delaine Cristina da Silva Castanheiro, duas pessoas que irão passar um Natal diferente este ano. Luiz, morador das proximidades de Tubarão, mais precisamente da Praia do Farol, enviou e-mail para a rádio em Caçador pedindo auxílio para encontrar a filha Delaine, a qual não conhecia. O pedido teve sucesso e após 27 anos pai e filha estão juntos para as festas de final de ano (CAÇADOR ONLINE, 2010).

É necessário destacar que a Rádio Caçanjurê, para cumprir com seu papel social, tem contado com o auxílio dos ouvintes. Isso ocorre diante da realização de campanhas e mobilizações. É por intermédio das ondas do rádio que a emissora clama pela ajuda da população para realizar as campanhas sociais. As campanhas normalmente são desenvolvidas em épocas festivas, como é o caso do mês de dezembro com a comemoração do Natal. Para Caregnato (2017), o auxílio concedido pelos ouvintes às causas sociais está relacionado à credibilidade que a emissora possui.

A nossa credibilidade é muito forte em relação ao apoio da comunidade às ações solidárias. Então tudo que é levado ao ar solicitando auxílio para alguma causa, para ajudar alguma pessoa, alguma instituição, recebemos o apoio dos ouvintes. Então muitas vezes nos deparamos com casos que julgamos que serão difíceis de resolver, mas somos surpreendidos, pois temos a impressão de que as pessoas estão ouvindo a rádio, esperando a oportunidade de ajudar. Então as pessoas acreditam na nossa Caçanjurê, pois elas percebem que nosso trabalho é sério (CAREGNATO, 2017).

Normalmente, todos os anos, a Rádio Caçanjurê organiza campanhas solidárias e solicita a ajuda da população para contribuir com doações, que posteriormente serão repassadas aos mais carentes do município. Em um trecho de uma matéria jornalística referente a uma das campanhas realizadas em 2009, diz que “mais de cem cartinhas foram adotadas pela comunidade na Promoção ‘Meu Sonho de Natal’, da Rádio Caçanjurê e Caçador FM” (CAÇADOR ONLINE, 2009). Já no ano seguinte, a ação da rádio fez com que “aproximadamente 250 foram adotadas” (CAÇADOR ONLINE, 2010).

Em outra campanha, que é desenvolvida anualmente e que recebe o nome de Natal Solidário, recebeu em 2009 importante apoio da comunidade local por meio de doações de alimentos.

O Natal Solidário, iniciativa da Rádio Caçanjurê AM com apoio da Cáritas /Solidariedade, arrecadou no último sábado, 19, mais de 5 toneladas de alimentos. Durante todo dia, a programação da emissora foi transmitida direto da Praça Nossa Senhora Aparecida, local onde foram concentradas as doações. “Felizmente a comunidade aceitou bem a proposta e as doações foram muitas. É gratificante saber que estes alimentos vão ajudar famílias necessitadas a terem um Natal mais feliz”, avalia o locutor Gilvano Genuíno (CAÇADOR ONLINE, 2009).

Também no dia 29 de junho de 2007, para marcar os 59 anos de fundação da rádio, a emissora implantou um projeto intitulado de “Bebê Natureza”. A ideia do projeto foi dada por uma ouvinte da emissora, Silvia Martinello (CAÇADOR ONLINE, 2007). A cada criança que nasce no município de Caçador, a Rádio Caçanjurê doa, em parceria com o Hospital Maicé, uma muda de árvore para os recém-nascidos. As mudas são entregues aos responsáveis pela criança. A emissora estima que, nesses dez anos de projeto, cerca de 17 mil mudas de árvores já foram entregues.

O fato da mãe ganhar uma muda de árvore e plantá-la, marcando assim de uma forma inesquecível o liame da vida de seu filho com a vida da árvore, será um condicionante emocional para que esta mãe venha a proteger essa árvore e, por conseguinte, preocupar-se com a natureza. Isso, inevitavelmente, passará para seu filho, E já nos seus primeiros momentos de entendimento e de curiosidade, esta mãe lhe falará da árvore, enaltecendo a necessidade de protegê-la e preservá-la. Esta criança será a continuidade da preocupação pela preservação da natureza e na sua idade adulta, possivelmente aquela árvore que sua mãe plantou venha a se juntar a milhares de outras, melhorando a qualidade de vida de todos. O nome “Bebê Natureza” mostra bem essa ligação entre duas vidas em seus primórdios. A frase evocativa “Um Pequeno Gesto, Um Grande Resultado” lembra que este ato de agora terá belas consequências no futuro. (RÁDIO CAÇANJURÊ, 2017).

A iniciativa “Bebê Natureza”, que é mantida pela emissora até a atualidade, retrata que a crescente preocupação com as questões do meio ambiente, o desmatamento contínuo de grandes áreas, o que afeta a vida das pessoas, é também uma preocupação da Rádio Caçanjurê. Assim, a emissora mantém o projeto como uma forma de agir, auxiliando a amenizar esse problema. A responsabilidade da produção das mudas é do Horto Municipal; da entrega aos pais, é do hospital, e da rádio, de acompanhar e divulgar a ação.

4.1.1 A atuação social da emissora descrita pelos entrevistados

Como nos deparamos com a inexistência de obras bibliográficas que poderiam ter contribuído com o registro da atuação da Rádio Caçanjurê desde sua fundação, faz-se necessário apelar para as lembranças da memória das fontes entrevistadas ao longo da pesquisa. Por intermédio desses relatos, é possível realizar o resgate e consequentemente efetuar o registro de momentos, e até mesmo de programas que são ou eram mantidos com o objetivo de informar e auxiliar a população.

Porém, antes da socialização das informações obtidas por intermédio das entrevistas, pode-se contextualizar um pouco mais sobre como eram as emissoras por volta da década de 1950. Para isso, tomamos como base os resultados da pesquisa realizada pelo jornalista Leandro Ramires Comassetto e publicada no ano de 2007. Em sua pesquisa, Comassetto (2007) afirma que a programação dos primeiros anos do rádio no interior de Santa Catarina, incluindo a Rádio Caçanjurê, enfrentou dificuldades, pois não havia pessoas qualificadas para atuarem em tal meio de comunicação.

A Rádio Caçanjurê, em 1951, usou de uma estratégia curiosa na época na tentativa de conseguir gente para trabalhar. Promoveu um concurso para locutores, ou para pessoas que se habilitavam à função, e formou a sua primeira equipe (COMASSETTO, 2007, p. 94).

Um dos primeiros locutores da emissora Caçanjurê foi contratado nesse concurso citado por Comassetto (2007). Primo Zini³⁹ é o ex-locutor da Rádio Caçanjurê mais antigo que esta pesquisa conseguiu identificar e que se encontra vivo. Atualmente está com 87 anos e lembra com saudosismo da época que desempenhou a função de jornalista, repórter, locutor e apresentador de programas na emissora. “O lado social, com transmissões de bailes, aniversários, entre outras manifestações, era feito por Primo Zini” (MEDEIROS e VIEIRA, p. 62, 1999).

A passagem de Zini pela Caçanjurê deu-se entre os anos de 1951 a 1956 e ele recorda que “eram poucos que trabalhavam lá, depois de um certo tempo precisaram de locutores, aí fazia-se anúncio para trabalhar uma ou duas horas por

³⁹ Entrevista realizada pela pesquisadora com Primo Zini no dia 20 de maio de 2016 na cidade de Caçador.

dia na rádio” (ZINI, 2016). Posterior a esse período, ele deixou de lado a atuação em rádio para dedicar-se somente à profissão de contador. Zini é natural do município de Piratuba, que fica no oeste de Santa Catarina, estava em Caçador para estudar, mas além de estudar, passou a fazer parte da equipe da emissora aos 21 anos.

Eu gostava muito do rádio, demais, gostava muito porque durante a Segunda Guerra Mundial eu ia na casa de um ferreiro que tinha um rádio e todo mundo ia porque naquele tempo quem tinha um rádio não era qualquer um, então a gente ia lá escutar as notícias da guerra, isso já no final de 45. Aquilo me chamou a atenção, a voz dos locutores narrando aquelas peripécias, aquelas lutas, a força expedicionária brasileira se encaminhando para lá, e isso ficou na memória e fiquei pensando durante anos. Ai a rádio Caçanjurê fez um anúncio para selecionar locutores. Nunca esqueço, foi numa tarde, então fomos e tinha muita gente. Cada um ia lá no estúdio, fazia uma narração de um texto, e para minha surpresa eu fui classificado em primeiro lugar e daí então eles me deram permissão para trabalhar, era um pequeno espaço e ganhava uma certa gorjeta por mês (ZINI, 2016).

Pouco tempo depois da contratação, Zini conta que passou a integrar a equipe da Caçanjurê em período integral, e assim auxiliava nas mais diversas atividades, porém, tinha apreço por uma em especial. “Me contrataram para ficar permanentemente na rádio, o dia inteiro, e o meu interesse principal era fazer narrações, narrações de tudo. Essa revelação de Zini em relação à real paixão por trabalhar em rádio é o fator que contribuiu para que o papel social da emissora fosse desempenhado nas mais diversas circunstâncias, como o próprio ex-locutor lembra.

Quando vinha um político de fora eu ia receber, fazer uma reportagem, naquele tempo isso tinha muita influência. Não tinha coisa que eu não fizesse, por exemplo tinha uma formatura, pois eu transmitia a formatura ao vivo, eu gostava muito de fazer as coisas ao vivo. Aí, quando veio a Imagem de Nossa Senhora Aparecida, quando inauguram a capela, também fui lá e fiz uma reportagem. Quando faleceu o prefeito Carlos Esperança, o pai dos pobres considerado aqui em Caçador, ele foi para Curitiba fazer tratamento e faleceu lá, e eu fiz uma narração de quando o carro entrou na cidade, fui acompanhando, dizendo, e o pessoal na janela chorando. Essas coisas que eu gostava de transmitir. Transmitia baile, tudo o que acontecia na cidade, um acidente de carro a gente ia lá e fazia a reportagem como foi, como não foi, e assim por diante. Geralmente onde tinha um telefone eu fazia via telefone, e depois conseguiram fazer um equipamento portátil de AM, que era levado, e a mesa do estúdio captava e levava no ar na hora, então não se tinha essa facilidade de hoje, telefone celular que você chega e grava e conversa em qualquer parte sem se incomodar. A minha paixão maior era fazer reportagem, fazia de tudo um pouco porque naquela época a cidade também não era grande, mas todo mundo ouvia rádio, porque era um meio de comunicação popular, não existia televisão, a televisão estava engatinhando (ZINI, 2016).

A vocação social, de auxiliar os ouvintes e a comunidade de forma geral já era verificada no período em que Zini atuou na Caçanjurê. Ele relata que possui

recordações de campanhas que tinham como objetivo ajudar os mais necessitados e desprovidos de recursos financeiros.

O papel social da rádio era ajudar quem tinha casa queimada, fazer caridade. Naquela época, a gente gostava de transmitir como jornalista porque mentalmente a gente dizia uma coisa e já tinha quatro ou cinco coisas na memória para dizer. A gente não ia lá dizer bobagem, falava tudo certinho para deixar uma informação boa para o ouvinte. Assim, também tinha recados das pessoas que moravam no interior e não poderiam ir para casa e avisavam pelo rádio onde iriam ficar. Naquela época, se não fosse pela rádio, as coisas eram mais difíceis de acontecer (ZINI, 2016).

Nessa época, alguns dos quadros existentes na programação, que eram comandados por Primo Zini:

Dentre as irradiações, estavam os eventos 'Bonequinha da Cidade', 'Rainha do Comércio' e 'Miss Caçanjurê'. Havia também um programa humorístico chamado "Do Zero ao Zero", uma paródia ao conhecido "O Céu é o Limite", levado ao ar pela Rádio Tupy de São Paulo (Medeiros e Vieira, 2002, p. 62)

Elias Colpini⁴⁰ (2016) recorda que, no período em que esteve atuando na Caçanjurê entre os anos de 1969 e 1989, havia diversos programas que tinham o objetivo de prestação de serviço para a comunidade.

Nós tínhamos um programa que chamava Seu Secretário, às vezes eu apresentava, às vezes a Noêmia Tomazoni, mas era um programa padrão da rádio. Todos que vinham para a cidade, para o hospital fazer uma consulta, iam lá na rádio e deixavam o aviso: "fulano de tal avisa que a consulta foi feita, está tudo bem, pode ficar tranquilo, está voltando hoje à tarde para casa". Ou se ficava internado, avisava: "só vai voltar amanhã ou depois". Então a gente fazia isso diariamente (COLPINI, 2016).

Inês Terezinha Bazzanella de Costa⁴¹ (2017) recorda que o programa Seu Secretário "era gratuito e social, as pessoas utilizavam quando tinham a necessidade de divulgar alguma coisa, então ele ia no ar por volta das 13 horas". Igualmente, Bazzanella⁴² (2017) destaca que, por volta de 1967, o programa "Seu Secretário" se mantinha no ar e tinha finalidade de levar informações e orientações aos ouvintes.

⁴⁰ Entrevista realizada pela pesquisadora com Elias Colpini no dia 24 de maio de 2016 na cidade de Caçador.

⁴¹ Inês Terezinha Bazzanella de Costa possui atualmente 72 anos. Trabalhou na Rádio Caçanjurê entre os anos de 1968 e 1969. Desempenhava as funções de locutora, sonoplasta e programadora. Entrevista realizada pela pesquisadora no dia 30 de outubro de 2017. É irmã do também entrevistado nessa pesquisa Alcir Bazzanella.

⁴² Entrevista concedida à pesquisadora no dia 23 de março de 2017.

Tinha o Seu Secretário, era um programa apresentado por volta de uma da tarde, se não me engano, então entrava o Seu Secretário e tinha todos os anúncios possíveis. Nota de falecimento, aviso de fulano pra ciclano na colônia. Então o Seu Secretário era o que anunciava tudo isso. Era a prestação de serviço mesmo. (BAZZANELLA, 2017).

Já Noêmia Dessbesell Tomazoni⁴³ desempenhou diversas funções, entre elas foi locutora na Rádio Caçanjurê entre 1971 a 1989. O programa “Seu Secretário” chegou a ser apresentado por ela. Tomazoni (2017) relembra que o programa ‘Seu Secretário’ era levado ao ar depois do ‘Jornal do Almoço’, era um programa de utilidade pública, com avisos, vendas, notas de falecimento, entre outros”.

Além do programa que tinha o nome de “Seu Secretário”, Colpini (2016) destaca que existiam pelo menos outros dois programas que também atuavam em questões sociais. Um deles se chamava “Parada de Sucesso” e o outro recebia o nome de “A Caçanjurê de Fato”.

Esse programa que levantava problemas sociais. A gente estava querendo criar um centro de promoções sociais na cidade, que foi o que deu origem à Guarda Mirim depois. Então, nós trouxemos inclusive uma assistente social de Curitiba, que era da minha igreja, para fazer uma semana de serviço social na cidade, e fizemos através do “A Caçanjurê de fato”. Ela fez palestras, reuniu todas as igrejas, todas as associações, e nós fizemos lá no salão Paroquial da Catedral, uma semana de palestras chamada Semana Social, que deu origem depois a uma entidade chamada Centro de Promoção Social, que acabou não vingando, embora estivesse registrado estatuto e tudo, porque as pessoas que estavam envolvidas alguns morreram.

Ainda no aspecto social, para o historiador Júlio Corrente⁴⁴ (2016), o fato das ondas do rádio chegarem aos locais mais longínquos, sem a necessidade de o ouvinte saber ler e escrever, foi o diferencial no princípio, quando da criação do município de Caçador.

A rádio foi fundamental também como objeto de uso das pessoas, objeto de uso que eu digo é como na década de 40, se alguém chegava em Caçador e queria conversar com outra pessoa e não sabia onde localizar, ia até a rádio e fazia um anúncio. Se há algum problema maior, a rádio chega em vários lugares e as pessoas ouvem. Essa relação cultural, essa relação social da rádio, está muito na história de Caçador e é muito mais intensa do que se imagina, muito mais presente no nosso meio que o imaginável (CORRENTE, 2016).

⁴³ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 7 de novembro de 2017. Noêmia Dessbesell Tomazoni foi esposa do falecido e ex-dono da Rádio Caçanjurê, Raul Tomazoni.

⁴⁴ Entrevista realizada pela pesquisadora com o historiador Júlio Corrente em abril de 2016.

Além das narrações externas, que são os fatos que aconteciam fora do estúdio da rádio, sempre houve na programação da Caçanjurê programas jornalísticos. Zini (2016) enfatiza que havia preocupação com a qualidade das informações do material jornalístico que era levado ao ar. Para informar a população de Caçador e região sobre os principais fatos que marcavam o Brasil e o mundo naquela época, era desenvolvida a atividade de rádio-escuta. Para isso, funcionários da Caçanjurê ouviam a programação de rádios de maior prestígio, normalmente instaladas em grandes cidades do país.

Fazia rádio escuta, pegava, por exemplo, Rio de Janeiro, porque não tinha esses contatos como hoje para dar no noticiário do meio dia. Então às 10 horas, a gente ouvia o jornal daquela emissora de longe e copiava as principais informações. E transmitia também o programa Repórter Esso da Rádio Tupi, que vinha direto da Rádio Nacional (ZINI, 2016).

Diva Adami Telck⁴⁵ (2017) confirma que o ex locutor Primo Zini dedicava-se mais às questões jornalísticas da emissora, enquanto outros locutores cuidavam da parte de entretenimento, como era o caso do esposo da própria Diva, o locutor Osmar Telck.

O Zini, o Alcides⁴⁶ e meu esposo (Osmar Telck) trabalhavam todas às noites na rádio. Eles começavam às sete e tocavam a programação até meia noite, e eles faziam toda a programação naquele horário. Eles faziam a parte jornalística e musical, o Zini cuidava mais da parte jornalística, meu esposo fazia mais a programação e os programas de auditórios (TELCK, 2017).

Também Noêmia Dessbesell Tomazoni⁴⁷ (2017) destaca que outro programa mantido na emissora e que tinha o prestígio da comunidade local era o Jornal do Almoço, levado ao ar de segunda a sexta-feira ao meio dia.

O meu esposo Raul apresentava o Jornal do Almoço, nas reportagens de rua estava o falecido Joair dos Santos Lima e um rapaz chamado Luiz Eduardo. O jornalismo era conduzido de uma forma muito respeitosa com todos os envolvidos. Raul nunca admitiu sensacionalismo, a notícia era dada de forma íntegra. Raul era um homem íntegro, que não admitia chacota sobre qualquer coisa. O ouvinte tinha a informação, mas sem detalhes pejorativos, respeitando os envolvidos (TOMAZONI, 2017).

⁴⁵ Diva Adami Telck não soube precisar o sobrenome de Alcides.

⁴⁶ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 5 de julho de 2017.

⁴⁷ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 7 de novembro de 2017. Noêmia Dessbesell Tomazoni foi esposa do falecido e ex-dono da Rádio Caçanjurê, Raul Tomazoni.

Para o empresário aposentado atualmente com 104 anos, Ernesto Faoro⁴⁸, o prestígio da Rádio Caçanjurê sempre esteve relacionado ao papel informativo que a emissora desempenhou em benefício da população.

Nós ouvíamos muito mais a rádio naquele tempo do que hoje, pois se transmitia muita notícia de Caçador. A rádio era um movimento da cidade e ninguém deixava de ouvir a rádio, pois era o único canal de comunicação da cidade, também no rádio vinha muita informação de fora e era transmitida na Caçanjurê (FAORO, 2017).

O profissional que atuou por mais tempo no setor jornalístico da Rádio Caçanjurê, por quase 42 anos, foi Joair dos Santos Lima⁴⁹. “Era o primeiro a chegar na Rádio Caçanjurê, onde trabalhou desde 1969. Redigia os primeiros boletins informativos e preparava a pauta do jornal do meio dia” (CAÇADOR ONLINE, 2010). Em uma entrevista concedida ao Portal do Notícias Caçador Online em 29 de dezembro de 2008, Joair dos Santos Lima comentou sobre o jornalismo. “O jornalismo é uma profissão gratificante pela liberdade que temos de analisar os fatos. Procurei sempre ir além de informar, investigando e levantando coisas para que haja uma reação das pessoas” (CAÇADOR ONLINE, 2008).

A esposa de Joair dos Santos Lima, Lourdes Debastiani de Lima⁵⁰, embora não tenha sido registrada legalmente, trabalhou também para a Rádio Caçanjurê de maneira informal. “Eu ligava os transmissores às 5H30, tinha que esperar esquentar os equipamentos para depois pôr no ar a programação, e isso durou anos até mudarem aonde é hoje a rádio” (LIMA, 2017). Sobre a atuação do esposo no departamento de jornalismo da Rádio Caçanjurê, ela diz recordar que ele manteve também alguns quadros opinativos, como: “Cutucando”, “Coisas da Vida”, “Farpas” e “Hora da Corneta”. “Ele pegava vários assuntos na cidade e ia implantando nos programas, e quando o assunto era sério, colocava a sua opinião” (LIMA, 2017).

Os quadros opinativos proporcionaram credibilidade perante a sociedade, pois Lima (2017) explica que a população se sentia representada pela ação da emissora.

Lembro que o pessoal o criticava por causa da Hora da Corneta, porque ele apontava as coisas erradas que aconteciam em Caçador, e se eles não fizessem direito, ele voltava a criticar. Eu lembro que com isso ele se tornou

⁴⁸ Entrevista concedida por Luiz Roberto Damaceno a pesquisadora no dia 4 de junho de 2017.

⁴⁹ Faleceu no dia 13 de março de 2010 em Caçador em decorrência de complicações provocadas pela diabetes. Nasceu em Palmas (PR), no dia 15 de julho de 1942 (CAÇADOR ONLINE, 2010).

⁵⁰ Entrevista concedida por Lourdes Debastiani de Lima à pesquisadora no dia 5 de junho de 2017. Na época estava com 74 anos.

o chefe do jornalismo e todas as notícias que eram apuradas sempre passavam por ele. Eu acho que ele tinha muito orgulho do que fazia, mesmo com as críticas, ele sempre continuava fazendo o seu trabalho com honestidade e nunca faltando com a verdade (LIMA, 2017).

Ainda Lourdes Debastiani de Lima contribui com informações acerca da programação existente no período em que o esposo atuou no jornalismo da Rádio Caçanjurê.

Ele montava o Jornal da Manhã e apresentava, e ao meio-dia apresentava o Jornal do Meio Dia. O Jornal da Manhã era noticiado poucas notícias, e o Jornal do Meio Dia ele iniciava ao meio-dia e ia até a hora dos avisos, que era um programa de utilidade pública que era chamado de “Seu Secretário”. Esse programa “Seu Secretário” era muito útil porque antigamente não havia celular e se alguém quisesse saber de algo era através do rádio ou ir até o local a pé. Logo após, ele iniciou um programa de ouvintes que escreviam cartas e mandavam para ele ler. Ele lia e atendia a música que a pessoa pedia ou, no caso, a notícia que a pessoa queria mandar (LIMA, 2017).

Ainda de acordo com Lima, Joair dos Santos Lima faleceu antes de concluir um livro, ao qual estava se dedicado nos últimos anos de trabalho na emissora, com o objetivo de contar a própria trajetória, bem como a história da emissora.

4.1.2 Atuação informativa e social na construção do Hospital Jonas Ramos e na enchente de 1983

Um dos fatos que Zini (2016) diz lembrar-se como marcante em sua carreira foi a transmissão da inauguração do Hospital Jonas Ramos de Caçador, que aconteceu no dia 15 de dezembro de 1957. As mobilizações da sociedade local em busca da viabilização de um hospital em Caçador começaram anos antes. Zini diz recordar-se que a emissora foi parceira na divulgação das ações desenvolvidas em busca da conscientização sobre a necessidade da existência de um hospital e também na busca de recursos financeiros para a edificação.

Quando foi inaugurado o Jonas Ramos, eu fui lá e transmiti a solenidade, mas demorou vários anos para ser construído, ficou um tempo parado por caso do dinheiro público, que não tinha toda hora. Mas naquele dia estive lá no Jonas Ramos, transmitindo, rezando missa, foi algo que marcou a atuação da rádio naquela época (ZINI, 2016).

As contribuições da Rádio Caçanjurê para o Hospital Jonas Ramos são lembradas também pelo ex-presidente do Hospital, Elias Seleme Neto⁵¹. Seleme ocupou também outros cargos na diretoria, mas efetivamente a presidência assumiu na gestão de 1995 a 1996, quando o então presidente Edgar Nelson Fezer renunciou. Depois, Seleme foi presidente também nas gestões seguintes, por um período que compreendeu de 1997 a 2012 (REVISTA ATITUDE, 2011).

Quando fui presidente do Hospital Jonas Ramos, a rádio divulgava o trabalho do hospital, nós divulgávamos tudo o que se passava no hospital, desde as dificuldades. Por exemplo, eram muitos pacientes que se tratavam pelo SUS, digamos que 80 a 90%. O SUS pagava, por exemplo, R\$ 11 por paciente e gastávamos R\$ 20, não tinha hospital que se sustentasse. A rádio foi amiga do hospital, sempre ajudou nas campanhas e às vezes também fazia campanhas em prol do hospital (SELEME NETO, 2017).

A parceria da Rádio Caçanjurê na campanha em prol da construção do Hospital Jonas Ramos está registrada também no exemplar da Revista Atitude, de 25 de março de 2011. A revista lançou uma edição especial intitulada de “Hospital da Caridade e Maternidade Jonas Ramos. Uma história de todos os caçadorenses”, escrita pela jornalista Angela Maria Cardoso dos Santos. Na reportagem, é descrita toda a trajetória do hospital, antes mesmo da fundação, até o ano de 2011. No conteúdo, há uma menção especial ao trabalho da emissora Caçanjurê, com o título de “Campanhas nas ondas do rádio”.

A rádio Caçanjurê AM sempre foi uma das grandes aliadas do hospital Jonas Ramos, com a divulgação de campanhas para arrecadar recursos. Um dos seus proprietários da época, Elias Colpini, conta que além da ajuda pela rádio, também participou da diretoria do Hospital, sendo convidado em 1971 por Almir Binitto para fazer parte do Conselho Fiscal. Em algumas ocasiões, Elias Colpini também foi o orador do hospital. Com relação à situação do hospital naquela época, ele lembra que a busca por recursos era algo frequente, mas sempre com pronta resposta da população (SANTOS, 2011, p. 24).

Toda a trajetória do Hospital Jonas Ramos foi amplamente acompanhada pela emissora, tanto que, em 2010, foi a própria Rádio Caçanjurê que noticiou que o hospital passava por dificuldades financeiras e seria fechado.

A questão financeira envolvendo o Hospital Jonas Ramos debatida desde o ano passado começa a se desenrolar. A falta de recursos faz com que o lugar tenha suas portas fechadas nesta quarta-feira (9) e os atendimentos de obstetrícia, ginecologia e maternidade transferidos para o Hospital

⁵¹ Elias Seleme Neto foi entrevistado pela pesquisadora no dia 28 de março de 2017. É empresário aposentado, nasceu no dia 17 de julho de 1925, tendo completado, em 2017, 92 anos.

Maicé. A ala psiquiátrica também será fechada e já existem negociações com hospitais de fora para transferência de pacientes. Em entrevista à Rádio Caçanjurê nesta terça-feira, a representante do Jonas Ramos, irmã Elisabete Lima, relatou os fatos. “Queremos alertar que a comunidade não sofrerá nenhum prejuízo em termos de atendimento. Quanto a ala psiquiátrica já temos os municípios de referência para onde os pacientes serão encaminhados. O espaço para maternidade dentro do Maicé já teve as adequações feitas para preservar e qualificar o serviço”, disse (CAÇADOR ONLINE, 2010).

Outro fato que marcou a atuação da Rádio Caçanjurê nesses quase 70 anos de existência foi, no mês de julho de 1983, quando o estado de Santa Catarina foi atingido por fortes chuvas, o que ocasionou a “Enchente de 1983. Dados referentes a aquele período informam que mais de 150 residências foram levadas inteiras pela correnteza das águas. O Rio do Peixe chegou a registrar a máxima de 6,51 metros acima do nível, deixando mais de duas mil pessoas desabrigadas durante os três dias em que a água tomou as ruas dos municípios por onde passa o rio (JORNAL EXTRA, 2016).

Entre os municípios atingidos pela força da água da chuva e do Rio do Peixe, esteve também Caçador. Embora sem vítimas fatais, diversas famílias perderam as suas casas, empresas e instituições foram alagadas naquela que foi a maior catástrofe natural já registrada no meio-oeste de Santa Catarina. A atuação da Rádio Caçanjurê no quesito de proporcionar informações e de auxiliar as pessoas que foram afetadas pela água foi fundamental e ainda está presente na memória dos moradores. A atuação da emissora, além de noticiar os fatos, deu-se especialmente na organização de mutirões em prol e arrecadação de doações para as famílias atingidas.

Em julho de 1983, o presidente do Corpo de Bombeiros Voluntários de Caçador era Alfieri Freiburger⁵², que tinha 38 anos. Naquele ano, a sede dos Bombeiros Voluntários ficava na rua Marechal Rondon, centro da cidade e próximo ao Rio do Peixe. Freiburger (2016) relata que, nas vésperas da catástrofe, os bombeiros retiraram os arquivos e todo o material que estava na corporação e recolheram na loja da antiga empresa Sulca. “Nos reunimos e começamos a avisar as pessoas para retirarem as coisas, porque o rio estava subindo. Quando foi seis horas da manhã, o rio passou a subir muito rapidamente, subia de 10 a 20 centímetros por hora” (FREIBERGER, 2016).

⁵² Alfieri Freiburger concedeu entrevista a Juciele Marta Baldissarelli no dia 20 julho de 2016.

A chuva foi intensa e a água tomou conta da sede dos bombeiros, a água chegou à altura de 2,60 metros no interior das dependências da sede da Corporação (VOGEL, 2011). Freiburger conta que antes da água chegar a essa altura de 2,60 metros, permaneceu no local atendendo aos telefonemas, pois inúmeras pessoas pediam auxílio dos bombeiros, visto que as casas ribeirinhas estavam sendo tomadas pela água. “As primeiras horas da quinta-feira 7 de julho de 1983 foram de desespero para os habitantes” (FREIBERGER, 2016).

Assim que a água do rio começou a invadir as residências, a Rádio Caçanjurê foi informada pelos próprios bombeiros. Para Freiburger (2016), naquela ocasião, a Rádio Caçanjurê foi uma grande parceira e desempenhou sua função de informar e mobilizar a população de Caçador para auxiliar aqueles que necessitavam de ajuda e os bombeiros não conseguiam atender devido à grande quantidade de trabalho e por ter a própria sede tomada pela água.

Às seis horas era um telefonema atrás do outro pedindo socorro, aí eu liguei para o Raul Tomazoni, que na época era o diretor da Rádio Caçanjurê e pedi que ele avisasse na rádio para a população que não tivesse sido atingida vir nos ajudar, porque os bombeiros não estavam dando conta de tanto chamado que registrávamos (FREIBERGER 2016).

Para Freiburger (2016), com o auxílio prestado na enchente de 1983, a atuação da Rádio Caçanjurê em prol da sociedade ficou marcada positivamente e, desta forma, passou também a fazer parte da história do Corpo de Bombeiros Voluntários do município de Caçador.

A População dependeu muito da rádio naquela época, porque se baseavam na rádio para buscar informações. A Rádio Caçanjurê começou a transmitir desde às 7 da manhã porque fui falar com o seu Raul Tomazoni para ele ir até a rádio para pedir para a população auxiliar as outras pessoas que estavam debaixo d'água. O Corpo de Bombeiro teve horas que não dava mais conta do serviço, e durante o período todo o dia da enchente, a Rádio Caçanjurê se prontificou em ajudar. Antigamente não existia televisão e tudo era baseado através do rádio, e o rádio era o principal meio de informação que nós tínhamos em Caçador. Então a Rádio Caçanjurê marcou época. A cidade sabia tudo aquilo que acontecia através da Caçanjurê, e a rádio sempre se preocupou em informar tudo que acontecia na cidade e na região (FREIBERGER 2016).

O atual coordenador da Defesa Civil de Caçador, Sérgio Eloy Bisotto⁵³, tinha 19 anos em 1983 e havia servido ao Exército no ano anterior. Ele e os colegas já

⁵³ Sérgio Eloy Bisotto foi entrevistado pela pesquisadora no dia 29 de julho de 2016 na cidade de Caçador.

havam sido dispensados do serviço, quando no ano seguinte foram chamados pelo Comandante do Tiro de Guerra de Caçador para auxiliarem nos resgates na enchente. “Como o pessoal que estava servindo em 1983 ainda não estava preparado, o sargento chamou quem tinha servido no ano anterior para auxiliar. Trabalhamos três dias e duas noites direto, sem parar (BISOTTO, 2016).

Bisotto explica que naquela época Caçador não possuía Defesa Civil ou qualquer órgão oficial para comandar os serviços, por isso, a Rádio Caçanjurê atuou como um órgão organizador das atividades a serem desenvolvidas, orientando por intermédio da programação quais eram as doações necessárias, ou informando sobre a enchente. Assim, com a grande cheia, Bisotto e os colegas de Tiro de Guerra auxiliaram na distribuição de alimentos, roupas e medicamentos aos desabrigados. “Vieram doações da Europa, roupas, que foram destinadas às damas de caridade. Além disso, diversos pedidos e campanhas foram realizadas pela Rádio Caçanjurê (BISOTTO, 2016).

Elias Colpini⁵⁴ (2016), além de sócio da emissora em 1983, era apresentador também de alguns programas. Ele lembra que, durante a transmissão do ocorrido, a emissora quebrou paradigmas e mudou até mesmo o formato da programação, com o objetivo de atender às necessidades que a sociedade estava passando.

Na questão da enchente de 1983, a rádio prolongou o horário para ficar 24 horas no ar, a gente dava toda orientação, nós passamos a fazer a parte da Defesa Civil. Todo comunicado dos bombeiros, todo comunicado que tinha, a gente fazia orientando a população, e nós íamos aos locais também (COLPINI, 2016).

Colpini recorda que, tanto no dia em que foi registrada a enchente quando nos dias seguintes, parte da programação da Rádio Caçanjurê passou a ser veiculada diretamente das imediações da Paróquia da Igreja Catedral de Caçador e da Prefeitura, pois no local foi montado um centro de ajuda aos atingidos. Ele diz lembrar do dia em que um helicóptero da Força Aérea Brasileira (FAB) pousou e descarregou medicamentos e alimentos para a população.

Uma das maiores emoções da minha vida foi quando nós ficamos na enchente isolados, não tinha entrada para lado nenhum, e começou a faltar alimento, remédio e a gente montou um posto lá na igreja matriz para receber alimentos e ajuda. E a todo momento a rádio estava dizendo que tinha recebido comunicado que um helicóptero iria chegar a qualquer

⁵⁴ Entrevista realizada pela pesquisadora com Elias Colpini no dia 24 de maio de 2016 na cidade de Caçador.

momento trazendo alimento e remédio. Eu estava no posto central de arrecadação, lá na central transmitindo ao vivo sobre os alimentos que estavam chegando, quando de repente nós ouvimos o ronco do helicóptero, e eu comecei a descrever o helicóptero passando, e ele acabou descendo lá no pátio da própria catedral, aí eu comecei a descrever, descrever e desabei no choro, não consegui terminar a reportagem. Então eu considero isso uma das maiores emoções que eu tive no rádio, porque foi uma coisa concreta, a gente sabia que estava acontecendo aquilo (COLPINI, 2016).

Noêmia Dessbesell Tomazoni era locutora da emissora no ano de 1983, comandava um programa que era levado ao ar todas as manhãs, por volta das 10 horas. Além de ter sido uma das vítimas da enchente, pois a casa foi tomada pela água, relembra de que maneira a rádio atuou para auxiliar a comunidade.

Na enchente que marcou o município, a enchente de 1983, a atuação da rádio foi fundamental. Através das informações do rádio, os bombeiros conseguiam se situar. Foi uma enchente horrível, e depois que tudo passou, a rádio ainda se mobilizou realizando campanhas para ajudar as pessoas. Em parceria com o Lions Clube e o Rotary Clube, mobilizamos a comunidade para todos se ajudarem (TOMAZONI, 2017).

Severo e Gomes (2009), no livro “Memória da Radiodifusão Catarinense”, também fazem menção ao trabalho prestado pela Rádio Caçanjurê em prol da sociedade na ocasião da Enchente de 1983. Os autores escrevem que “um dos destaques da Rádio Caçanjurê foi a enchente de 1983, que inundou praticamente todas as ruas de Caçador, deixando a cidade isolada” (2009, p.134). De acordo com o registro da obra bibliográfica, foi através da emissora que os órgãos competentes puderam orientar a população. “Foram quase duas semanas de trabalho ininterrupto” (SEVERO; GOMES, 2009, p. 134).

Também Joair dos Santos Lima, que coordenava o setor de jornalismo em 1983, em uma entrevista concedida ao Jornal Folha, ao jornalista Frutuoso de Oliveira, no ano de 2005, comentou que um dos fatos que mais marcou a vida radiofônica foi a enchente de 1983. Ele era o encarregado de repassar as informações e avisos da Defesa Civil, e a rádio, na época, era o único meio de divulgação dos acontecimentos.

Foram três dias direto de cobertura. O mais difícil foi o primeiro dia. Fiquei até de madrugada trabalhando e, quando saí para ir para casa, não consegui porque a água tomou conta da ponte que dava acesso. Tive que voltar e dormir na rádio. Estava um frio danado (JORNAL FOLHA, 2005).

O assunto enchente de 1983 é um dos que mais marcaram a atuação da Rádio Caçanjurê. É um tema que está na memória dos atuais profissionais da

emissora. Grande parte deles era ainda criança quando a catástrofe ocorreu, porém mantém viva na memória como foi a transmissão. “As questões climáticas marcam muito, assim como a histórica enchente de 1983, que a rádio foi muito importante naquela época” (ROSO, 2017).

Teve tantos acontecimentos em Caçador, mas o que mais me marcou foi da enchente de 1983. A Caçanjurê era o veículo da informação da comunidade, então assim os acontecimentos na cidade eram transmitidos aqui pela rádio, criando a informação para o ouvinte (DAMACENO, 2017).

4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA RÁDIO CAÇANJURÊ PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE CAÇADOR

Igualmente ao que foi registrado nesta pesquisa referente à informação e às questões sociais, o registro da atuação cultural que a Rádio Caçanjurê desempenha como meio de comunicação desde sua fundação pode ser aferido também em sites na internet de empresas jornalísticas do município de Caçador. A constatação da atuação cultural da rádio é feita também no site *Caçador Online* (<http://www.cacador.net>) e por intermédio dos relatos obtidos com as entrevistas realizadas para esta pesquisa, especialmente com ex e atuais funcionários.

Como já escrito por diversas vezes neste estudo, a Caçanjurê nasceu no ano de 1947, ou seja, em um período que ficou conhecido como a Era de Ouro do Rádio Brasileiro. No Brasil, o rádio atingiu seu apogeu em 1930, como principal veículo de comunicação de massa, na mesma época em que o país era governado por Getúlio Vargas⁵⁵. Nesse período, iniciou-se a chamada “Era de Ouro do Rádio”, quando ele se popularizou e tornou-se um meio de entretenimento.

César Ladeira (apud CALABRE, 2002, p. 23-24) afirma que, em 1933, o rádio estava vencendo na sua finalidade de divertir, e que querer mantê-lo como veículo meramente educativo era um grande equívoco, pois o modelo bem-sucedido seria o do veículo de entretenimento. Na Era de Ouro, as rádios disputavam a audiência dos ouvintes atraindo e lançando novos artistas em shows de calouros. Os cantores se apresentavam em programas de auditórios, que eram assistidos por dezenas de

⁵⁵ O presidente Getúlio Vargas estabeleceu regulamentações para os diversos setores de produção cultural. Dois decretos estabelecidos pelo presidente regulamentavam de forma detalhada o funcionamento técnico e profissional do setor radiofônico. A principal contribuição foi a liberação de transmissão de propaganda comercial (CALABRE, 2002).

peessoas. Além disso, as radionovelas atraíam ouvintes que estavam interessados em acompanhar as tramas que eram apresentadas pelas ondas do rádio. Calabre (2002) reitera que, até por volta de 1950, algumas emissoras de rádio “chegavam a manter diariamente no ar mais de seis radionovelas” (p.38).

Quando a rádio Caçanjurê foi fundada (1947), as estações transmitiam apenas em AM (Amplitude Modulada), em ondas curtas ou longas. As ondas longas possuem baixo alcance da frequência, ao passo que as curtas têm maior irradiação. Os aparelhos, por sua vez, chegavam aos lares dos brasileiros com dispositivos capazes de sintonizar o tipo de onda que se queria captar. Ou seja, uma família em Caçador poderia perfeitamente ouvir emissoras de cidades maiores, como por exemplo São Paulo. “Era comum que as famílias que não tinham aparelhos de rádio partilhassem com seus vizinhos (...)” (CALABRE, 2002, p.25). Esse fator, aliado ao prestígio que o rádio conquistava a cada dia, fez com que, no cenário nacional, diversos artistas se tornassem conhecidos por meio das ondas do rádio. Assim surgiram grandes nomes da Música Popular Brasileira, como, por exemplo, Ary Barroso, Dalva de Oliveira e Orlando Silva, entre tantos outros.

Calabre (2002) afirma que a população estava tão encantada com o rádio que não se satisfazia somente em ser ouvinte, pois as pessoas queriam acompanhar de perto o que de fato estava acontecendo. “Com o crescimento da popularidade das rádios, os ouvintes passaram a não mais querer somente ouvir seus artistas favoritos. Eles desejavam vê-los (CALABRE, 2002, p.26). Algumas rádios valeram-se até mesmo da cobrança de ingressos aos que queriam assistir os programas de auditório, que era uma maneira de arrecadar recursos para manter o empreendimento.

Por outro lado, para as pessoas que tinham o desejo de se tornar nacionalmente conhecidas por meio da música, apresentar-se nesses programas de auditório era considerado um pré-requisito. Também foram criadas pelas emissoras as disputas entre as cantoras pelo título “Rei e Rainha do Rádio”. Vencer o concurso poderia render um contrato, com a realização de programa exclusivo no rádio (CALABRE, 2002).

Nas grandes cidades do Brasil, esse momento áureo do rádio, chamado da “Era de Ouro”, prevaleceu até por volta de 1950, quando ocorreu a implantação da primeira televisão do país, a TV Tupi de São Paulo. As rádios começaram a dividir a verba publicitária com a televisão e a atenção se voltou para o novo meio de

comunicação, que não transmitia somente o som, mas também as imagens. Já em cidades do interior, como é o caso do município de Caçador, a “Era de Ouro do Rádio” estendeu-se por mais tempo, como abordaremos ainda neste capítulo.

Já no estado de Santa Catarina, o rádio desenvolveu-se de maneira mais tardia. Ele viveu seu apogeu especialmente entre os anos de 1945 e 1964, quando ocorreu a instalação de grande número de emissoras, mas mais diversas regiões. Esse desenvolvimento inicial da radiodifusão catarinense está intimamente ligado a questões políticas⁵⁶, assunto ao qual não iremos nos ater, por não ser nosso objetivo de investigação. No entanto, conforme já explicado, mas com o objetivo de resgatar a informação, a Rádio Caçanjurê foi a décima-terceira emissora a entrar em funcionamento em Santa Catarina.

Guardadas as devidas proporções de tamanho e quantidade populacional, em Caçador iniciou na década de 1940, prolongando-se até a atualidade, o fenômeno da “Era de Ouro do Rádio”. Tão logo a emissora foi instalada, aconteceu a implantação de programas que tinham o objetivo de entreter seus ouvintes. Medeiros e Vieira (2002) escrevem que, em 1950, quando a Caçanjurê passou a funcionar no edifício Gattermann, no Largo Caçanjurê, sendo de propriedade de Adelar Gattermann, “um dos programas radiofonizados foi *O Pedido Musical*, apresentado por Ilka Helena, voltado a dedicar canções entre os ouvintes. Outro programa se chamava *A sua Música Querida*, com Osmar Telck” (p.62).

Ainda Medeiros e Vieira (2002) chamam de “lado social” a prestação de serviço realizada pela Rádio Caçanjurê no quesito de entretenimento que era desempenhado pela emissora. “O lado social, com transmissões de bailes, aniversários, entre outras manifestações, era feito por Primo Zini” (p.62).

4.2.1 Os programas de auditório da Caçanjurê

Comassetto (2007) contextualiza que, à medida que as rádios do interior de Santa Catarina conseguiam formar suas equipes de trabalho, iniciava-se uma programação musical e de momentos de dedicatórias, “em que se cobrava pelas

⁵⁶ Em 1947, Santa Catarina vota a sua Constituição, sendo que o estado estava sob intervenção de Nereu Ramos, o qual deu lugar pelo processo de voto ao sobrinho Aderbal Ramos da Silva. Aderbal, por sua vez, percebeu o grande “cabo eleitoral” que o rádio poderia ser para si e seu partido (Medeiros e Vieira, 1999).

músicas solicitadas e oferecidas pelos ouvintes” (p.95). Comassetto completa explicando que “as emissoras apostavam na divulgação de eventos sociais e na realização de programas que promoviam os artistas locais ou pessoas que tivessem dom para a música” (p.95).

No caso da Rádio Caçanjurê, os programas de auditório foram implantados por volta de 1949, mantendo-se em ativa até meados de 1969. Essa compreensão se dá por Severo e Gomes (2009), os quais contextualizam que os programas de auditório foram implantados no final da década de 1940, quando a emissora passou a funcionar no edifício Gattermann, “que oferecia até mesmo um auditório que abrigou vários programas de sucesso até 1969” (p.134).

Entre os locutores que apresentaram os programas de auditório, que eram realizados especialmente aos domingos, esteve Primo Zini⁵⁷. Ele recorda que costumava viajar para centros maiores, com o objetivo de assistir aos programas das emissoras mais famosas do Brasil, e assim aprimorar os conhecimentos adquiridos para a realidade dos programas de auditório realizados em Caçador.

Eu tinha uma paixão, tanto é que em 1952 resolvi conhecer as rádios grandes, então fui para São Paulo conhecer a Rádio Tupi Difusora, fui para Rio de Janeiro conhecer a Rádio Nacional. Eles me recebiam e lá eu conheci Heron Domingues, o locutor oficial do Repórter Esso de Jornalismo. Em Curitiba, tinha a Rádio PRB2. Eu ficava olhando, para conhecer como eles faziam, como que eram as coisas e angariar conhecimentos. Programa de auditório, por exemplo, Manoel Barcelos tinha na Rádio Nacional do Rio na Praça Mauá. Ia lá no auditório para ver a apresentação, eu gostava muito de fazer programa de auditório aqui na Rádio Caçanjurê, programas de calouros de maneira que sempre me ajudava, eu queria desenvolver essa parte (ZINI, 2016).

Zini recorda que o auditório da Rádio Caçanjurê, no centro da cidade, no edifício Gattermann, ficava lotado de pessoas, tanto dos que queriam se apresentar, quanto de ouvintes que queriam conhecer, que eram os artistas da época e os comunicadores da emissora. Zini (lembra-se com saudosismo daquele período, contando que “quando apresentava programa de auditório, usava gravata. A rádio tinha estúdio, discoteca, escritório e o auditório, que era pequeno, mas estava sempre lotado” (2016).

⁵⁷ A entrevista foi realizada pela pesquisadora com Primo Zini, no dia 20 de maio de 2016 na cidade de Caçador.

Mesmo não sendo remunerados financeiramente por suas apresentações, os cantores da época faziam fila para participar do programa de auditório, para isso, bastava ter talento para a música, e desta maneira todos eram oportunizados.

Nos programas de auditório, os participantes faziam a inscrição, a radio não pagava, mas incentivava. Eles tinham prazer de ir lá cantar e tocar, se apresentar sozinho ou em grupo, de maneira que o auditório enchia nos domingos de manhã, um andar completo (ZINI, 2016).

Os programas de auditório eram tão prestigiados pela população, deram origem no município de Caçador a alguns concursos musicais e também de beleza feminina, que eram organizados e transmitidos pela rádio. “Muitos bailes, reuniões, transmiti no Clube Setembro e no Clube Apollo” (ZINI, 2016).

Outro locutor que atuou na Rádio Caçanjurê no período em que havia os programas de auditório foi Alcir Bazzanella⁵⁸, atualmente com 68 anos. Nascido em 1949 em Caçador, Alcir Bazzanella⁵⁹ completa, em 2017, 50 anos de profissão como comunicador. O profissional morou até os nove anos em Caçador, depois mudou-se para o Paraná, onde morou com os avós para estudar. Em 1966, começou a trabalhar como sonoplasta em uma rádio do Paraná. Em 1967, retornou para Caçador, onde conseguiu emprego como locutor na Rádio Caçanjurê. Quando começou a trabalhar na emissora, os programas de auditório estavam praticamente se extinguindo, mas recorda que esse estilo de programa originou a realização de festivais da canção.

Por isso, mais tarde eu comecei a criar os festivais da canção, Festival Interestadual da Canção, tinha o FIC, Festival Internacional que era no Rio e então começamos a criar o Festival Interestadual da Canção e o primeiro aconteceu em Palmas, já existia em Pato Branco essas coisas assim e daí eu realizei o primeiro em 1972 em Caçador (Bazzanella, 2017).

O mesmo programa de auditório que foi apresentado por Zini entre os anos de 1951 a 1956 também foi comandado por Alcir Bazzanella em algumas ocasiões em que era escalado pela gerência da emissora para trabalhar. Porém, ele recorda que nesse período (1967) havia outro programa de auditório, levado ao ar à noite, de segunda a sexta-feira.

⁵⁸ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 23 de março de 2017.

⁵⁹ No momento é também proprietário da Revista Feeling, com publicações mensais. Aborda assuntos atuais e diversificados, como meio ambiente, arte, saúde, gastronomia, buscando mostrar empresas da região de Caçador que possuem posição de destaque no cenário catarinense e nacional.

Não tinha um pré-agendamento, as pessoas iam lá e se inscreviam durante a semana. À noite também tinha um programa com apresentação de alguns locutores, do qual eu fazia parte também quando escalado. Ele era no salão paroquial da igreja, com um público muito maior, fora da rádio, mas transmitido pela rádio. Neste período, a rádio era gostosa porque ela tinha um palquinho, ela tinha um espaço com cadeiras cinematográficas daquelas que era pra fazer um auditório, dentro da rádio, quando era um evento maior daí fazia-se lá fora (BAZZANELLA, 2017).

Igualmente, Inês Terezinha Bazzanella de Costa⁶⁰ confirma que, com o passar dos anos, o espaço físico do auditório da Rádio Caçanjurê ficou pequeno e, por isso, os programas começaram a ser realizados em outro local.

Tinha um programa de auditório no domingo e acontecia no Salão Paroquial da Igreja Católica. No edifício Gattermann, o espaço era pouco para a procura, então eles começaram a fazer nesse novo lugar. Eram muitos que procuravam, era uma novidade, e as pessoas gostavam de ver as músicas ao vivo (DE COSTA, 2017).

Ainda De Costa pontua que os programas de auditório no município de Caçador possuíam uma peculiaridade, que era a apresentação não somente de adultos, mas também de crianças. “O único CTG Mirim do Brasil era de Caçador, ele se apresentava nesses programas. Inclusive a Rádio Gaúcha rendeu reconhecimentos. Eles tinham de 4 até 12 anos”.

Uma das pessoas que participava dos programas de auditório é Iraci Alves dos Santos⁶¹, atualmente com 68 anos. Ele e um irmão formavam uma dupla de músicos, que costumavam ir aos domingos até a emissora com o intuito de se apresentar.

Era um programa nos domingos, que tinha um estúdio em que os cantores se apresentavam. Várias pessoas iam lá para se apresentar e conhecer quem eram os artistas da época. Eu e meu irmão formávamos uma dupla e nos apresentávamos com violão. Sempre tinha quatro, cinco duplas para se apresentar e a gente esperava nossa vez (DOS SANTOS, 2017).

⁶⁰ Inês Terezinha Bazzanella de Costa possui atualmente 72 anos. Trabalhou na Rádio Caçanjurê entre os anos de 1968 e 1969. Desempenhava as funções de locutora, sonoplasta e programadora. Entrevista realizada pela pesquisadora no dia 30 de outubro de 2017. É irmã do também entrevistado nesta pesquisa Alcir Bazzanella.

⁶¹ Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli em Caçador no dia 25 de outubro 2017.

Porém, Bazzanella⁶² (2017) relata que já em 1967 os programas de auditório começaram a perder prestígio. Isso teria acontecido em função da chegada cada vez maior do número de aparelhos de televisão no município. “Claro que ela existia nas grandes capitais, mas em 70 foi que entrou a televisão colorida na região, por causa da Copa do Mundo em 1972” (BAZZANELLA, 2017). Motivados pela queda de audiência nos programas de auditório, a gerência da Rádio Caçanjurê iniciou uma remodelagem na programação por volta de 1967.

Começou um estilo novo de rádio, e o Vitorino Giacomel era o gerente administrativo e Rogério Fernandes era o gerente de contratação de pessoas e programação e ele disse assim: “Alcir, você podia fazer um programa”. Eu estava louco para fazer esse programa. Ele disse “Vamos criar um programa pra você, vamos criar não, você cria o programa que você quer fazer”. Então, como eu era muito jovem e eu gostava de rock ‘n roll⁶³, eu criei Os Brasas da Juventude, o meu primeiro programa de rádio, era das cinco às cinco e meia da tarde. Então eu lembro que o meu programa fazia tanto sucesso, que as meninas do colégio saíam correndo do colégio e iam correndo pra casa para pode escutar o rádio e me telefonar pra pedir música. Me arrepio assim de lembrar. Daí o programa foi tão sucesso que me sugeriram fazer mais um na parte da manhã, que eu comecei a fazer o Show das Dez, Show das dez com Alcir Bazzanella. Tanto é que a Vanusa, cantora, eu tinha um amigo Silvio, que ele era do Rio de Janeiro, que veio trabalhar aqui e voltou pro Rio e ele pediu pra Vanusa gravar um vinheta pra mim e essa vinheta ela cantava um pedacinho e dizia assim “agora com vocês Alcir Bazzanella, o Rei dos Brotos”. E o meu programa era tanto sucesso, que a mãe do prefeito de Rio das Antas colocou o nome do filho dela, o prefeito Alcir⁶⁴, em virtude do meu nome, e ele me contou isso posteriormente.

É importante destacar que mais tarde, em meados da década de 1990, a Rádio Caçanjurê manteve ativo outro programa de auditório. Este, por sua vez, também acontecia fora dos estúdios, porém era transmitido ao vivo pela emissora aos domingos pela manhã. Segundo Flávio Henrique dos Santos⁶⁵, tratava-se do programa chamado Alegria, que ficou sendo veiculado por aproximadamente três anos.

Eu e o Mário Salgueirós fizemos parte de um programa de auditório. Nós tínhamos um programa chamado de “Alegria”, que acontecia no antigo

⁶² Durante o período em que atuou como comunicador na Rádio Caçanjurê, Alcir Bazzanella com mais quatro amigos criou um conjunto musical chamado RC5. O grupo gravou discos e realizava apresentações.

⁶³ Alcir Bazzanella lembra que se tornou conhecido por tocar as músicas de Elvis Presley. Até a atualidade, o comunicador mantém o visual parecido e que lembra Elvis Presley.

⁶⁴ Trata-se do político ex-prefeito do município de Rio das Antas, Alcir Bodanese.

⁶⁵ Flávio Henrique dos Santos é o locutor apresentador do programa Show Da Manhã, levado ao ar das 8 às 12 horas de segunda a sábado. Entrevista concedida à pesquisadora no dia 30 de outubro de 2017.

Clube da Chaminé. Nós realizamos uma parceria com o clube, e o conjunto que animava o baile no sábado permanecia na cidade para tocar para os cantores que iriam se apresentar no programa no domingo. Então, aqueles que tinham músicos que tocavam, se apresentavam com seus grupos, mas os que não tinham instrumentos, o conjunto tocava para eles. O programa acontecia aos domingos das 9 até as 13 horas, sempre com a plateia cheia, as pessoas iam lá para ver os artistas locais se apresentarem. Muitas vezes a gente encerrava o programa no ar porque havia outros programas de igrejas que precisavam ser veiculados, mas continuávamos com as apresentações no clube. Porque o pessoal não queria ir para casa, queria ficar lá aproveitando. O programa era bem eclético, comemoramos três aniversários do programa, até com uma carreata de ônibus dos conjuntos musicais, fogos de artifícios.

A reestruturação da programação, sem os programas de auditório, não teria prejudicado o prestígio que a Rádio Caçanjurê mantinha perante a sociedade local. Bazzanella (2017) explica que as pessoas permaneceram ouvindo a emissora e que, quando queriam conhecer a estrutura da rádio e seus locutores, realizavam visitas. Ele lembra que, em uma dessas visitas, recebeu um presente que gerou problemas.

Eu tinha muitas fãs no interior e acabava que a família era participativa comigo também. Tanto é que uma vez uma família trouxe umas quatro galinhas vivas pra mim de presente lá na rádio. E eu deixei as galinhas dentro de um banheiro e acho que alguém abriu o banheiro e elas foram dormir no estúdio e elas fizeram do pedestal do microfone o poleiro e na época existia uma caixinha que tinha os textos, porque a gente lia os textos. No outro dia, quem foi abrir a rádio? O diretor da rádio, o Vitorino Giacometti, e as galinhas estavam lá dentro. Isso me rendeu uma chamada de atenção (BAZZANELLA, 2017).

Outra curiosidade da época (por volta de 1967) era como funcionava a organização dos programas da emissora. Segundo Bazzanella, em função da ausência da tecnologia e de sistemas informatizados, eram cerca de 20 pessoas que eram funcionárias, distribuídos entre locutoras e colaboradores que trabalhavam na parte burocrática e de bastidores, para viabilizar os programas no ar.

As programações eram todas escritas, não é como hoje que você tem computador. Elas tinham que pegar, escolher os discos da discoteca, ouvir a música e programá-la. A Rádio Caçanjurê tinha uma programação totalmente eclética mesmo. Duas até às cinco da tarde, era só música orquestrada, não tinha uma música cantada, não podia colocar música cantada, só orquestra. Então elas tinham que fazer a programação. Tinha um quadro onde colocava a programação e perto os discos, era a programação para o dia inteiro. Quando terminava, elas guardavam tudo e reprogramava no outro dia com outras músicas. Por isso que havia necessidade de tantas pessoas, eu lembro que nós éramos em mais de 20 que trabalhavam no rádio, numa rádio só. Era um elenco fantástico. Eu lembro do elenco, eu era talvez a voz mais inferior que tinha. As vozes bonitas eram do Aguilar, do JB Vilatto, do Sebastião Rosseto, era Osvaldo Dias (BAZZANELLA, 2017).

O prestígio e o reconhecimento que a Rádio Caçanjurê proporcionaram a Alcir Bazzanella foram fatores determinantes para que se tornasse um profissional conhecido estadualmente. O reconhecimento proporcionou a ele novas experiências e desafios profissionais, sendo que até a atualidade Bazzanella⁶⁶ é um profissional que atua em televisão. “Veio um grupo de Lages, da antiga TV Planalto. Um dos diretores perguntou se eu gostaria de fazer um programa na TV, então criaram o programa Alcir Bazzanella na TV, era nas sextas-feiras, às quatro da tarde, ao vivo” (BAZZANELLA, 2017).

4.2.2 O apoio à cultura mantido pela emissora

A extinção dos programas de auditório não significa que a Rádio Caçanjurê deixou de oportunizar a apresentação de cantores e artistas locais, e consequentemente fornecer aos ouvintes subsídios culturais. Ao analisar a programação da emissora, disponível em endereço eletrônico na internet, no site da própria emissora (<http://www.radiocacanjure.com.br>), é possível constatar que existem programas dedicados à cultura local. A Rádio denomina que “A programação musical visa agradar todos os gêneros, respeitando a regionalidade, costumes, mas sempre buscando acompanhar os sucessos do momento e as novas tendências musicais (RÁDIO CAÇANJURÊ, 2017).

Normalmente, nas emissoras do interior, como é o caso da Rádio Caçanjurê, os próprios locutores são responsáveis por cuidar de seus programas, ou seja, definir o que será levado ao ar. No caso da emissora em pesquisa, existe um setor chamado de Produção, que tem como objetivo a produção dos comerciais. Ele é composto por dois colaboradores, Luiz Roberto Damaceno, que também é locutor e apresentador, e Renato Rosine Carlos.

Damaceno (2017)⁶⁷ auxilia na compreensão referente aos programas mantidos no ar pela emissora na atualidade, de segunda a sexta-feira, os quais ele classifica como populares e de acordo com o desejo dos ouvintes.

⁶⁶ Atualmente, o programa Alcir Bazzanella vai ao ar em todo o Brasil pela TV Climatempo, trazendo para seu telespectador uma diversidade de assuntos relevantes à sociedade catarinense e brasileira, como meio ambiente, negócios, cultura, esportes e turismo.

⁶⁷ Entrevista realizada pela pesquisadora no dia 30 de março de 2017; na ocasião o entrevistado tinha 40 anos.

Começamos às 6 horas da manhã pelo Programa Cheiro de Terra, que é um programa voltado ao público sertanejo com moda de viola ou músicas caipiras e eu vejo que com isso precisamos fazer esse resgate dessa música, a moda de viola é a história do Brasil, então temos essa preocupação de tocar aquela música que os meus pais e que os mais antigos tocavam e cantavam em família, ou escutavam quando estavam na sua lavoura trabalhando, não queremos deixar essa cultura morrer. Depois das 8 horas até o meio dia, temos o programa Show da Manhã, que é um programa bem variado, com informações que acontecem na cidade, no Estado, no Brasil e no mundo inteiro. Então o programa já é mais variado, tocando diversos tipos de músicas e com diversas prestações de serviço. O horário da manhã é um horário nobre, com mais audiência, por isso tentamos passar o máximo de informações, porque a dona de casa, o amigo está escutando o rádio, e o rádio é isso, você não precisa parar de trabalhar para ouvir o rádio, sendo essa a paixão do rádio nas pessoas. Na parte da tarde, o Boa Tarde Cidadão tem uma programação parecida com o Show da Manhã, ainda é voltado mais para a comunidade, auxiliando as pessoas. Às 5 da tarde, começa o meu programa, que é o Entardecer na Querência, que é um programa gaúcho. O diferencial dele é que eu faço um quadro que é a Música da Saudade, que é a moda de viola, depois tem um quadro a Hora do Riso, que é uma piada curta. Eu solto isso no ar, porque as pessoas chegam do trabalho cansadas e vejo que essa é a hora deles se entreterem e rirem. Logo após, tem a Oração da Ave Maria, sendo isso padrão quase em todo o país e tentamos fazer sempre às 6 horas. Logo após a oração, eu trago os destaques sertanejos do momento, para tentar quebrar o gelo na programação, e às 06h40 começa a programação esportiva. Tento fazer minha programação variada para não ficar cansativo. Das 7 às 8h, tem a Voz do Brasil, e a partir das 8 começa o programa Brasil Musical, que vai até as 11 da noite. O Brasil Musical é aquele programa popular e nossa rádio é voltada ao público, porque mudando a programação, fazendo algo diferente, você pode perder audiência e a concorrência está muito grande em nível de país, então a rádio que não faz uma programação popular não chegará a lugar algum. Então para uma rádio ter sucesso, você tem que tocar o que o povo canta, porque indo com o povo você não vai errar (DAMACENO, 2017).

No entanto, um desses espaços mantidos no ar pela Rádio Caçanjurê, que tem o objetivo de valorizar os artistas locais, é o programa “Talentos da Nossa Terra”⁶⁸, apresentado por Luiz Roberto Damaceno, aos sábados, entre 18 e 21h30. Com um formato diferente dos antigos programas de auditório, pois o público não comparece para assistir, o programa Talentos da Nossa Terra oportuniza que cantores de Caçador e da região se apresentem, valorizando assim a cultura local.

Quando projetamos esse programa, eu falei que tinha uma ideia de fazer um programa no estúdio valorizando a cultura e os músicos de Caçador e região. Às vezes para essas pessoas falta a oportunidade para mostrarem esse talento, e com esse programa nós temos que ajudá-las. Eu fico na mesa fazendo a técnica e o resto e sempre sai perfeito, distraindo o público, conduzindo o programa e contribuindo socialmente e culturalmente. Os depoimentos que eu escuto me deixam feliz, por exemplo teve um senhor que deixou de assistir à televisão durante esse horário só para escutar esse

⁶⁸ Foi criado pelo próprio apresentador Luiz Roberto Damaceno e completa, em 2017, sete anos de existência.

programa, acho legal e emocionante escutar esse tipo de depoimento. Eu estava uma vez em Taquara Verde fazendo um programa e chegou um senhor bem sério e olhou nos meus olhos e falou: Luiz, melhor que o seu programa é só ver Deus. Isso me emocionou e me engrandeceu um monte, pensei que bom que eu estou fazendo uma coisa boa para a nossa cultura. As pessoas de mais idade, muitas ainda gravam os programas e arquivam em casa. Tenho uma frase que sempre uso: O programa que é para Caçador, e essa frase tem dois sentidos: o primeiro, para Caçador no sentido de ser para a cidade de Caçador, e o segundo, que as pessoas param para ouvir o programa. Então a rádio se preocupa muito com a cultura, e nós temos que valorizar a nossa cultura, porque sem cultura não somos ninguém (DAMACENO, 2017).

A ideia para a criação do programa Talentos da Nossa Terra, deu-se baseada na existência do último programa de auditório que a Rádio Caçanjurê manteve, o “Programa Alegria”⁶⁹.

Antigamente tinha o Programa da Alegria que era feito em um clube aqui em Caçador. Esse programa era parecido. Naquela época eles também estavam resgatando a cultura, mas eu quis fazer um programa no estúdio porque fica mais confortável e melhor para o convidado mostrar o seu trabalho (DAMACENO, 2017).

Uma das artistas que costumeiramente se apresenta no programa “Talentos da Nossa Terra” é Angélica Alves Pereira⁷⁰, de 18 anos, que faz parte do Grupo Tradicionalista Gaúcho “Angélica Alves e Os Guris”. Pereira (2017) explica que o programa é fundamental para a incentivo à cultura da região e que foi por intermédio de tal programa da Rádio Caçanjurê que nasceu o grupo Angélica Alves e Os Guris.

Eu participo do programa Talentos da Nossa Terra, da Rádio Caçanjurê, desde 2013, quando tinha 14 anos. Comecei sozinha, cantando músicas sertanejas e tocando teclado. Nesse mesmo ano, convidei um primo meu para se apresentar comigo, ele tocava violão e fazia segunda voz para mim. Porém, como ele já tinha seus compromissos, quase não tínhamos tempo para ensaiar e eu voltei a me apresentar sem ele. Pouco tempo antes do aniversário de cinco anos do programa, eu conheci o Matheus Menegat Franco, atual gaiteiro de gaita piana do meu grupo. Na época, ele tinha 12 anos e já tocava muito bem. O evento aconteceu no rancho Locatelli, e foi a primeira vez que eu e o Matheus tocamos juntos. Nunca mais paramos, passados alguns meses conheci o Adroaldo Ribeiro, gaiteiro de gaita ponto, que também começou a tocar conosco. Depois meu pai e meu tio se juntaram a nós e hoje o grupo está completo, graças ao programa Talentos da Nossa Terra (PEREIRA, 2017).

Conforme Damaceno (2017) expos, o programa mexe com o imaginário dos ouvintes e muitos continuam idolatrando e admirando os artistas que se apresentam, de tal maneira como acontecia na época em que eram desenvolvidos os programas

⁶⁹ A explicação sobre o referido programa foi antes apresentada.

⁷⁰ Entrevista realizada pela pesquisadora no dia 25 de outubro de 2017.

de auditório. Pereira (2017) relata um fato marcante em sua carreira artística que foi proporcionado pela fama que conquistou nas ondas da emissora.

Um caso especial aconteceu no Aniversário de 83 anos de Caçador. Nosso grupo veio se apresentar no Parque Central em uma das noites da festa. Ao descer do palco, fui abordada por uma senhora que já tinha os seus 80 anos, acompanhada do marido. Ela se aproximou de mim, beijou meu rosto, me abraçou e disse que um dos sonhos mais recentes dela era nos conhecer, ela disse que me amava, que ouvia o programa só para nos escutar e que era uma grande fã. Ela fez os filhos a levarem para a festa apenas para conhecer a Angélica e os Guris. Isso me marcou muito, porque na cabecinha dela nós éramos pessoas famosas, de importância (PEREIRA, 2017).

Além de incentivar e valorizar a cultura local, o programa Talentos de Nossa Terra proporciona muitas vezes aos artistas uma condição de vida melhor, pois a música passa a ser uma fonte de renda e uma profissão. Tudo isso aliado à realização de sonhos que muitas vezes são de difícil realização.

Sou muito grata a este programa e ao amigo e locutor Luiz Roberto Damaceno, por que foi através do Talentos da Nossa Terra que o meu grupo surgiu. Sou grata também porque tive a oportunidade de evoluir nesse programa. A maioria das pessoas que sabem do meu trabalho na música, é por causa da rádio. Se conhecem nosso grupo, nos chamam para eventos, é porque o programa abriu essa oportunidade a nós. Abrir espaço para os “amadores” foi uma iniciativa muito bela e importante para os músicos de Caçador e região. Vem músicos de Videira, Timbó, Rio das Antas, Lebon Régis, entre outras cidades, para se apresentar. O Talentos nos deu uma chance que até então não passava de um sonho e hoje é real (PEREIRA, 2017).

No quesito planejamento para o futuro da emissora, a atual coordenadora da Rádio Caçanjurê, Marilene Caregnato⁷¹ (2017), pontua que a emissora possui a intenção de adaptar o programa Talentos da Nossa Terra para um novo programa de auditório, conforme já era realizado no passado e abordado anteriormente. “Esse programa possui grande aceitação e muitas pessoas querem assistir às apresentações, por isso, estamos pensando em remodelar com a presença do auditório” (CAREGNATO, 2017). A intenção é a de criar um mini auditório, adaptando a própria estrutura que a rádio possui. E ainda, de acordo com Caregnato, existe um empenho muito grande do apresentador, ele é o idealizador, faz e acontece. As pessoas ficam muitas gratas pela realização”.

⁷¹ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 24 de novembro de 2017.

A iniciativa do programa descrito, Talentos da Nossa Terra, não é uma ação isolada referente à valorização e incentivo cultural por parte da emissora. Uma atividade que prioriza esta questão é o Festival Caçanjurê da Canção, que é um festival da canção voltado aos cantores do município de Caçador e da região. Além de reconhecer os melhores cantores, o festival premiava financeiramente os primeiros colocados. Tradicionalmente, o festival acontecia paralelamente à Festa da Fogueira e do Quentão, que é realizada pela Associação de Reservistas Duque de Caxias. A última edição do Festival Caçanjurê da Canção ocorreu em 2011, mas, de acordo com o jornalista da emissora Murilo Roso (2017)⁷², está prevista no planejamento de ações da emissora para 2018 a retomada da realização do festival da canção.

No tocante aos anos em que o festival aconteceu, é possível localizar na ferramenta busca do site Caçador Online (<http://www.cacador.net>) matérias jornalísticas que informam como o mesmo era desenvolvido, bem como o prestígio de realização perante a comunidade local. No ano de 2008, acontecia a quinta edição do evento.

Foram prorrogadas até o dia 5 de junho as inscrições para o III Festival Caçanjurê da Canção. O evento acontece nos dias 20 e 21 de junho, no Parque das Araucárias, fazendo parte da programação da 21ª Festa da Fogueira e do Quentão. “O objetivo é valorizar os artistas regionais, oferecer à população um verdadeiro espetáculo de interpretação da nossa música sertaneja, em comemoração aos 60 anos da Rádio Caçanjurê”, afirma Anne Kviatkovski, da comissão organizadora (CAÇADOR ONLINE, 2008)

No planejamento das ações de aniversário dos 70 anos da Rádio, que serão desenvolvidas no ano de 2018, consta a retomada do Festival Caçanjurê da Canção. Conforme Caregnato (2017), essa será uma ação que novamente passará a integrar o calendário de ações que a emissora deverá desenvolver anualmente. “Para o próximo ano, já estamos com essa questão adiantada. Podemos garantir que haverá a retomada do festival que a Caçanjurê desenvolvia”. Caregnato (2017) ainda completa destacando que o “objetivo é valorizar e incentivar artistas locais e consequentemente a cultura de Caçador e da região”.

⁷² Murilo Roso foi entrevistado pela pesquisadora no dia 29 de março de 2017. Na ocasião, tinha 35 anos e desempenhava a função de jornalista na Rádio Caçanjurê e no Portal Caçador Online.

4.2.3 A Caçanjurê pelas percepções de alguns dos colaboradores da Rádio

Para Luiz Roberto Damaceno⁷³, que é locutor e produtor de áudio do programa “Entardecer da Querência” e um dos responsáveis pela editoria de esporte na Rádio Caçanjurê, a preocupação com as questões sociais continua presente na atualidade. Damaceno é um dos funcionários com mais tempo de trabalho na Caçanjurê, faz parte da empresa há 23 anos. “Nós temos um papel importante para o desenvolvimento da cidade, do país, porque o que nós falamos reflete lá fora. Então temos que ter esse cuidado de passar a informação correta” (DAMACENO, 2017).

Para o locutor, a preocupação em informar de maneira correta e atender às demandas e necessidades da sociedade local fazem com que a Rádio Caçanjurê seja um meio de comunicação de massa de referência para a população de Caçador e municípios vizinhos.

As pessoas sempre quando tem um acontecimento ligam o rádio, as informações da cidade, da região, do Estado e do Brasil é transmitida também pelo Rádio Caçanjurê. Por isso, nós temos essa responsabilidade de dar a informação para as pessoas que estão sempre ouvindo a programação, porque tudo que acontece em Caçador eles dizem: Vamos ouvir a rádio ou vamos saber o que está acontecendo em ouvindo o rádio. Então, nós temos um papel muito importante para a informação da comunidade caçadoreense (DAMACENO, 2017).

Ainda, para Damaceno, esse tradicionalismo que a emissora exerce para a comunidade local é tão profundo, que muitos dos programas existentes na atualidade ainda levam os mesmos nomes de quando foram criados.

Existem vários programas que ainda continuam desde a criação da rádio com os mesmos nomes. Um exemplo é o programa que apresento, Entardecer da Querência, ele existe desde que foi implantada a rádio. Devido ao sucesso de alguns programas, esses ficaram como ainda como quando nasceram, por exemplo o Antena Esportiva, Show da Manhã, Cheiro de Terra, recebendo ainda os mesmos nomes de criação (DAMACENO, 2017).

Também para o jornalista Murilo Roso⁷⁴, que atua na Rádio Caçanjurê há dez anos e coordena o setor de jornalismo, a importância da rádio para a comunidade é

⁷³ Entrevista realizada pela pesquisadora no dia 30 de março de 2017; na ocasião, o entrevistado tinha 40 anos.

⁷⁴ Murilo Roso foi entrevistado pela pesquisadora no dia 29 de março de 2017. Na ocasião, tinha 35 anos e desempenhava a função de jornalista na Rádio Caçanjurê e no Portal Caçador Online.

perceptível, por ser um veículo de comunicação de massa que tem credibilidade e que busca proporcionar aos ouvintes o acesso às informações, entretenimento, promoções e melhorando a qualidade de vida de todos.

A rádio é importante e influencia na vida das pessoas até em questão de se posicionar sobre um determinado ponto que é mais polêmico. Claro que sempre respeitando todas as opiniões, mas a rádio pode dar um editorial ou uma opinião sobre o assunto. Uma campanha que viemos fazendo fortemente é a questão do voto consciente, porque antigamente o principal problema era a compra de votos ou troca de favores. Então a rádio, junto com a Justiça Eleitoral, tem um papel forte de conscientizar as pessoas sobre esse assunto e vejo resultado de melhora nesses últimos anos, porque vejo as pessoas mais conscientes e essa é uma bandeira que a rádio defende e apoia através de entrevistas e os próprios locutores falando durante a programação (ROSO, 2017).

O jornalismo exercido pela emissora busca atender a todos os assuntos que são destaque no momento em Caçador e na região (Roso, 2017). “No noticiário não se fala só sobre as coisas boas, mas também como as coisas não estão acontecendo da forma correta e destacando os projetos que são feitos e são positivos para a resolução dos problemas” (ROSO, 2017).

Outra questão que, para Roso, é um dos grandes diferenciais da Rádio Caçanjurê em relação aos demais meios de comunicação, são as coberturas jornalísticas referentes às eleições e aos debates políticos. Para o jornalista, ao realizar os debates, a emissora proporciona os subsídios necessários aos ouvintes, para decidirem qual dos candidatos é o merecedor do voto, ou reafirmar a intenção de voto já existente.

Os debates eleitorais ajudam a população a analisar os candidatos, analisar as propostas e dar o voto, porque afinal devemos escolher o gestor que está melhor preparado, e eu vejo que o debate proporciona uma visão clara disso. Nesse sentido ainda, na zona rural às vezes os candidatos não passam em determinada comunidade para apresentar seu plano de governo. Nos debates sempre estamos preocupados em fazer as melhores perguntas e apresentar os temas críticos de cada comunidade, para que eles possam dizer as ideias e seus planos de governo. Outro momento importante na rádio e na vida das pessoas é a cobertura das eleições em que milhares de pessoas sintonizam na rádio para saber os resultados (ROSO, 2017).

Em todos os anos de eleições municipais, a emissora realizou no mínimo dois debates políticos entre os candidatos em cada pleito. Além de debates com candidatos a prefeito do município de Caçador, a Rádio Caçanjurê promoveu embates com candidatos dos municípios vizinhos, geralmente os que abrangem a mesma regional da Justiça Eleitoral.

Noêmia Dessbesell Tomazoni (2017), que foi esposa de um dos sócios da Rádio Caçanjurê, o falecido Raul Tomazoni, afirma que a emissora foi e continua sendo de fundamental importância para orientar, informar e entreter seus ouvintes. Noêmia Dessbesell Tomazoni, mesmo não possuindo mais ligação de propriedade com a emissora, é uma das locutoras com mais anos de trabalho na rádio. Atualmente mantém aos sábados um programa de cinco minutos chamado de “Minuto Espírita”, mantido pelo Centro Espírita Jesus de Nazaré.

A importância do rádio se dá pelo fato de que, quando viemos para cá, não tinha a televisão, então o rádio era quem fazia tudo, era o entretenimento, informação, notícias, tudo era o rádio. Todas as informações eram repassadas pelo rádio, o que a comunidade precisava o rádio auxiliava. Então o rádio teve papel fundamental que continua até hoje, tendo papel preponderante perante a sociedade. Naquela época, o rádio foi o veículo mais importante e continua sendo, percebo isso com o programa que mantemos ainda na emissora (TOMAZONI, 2017).

No momento, um dos horários de maior prestígio e mais ouvidos na emissora é comandado por Flávio Henrique dos Santos⁷⁵. O locutor é apresentador do programa Show Da Manhã, levado ao ar das 8 às 12 horas de segunda a sábado. Para ele, é necessário ter responsabilidade e cuidado com o que é levado ao conhecimento das pessoas por intermédio da rádio.

Nós que atuamos em rádio temos uma responsabilidade muito grande. Muitas pessoas ouvem a rádio, formam opinião pela rádio. Já ocorreu até um fato uma vez que me chamou muito a atenção. Eu li uma mensagem de motivação chamado de Construtor de Pontes que conta a história de dois irmãos que estavam brigados, mas no final da história eles fazem as pazes. Depois que li essa mensagem no ar, próximo ao meio dia o telefone do estúdio tocou. Do outro lado da linha era um homem que chorava muito, ele soluçava. E ele me disse que tinha problemas de relacionamento com o irmão, e que a mensagem havia o sensibilizado e que a partir daquele dia iria mudar, pois havia decidido que ligaria para o irmão para fazer as pazes. Então citando esse fato como exemplo, nós que atuamos em rádio podemos ajudar a mudar a vida das pessoas, com uma conversa, um conselho e uma orientação. No rádio temos de tudo, temos o entretenimento, a hora da risada, do divertimento, mas por outro lado temos também aquele momento de informar, de noticiar e orientar a comunidade, mas tudo deve ser feito com responsabilidade e ciente que isso causa impactos na vida das pessoas.

A orientação fornecida aos atuais colaboradores da emissora pela coordenadora Marilene Caregnato⁷⁶ é de que a condução dos trabalhos seja

⁷⁵ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 30 de outubro de 2017.

⁷⁶ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 24 de novembro de 2017.

realizada de maneira responsável e atenta aos interesses da comunidade. Para a coordenadora, a história planejada ao longo desses 69 anos deve ser respeitada e servir de exemplo, para que a Caçanjurê continue desenvolvendo o seu papel de auxiliar no desenvolvimento social e cultural do município e consequentemente de seus ouvintes.

Esse respeito e admiração foram conquistados em todos esses anos de trabalho. Cada um que passou pela rádio deixou contribuição fundamental, que precisa ser lembrada com carinho e admiração. Todos os dias nos questionamos e avaliamos como estamos atendendo os anseios da sociedade, pois é essa a real vocação que as emissoras possuem, de estar próximas, auxiliando, orientando, informando e sendo amiga de seus ouvintes (CAREGNATO, 2017).

Nesse sentido, Damaceno (2017) afirma que possui conhecimento da influência que a comunicação exercida na rádio possui sobre os ouvintes, fazendo com que se tornem indivíduos mais bem ou não informados pelas informações levadas ar na programação. “As pessoas, escutando o rádio pela credibilidade, a informação é passada e faz as pessoas se influenciarem e pensarem, por exemplo, de quem está certo ou errado durante um acontecimento (DAMACENO, 2017).

Igualmente, Roso (2017) destaca a influência que a Caçanjurê exerce para ele, esse é um fator positivo, pois torna-se também um porta-voz da sociedade. “Essa influência faz com que as pessoas realizem denúncias, fazendo pensar e refletir sobre aquilo. A rádio ouve todos os envolvidos, e quando a notícia está formada, ela sempre faz as pessoas criarem opiniões sobre o tema (ROSO, 2017) ”.

Ainda para Caregnato (2017), um dos fatores que contribui para o sucesso da emissora é o sentimento de pertencimento, em que os ouvintes se sentem parte da emissora, opinando sobre a programação e assuntos abordados. “São pessoas fieis e nos ajudam a fazer o rádio”. Além disso, Caregnato possui a percepção de que a Rádio Caçanjurê é uma companheira para todas as horas.

Temos relatos de ouvintes que ligam o rádio às 6 horas, que é quando ela entra no ar, e acompanham até a meia noite, que é quando o último locutor dá boa noite. Ela é companheira em muitas horas, as pessoas ligam muitas vezes para agradecer por uma simples mensagem que é lida no ar e de alguma forma mexe com aquela pessoa. Então muitas vezes nós não temos noção da influência que a rádio possui e da maneira que ela atinge as pessoas, por isso a importância da responsabilidade de tudo aquilo que é levado ao ar.

Por fim, para o diretor geral da RBV Rádios, Dionisio Zago⁷⁷, a Rádio Caçanjurê está a serviço da comunidade local em que está inserida. Para Zago, “todo dia a Caçanjurê ajuda a construir uma história, principalmente no sentido de ajuda. Ninguém ajuda o povo de Caçador quanto à rádio. De todas as rádios da RBV Rádios, a Caçanjurê é a que mais faz história”. Zago (2017) complementa ainda afirmando que “Ela (Rádio Caçanjurê), é muito forte nisso, e tem uma credibilidade muito grande, as pessoas colaboram.

4.2.4 A programação em vigor e os atuais colaboradores da Caçanjurê

A Rádio Caçanjurê, neste ano de 2017, possui 14 colaboradores. Deste número, sete pessoas são profissionais ligados à comunicação e produção, ou seja, aqueles que estão em constante comunicação com os ouvintes. Outras sete pessoas são responsáveis pela área administrativa ou comercial.

No momento, a programação da Rádio Caçanjurê está assim definida:

Programa: Cheiro De Terra

Horário 06:00 às 08:00

Frequência: segunda a sábado

Apresentação: Rafael Freitas

Perfil: Sertanejo e gauchesco.

Programa: Show Da Manhã

Horário 08:00 às 12:00

Frequência: segunda a sábado

Apresentação: Flavio Henrique

Perfil: Popular com os quadros: Horóscopo, Sucesso do Ouvinte, Correspondente, Giro Esportivo, Aniversariantes, Manchetes do Jornal Caçanjurê, Momento de Fé, Manchetes do dia.

Programa: Jornal Da Caçanjurê

Horário 12:00 às 13:00

Frequência: segunda a sábado

⁷⁷ Dionisio Zago concedeu entrevista no dia 21 de novembro de 2017.

Apresentação: Murilo Roso e Rita Martini

Perfil: Jornalístico com notícias nacionais, regionais e locais, notícias esportivas.

Programa: Mensagem Cidade E Campo

Horário 13:00 às 13:10

Frequência: segunda a sábado

Apresentação: Rita Martini

Perfil: Utilidade Pública, Anúncios de Bailes e Festas.

Programa: Boa Tarde Cidadão

Horário 13:10 às 17:00

Frequência: segunda a sábado

Apresentação: Gilvano Genuino

Perfil: Informativo, popular com Quadros: Hora do Brique, Nossa gente, Ronda Policial, Nascimentos do Dia, Sucesso do Ouvinte, Carta do Ouvinte, Giro Esportivo, Correspondente.

Programa: Entardecer Da Querência

Horário 17:00 às 18:30

Frequência: segunda a sábado

Apresentação: Luiz Roberto

Perfil: gauchesco e nativista, Oração da Ave Maria.

Programa: Antena Esportiva

Horário 18:30 às 19:00

Frequência: segunda a sábado

Apresentação: Luiz Roberto

Perfil: Notícias esportivas internacionais, nacionais, regionais e locais.

Programa: Brasil Musical

Horário 20:00 às 00:00

Frequência: segunda a sábado

Apresentação: André Alves

Perfil: Músicas gaúchas do presente e do passado.

Programa: As Mais Pedidas Da Semana

Horário 06:00 às 08:00

Frequência: domingo

Apresentação: Variado

Perfil: Popular com Quadros: Nascimentos do Dia, Resumo de Novelas, Sucesso do Ouvinte, Carta do Ouvinte, Giro Esportivo, Correspondente.

Programa: Missa Dominical

Horário 08:00 às 09:00

Frequência: domingo

Apresentação: Variado

Perfil: Religioso.

Programa: Da Alegria

Horário 09:00 às 13:00

Frequência: domingo

Apresentação: André Alves

Perfil: Sertanejo e Gauchesco.

Programa: Assembleia De Deus

Horário 13:00 às 14:00

Frequência: domingo

Apresentação: Variado

Perfil: Igreja Assembleia de Deus.

Programa: Parada De Sucesso

Horário 14:00 às 18:00

Frequência: domingo

Apresentação: Variado

Perfil: As melhores músicas populares, sertanejas, Bandas e gauchescas.

Programa: Domingo Especial

Horário 18:00 às 00:00

Frequência: domingo

Apresentação: Demétrio Santos

Perfil: Músicas gaúchas do presente e do passado

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar conta do tema da pesquisa e proporcionar de alguma maneira uma contribuição ao assunto radiodifusão, especialmente no município de Caçador, recorreu-se a um estudo de natureza qualitativa. Graças aos depoimentos obtidos ao longo de 25 entrevistas realizadas com pessoas ligadas à emissora e ouvintes, aliado ao que se pode encontrar em referências bibliográficas, pode-se realizar a análise da principal intenção desta pesquisa, que é a de estabelecer se houve ou não a influência da Rádio Caçanjurê no quesito de desenvolvimento social e cultural do município de Caçador.

Reconhece-se que, igual a qualquer pesquisa que é desenvolvida, existe lacunas e falhas também nesta investigação, as quais são compreensíveis, uma vez que não há como retratar com total acertabilidade essa relação entre comunicação e desenvolvimento, tendo em vista que a emissora estudada irá completar, em 2018, 70 anos de existência. Analisar a trajetória da Rádio Caçanjurê foi um desafio além do esperado, uma vez que existe escassez ou falta de documentos e bibliografia sobre sua trajetória e ações desenvolvidas ao longo das sete décadas de existência da emissora. Além disso, boa parte das testemunhas que poderiam contribuir com o resgate da história, e consequentemente nos apresentarem fatos que ilustrem melhor a atuação desta rádio, já morreram.

Outra limitação verificada neste estudo, por ser de ordem qualitativa, é a necessidade de interpretação da pesquisadora, em relação às informações coletadas junto aos depoimentos dos entrevistados. Mesmo que sejam concentrados esforços para que ocorra apenas o repasse das informações na pesquisa, por sermos dotados de conhecimento que nos difere uns dos outros, bem como crenças e costumes, pode ocorrer interpretação diferenciada em relação à intenção inicial.

Ainda no sentido de apontar as limitações desta pesquisa, cabe ressaltar que, além da ausência de referências bibliográficas no tocante à trajetória da Rádio Caçanjurê, é constatada também a falta de estudos desta ordem. Não é expressivo o número de pesquisadores que se atentam para investigar o papel da comunicação perante o desenvolvimento da sociedade, tendo o rádio como objeto principal de estudo. No estado de Santa Catarina, essa limitação é ainda maior, porém graças ao livro “A voz da aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global”, do pesquisador Leandro Ramires Comassetto, algumas situações puderam

ser entendidas. O livro é uma investigação sobre o rádio no oeste e meio oeste catarinense.

Contudo, essas lacunas e limitações não são apresentadas com o intuito de desprestigiar o estudo. Bem pelo contrário, são registradas com o objetivo de instigar, para que mais pesquisadores se apropriem do tema dando continuidade a essa investigação. Este estudo é também uma maneira encontrada para reconhecer e incentivar a atuação da Rádio Caçanjurê em Caçador. Embora a emissora seja o principal meio de comunicação de massa do município, por se utilizar da fala, acaba não registrando de maneira escrita a sua atuação ao longo dos anos. Desta maneira, cabe ressaltar que procurou-se obter respostas aos objetivos específicos, para assim, fundamentar a necessidade de tal pesquisa:

Objetivo específico 1: Compreender de que maneira o rádio ocupa o seu papel social e cultural como um meio de comunicação que exerce papel indutor do desenvolvimento. O referencial teórico, especialmente a obra de Wilbur Schramm, de 1964, sustentada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), “intitulada por Comunicação de Massa e Desenvolvimento”, proporcionou o entendimento de que existe correlação entre o papel da comunicação com o desenvolvimento da sociedade que a cerca. Os meios de comunicação, e neste caso particular a Rádio Caçanjurê, exercem papel indutor no desenvolvimento. É somente com o acesso à informação que se permite aos indivíduos que esses possam exercer sua cidadania, tornando-se conhecedores de seus direitos, deveres e, conseqüentemente, tornando-se pessoas melhor orientadas.

Ao longo da pesquisa bibliográfica, constatou-se que a comunicação está intimamente relacionada ao desenvolvimento cultural e social dos cidadãos. Uma vez que as rádios atuaram e continuam atuando até mesmo como educadoras, pois auxiliam de maneira significativa em todos os tipos de educação e treinamentos para uma sociedade, especialmente para aquelas civilizações mais longínquas. Além disso, não há exigência alguma de conhecimento para se acompanhar a programação de uma emissora, basta ter um aparelho de rádio ligado e ter a audição em condições de ouvir o que é comunicado. Isso por si só é o suficiente, tornando o rádio em um meio de comunicação inclusivo.

Objetivo específico 2: Contextualizar como era o município de Caçador da época de implantação e do início do rádio local. Embora a história da povoação de

Caçador tenha iniciado muito antes da Guerra do Contestado, pode-se afirmar que esse conflito foi o grande responsável pelo desenvolvimento do município. A estrada de ferro provocou de fato a Guerra em que muitos inocentes morreram, e isso de maneira alguma não é reconhecido ou colocado em questão, porém, o fato é que a estrada trouxe também o desenvolvimento para a região que até então estava praticamente isolada.

A construção da estrada de ferro que liga São Paulo a Rio Grande do Sul foi um atrativo para que ocorresse a chegada dos imigrantes italianos, alemães, árabes, poloneses, que impulsionaram o desenvolvimento não somente de Caçador, mas de diversos municípios vizinhos. Consequentemente, a exploração de madeira, que era abundante, também ocorreu, e esse quesito possui ligação direta também com o nascimento da Rádio Caçanjurê. Para empresários bem-sucedidos naquela época, era inadmissível um município que se considerava próspero e em desenvolvimento não ter sua própria emissora de rádio. Desta maneira, a Rádio Caçanjurê nasceu para informar e entreter o povo, mas também como um sinônimo de desenvolvimento para o município de Caçador. Assim, ao longo dos anos, a rádio informa e leva ao conhecimento dos ouvintes os principais fatos e informações, tornando-se uma testemunha do desenvolvimento do município.

Objetivo específico 3: Realizar uma construção/reconstrução da história/memória da radiodifusão caçadoreense e da Rádio Caçanjurê no município de Caçador/SC. Conforme apontado anteriormente, a inexistência de bibliografia sobre o tema impossibilitou o confronto de informações e, por conta disso, primordial importância tiveram os relatos obtidos durante as entrevistas. Mesmo com a dificuldade bibliográfica, o material obtido foi fundamental e pode-se realizar o resgate histórico sob a ótica de testemunhas.

O ganho principal deste objetivo proposto foi constatar que a Rádio Caçanjurê é um meio de comunicação apolítico, ou seja, não foi administrada e nem criada com a intenção de ser utilizada como palanque eleitoral por candidatos ou empresas que mantiveram interesse político. Em momento algum a política cruza com a história da rádio no sentido de ter sido utilizada para influenciar pessoas. Constatou-se que se trata de uma emissora de rádio que foi criada com a intenção de demonstrar que a economia do município era próspera por volta de 1950. Embora tenha pertencido à empresa Perdigão, não se verificou que a emissora tenha sido

utilizada com outra finalidade ao longo dos anos que não fosse a de comunicar, entreter e informar a população.

E, por fim, o objetivo específico 4: Investigar o papel da Rádio Caçanjurê na presença e interferência do cotidiano da população, bem como sua participação nas mudanças sociais e culturais no município de Caçador/SC. Para atender a esse objetivo, fez-se necessária a abordagem sobre dois aspectos: o social e o cultural. Para isso, utilizaram-se também os relatos dos entrevistados e os registros jornalísticos realizados por outros meios de comunicação existentes em Caçador.

No aspecto social, é possível constatar que Rádio Caçanjurê manteve, ao longo de sua existência, programas com a finalidade de auxiliar os ouvintes. Esse auxílio pode ser descrito como ajuda financeira ou de bens materiais, ou também como o auxílio intelectual, que é aquele proporcionado por intermédio das informações que são levadas ao ar diariamente, as quais orientam os indivíduos. Nos primórdios, eram os avisos que uma pessoa que estava na cidade enviava por meio da rádio aos familiares no interior; na atualidade, com campanhas para ajudar os mais necessitados. Desta forma, as ações até podem sofrer mudanças ao longo dos anos, no entanto, constatou-se que a emissora manteve e mantém atuante a sua função social perante a comunidade caçadoreense.

Já no aspecto cultural, a Rádio Caçanjurê foi e continua apoiando os artistas e músicos locais. Primeiramente, acompanhando uma tendência nacional com os programas de auditório, permitiu que dezenas de músicos de Caçador e região pudessem se apresentar em sua programação. Esse fator vai além ao de ceder espaço na programação para que os mesmos pudessem se apresentar, pois tratou-se de um incentivo para que a cultura local fosse preservada e disseminada pelas ondas da rádio.

Percebe-se que os programas de auditório foram tão importantes a ponto de que a Caçanjurê na atualidade ainda mantém um programa com um novo formato, esse somente com a presença dos músicos. Porém, ficou claro durante a pesquisa que existe o desejo de adaptar o estúdio para que possa voltar a receber plateia. Além disso, está prevista a retomada do festival da canção para comemorar os 70 anos da emissora em 2018. Ou seja, pode-se afirmar que a emissora está constantemente preocupada e atenta às questões culturais que são veiculadas na programação.

Ao realizar essa análise, pode-se concluir que, ao se tornarem cada vez mais informadas, as pessoas possuem subsídios intelectuais para serem conhecedoras e usufruírem de seus direitos e deveres. Sendo assim, a pesquisa apurou que dada à popularidade da Rádio Caçanjurê como meio de comunicação, pode-se concluir que a emissora concedeu e ainda proporciona subsídios à comunidade local, auxiliando no desenvolvimento cultural e social do município de Caçador.

REFERÊNCIAS

ALESSIO, Clóvis. **Diagnóstico do Desenvolvimento Sócio Econômico dos Municípios da 10ª Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Caçador-SC**. Monografia do Curso de Especialização em Consultoria Empresarial. Programa de Pós-Graduação da Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina. Videira, 2013. Disponível em: < www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/clovis_alessio.pdf>. Acesso em mar/2016.

AMARP. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.amarp.org.br/cms/pagina/ver/codmapaitem/47588>>. Acesso em: 23 maio 2017.

BAZZANELLA, Alcir. **Caçador. A força econômica da Capital Industrial do Meio Oeste Catarinense**. Caçador, PROART AB Publicidades, 2008.

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014. 151 p.: il.

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014

Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2016. 120 p.: il

BIDARRA, J. Modelo de Lasswell. Disponível em: <http://www.univ-ab.pt/~bidarra/hyperscapes/video-grafias-263.htm>. Acesso em: 02/04/2017.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARNIELLO, M. G.; SANTOS, M. J.; JÚNIOR, L. C. G.; OLIVEIRA, E. A. Q. A. Comunicação para o Desenvolvimento: Considerações para uma Construção de Interfaces Temáticas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Vol. 12, Nº 4, 2016.

CARNIELLO, M. F.; SANTOS, M. J. Comunicação e Desenvolvimento Regional. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional - G&DR** • v. 9, n. 2, p. 325-345, maio-ago/2013, Taubaté, SP, Brasil.

CAÇADOR ONLINE. **Inscrições do festival da canção encerram dia 5**. Disponível em: <<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=4092&cdnoticiadivisao=2>>. Acesso em: 27 out. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Natal Solidário arrecada mais de 5 toneladas de alimentos**. Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=9219&cdnoticiadivisao=2>>.
Acesso em: 23 ago. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Crianças recebem presentes da promoção “Meu Sonho de Natal”** Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=9269&cdnoticiadivisao=2>>.
Acesso em: 23 ago. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Testemunha denuncia omissão de socorro em morte de andarilho.** Disponível em:

<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=10491&cdnoticiadivisao=2>.
Acesso em: 23 ago. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Pacientes dormem em frente à policlínica.** Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=5525&cdnoticiadivisao=2>>.
Acesso em: 23 ago. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Pai e filha se encontram após 27 anos.** Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=12954&cdnoticiadivisao=2>>.
Acesso em: 18 abr. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Família com 12 “filhos” recebe doações.** Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=13039&cdnoticiadivisao=2>>.
Acesso em: 18 abr. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **O rádio a serviço do povo.** Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=6219&cdnoticiadivisao=2>>.
Acesso em: 18 abr. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Mais uma casa pega fogo em caçador.** Caçador, 2006.

Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=78&cdnoticiadivisao=2>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Família recebe ajuda para reconstruir casa.** Caçador, dez. 2008. Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/noticias.aspx?cdnoticia=5771&cdnoticiadivisao=5>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Morre aos 78 anos o empresário Osmar Telck.** Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/Noticias.aspx?cdNoticia=13449&cdNoticiaDivisao=2>>.
Acesso em: 11 jul. 2017.

CAÇADOR ONLINE. **História Caçador.** Disponível em:

<<http://www.cacador.net/portal/paginas.aspx?cdpagina=16>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

CAMPOS, S. **Breve Histórico do Rádio de Ondas Curtas.** Disponível em:

<<http://www.sarmento.eng.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

CASTRO, J. A. História do Rádio no Brasil. ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão). Disponível em: <http://www.abert.org.br/web/index.php/quemsomos/historia-do-radio-no-brasil>. Acesso em: 02 abr. 2017.

CID. **Ciências da Informação e da Documentação**. Disponível em: <http://ancacid.yolasite.com/resources/77399019-Resumo-Teorias-da-Comunicacao.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 15ª ed. São Paulo: Nova Cultural / Brasiliense, 1993. 102 p.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A Voz da Alveia – o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global**. Florianópolis: Insular, 2007.

COMITÊ DO RIO DO PEIXE. **Definição de bacia hidrográfica**. Disponível em: <http://www.cbhriodopeixe.com.br/definicao-de-bacia-hidrografica>. Acesso em: 25 abr. 2017.

DANTAS, E. **Poderes Bem Terrenos - Com 61 Deputados, Pentecostais Ganham Força Política para Manter a Expansão**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR59057-6014,00.html>. Acesso em: 02 abr. 2017.

DIÁRIO CATARINENSE. **Morre Nilson Thomé, professor em caçador, e uma das maiores autoridades no tema guerra do contestado**. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/03/morre-nilson-thome-professor-em-cacador-e-uma-das-maiores-autoridades-no-tema-guerra-do-contestado-4447755.html>. Acesso em: 25 abr. 2017.

DIÁRIO DO RIO DO PEIXE. **Rádio Caçanjurê AM vai migrar para FM**. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahukewj9rsqptifxahwbs5akhqkjbncqfggmmaa&url=http%3a%2f%2fww.diarioriodopeixe.com%2fgeral%2f19973-radio-cacanjure-am-vai-migrar-para-fm%2f&usq=aovvaw3h37pmkn1txpr_pnfcqk6i. Acesso em: 23 out. 2017.

FERNANDES, A. R. V.; SATLER, L. L.; DIAS, L. O. **Ressinificar as Fronteiras da Informação e Comunicação**. Goiânia: Contato Comunicação, 2013, 487f.

FERRARETO, L. A. **Aqui, o Rádio de Lá: Uma Análise Histórica das Influências Estrangeiras nas Emissoras Brasileiras**. Animus - revista interamericana de comunicação midiática, v.18, jul-dezembro 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/viewFile/2441/2517>. Acesso em: 02 abr. 2017.

FERREIRA, G. S. N. **Sarney, FHC e Lula: 22 anos de “conversas ao pé do rádio” e democracia**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação - V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Sarney-%20FHC%20e%20Lula%2022%20anos%20de%20201cconversas%20ao%20pe%20do%20radio201d%20e%20democracia.pdf>>, Acesso em: 02/04/2017.

FILHO, Alcides Goulart. **Formação econômica de Santa Catarina**. 3 ed. Florianópolis: UFSC, 2016. 431 p.

FRANÇA, V. R. V. **Sujeito da Comunicação, Sujeitos em Comunicação**.

Disponível em:

<<http://www.fafich.ufmg.br/gris/images/Sujeito%20da%20com11.%201.pdf>>, Acesso em: 02/04/2017.

FREDERICO, M. E. B. **História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **SC é o menor estado em território do sul do país**. Disponível em:

<<http://www.sc.gov.br/index.php/conhecasc/geografia>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

RÁDIO CAÇANJURÊ. **Programação**. Caçador. Disponível em:

<<http://www.radiocacanjure.com.br/programacao/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros – (1985/2007)**. Disponível em:

<<http://fenaj.org.br/?s=c%c3%b3digo+de+%c3%a9tica>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

IBGE. **Caçador**. Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420300&search=santa-catarina|cacador|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

JAMBEIRO, O., et. al. **Tempos de Vargas: O Rádio e o Controle da Informação**

[online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 191 p. ISBN 85-232-0310-9. Available from

SciELO Books. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/3yd/pdf/jambeiro-8523203109.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

JORNAL EXTRA. **As lembranças de uma enchente que afetou centenas de famílias**. Disponível em:

<<http://www.jornalextrasc.com.br/online/geral/as-lembran%c3%a7as-de-uma-enchente-que-afetou-centenas-de-fam%c3%adlias-1.1924502>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SANTOS, Angela Cardoso dos. **“Hospital da Caridade e Maternidade Jonas Ramos. Uma história de todos os caçadorenses”**. Caçador, Revista Atitude, 2011.

SANTOS, Tatiane Atanásio Dos. **“Gerações, perfil de carreira profissional e o programa de desenvolvimento industrial catarinense – PIDC 2022/FIESC. Resultados esperados pelas indústrias do município de Caçador/SC**. 1 ed.

CAÇADOR: Editora Deviant Ltda, 2017. 137 p.

SEN, Amartya. (2000). **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras.

LANER, V. F. **Comunicação, Desenvolvimento e Democracia: Uma Análise Crítica da Mídia Brasileira à Luz do Direito à Informação e à Liberdade de Imprensa**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. 100p. - Série Conhecimento; v. 24.

LERNER, Daniel; SCHRAMM, Wilbur. **Comunicação em mudança nos países em desenvolvimento**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

LOMBARDI, José Claudinei (Org.): **HISTÓRIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO: formação profissional e empregabilidade em Caçador – SC**. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/relatorio/rel_cacador.pdf>. Acesso 15 abril 2016.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 368 p.

OLIVEIRA, Frutuoso de. **Morre, aos 71 anos, o jornalista Raul Tomazoni**. Jornal Folha. Caçador. 2006.

O newsmaking. Disponível em: <http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.pdf> Acesso em: 02 abr. 2017.

MACEDO, R. C. **História, Memória e Espaços: Experiências dos Ex-Combatentes de Parelhas-RN na Defesa do Litoral Brasileiro Durante A Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas, Letras, e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009, 163f.

MAIA, F.; SANTOS, M. J.; CARNIELLO, M. F. **Comunicação para o Desenvolvimento Regional: Análise da Comunicação Institucional da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e do Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba**. Trabalho apresentado no 10º Encontro Nacional de História da Mídia - Alcar 2015 - GT História da Publicidade e da Comunicação Institucional. Porto Alegre, RS, 2015.

MCQUAIL, D. **Teoria da Comunicação em Massas**. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEC. **Teorias da Comunicação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/10_2_teor_com.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.

MODESTO, C. F.; GUERRA, M. O. **A Construção da Identidade Através das Narrativas Radiofônicas**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação - XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória, ES – 13 a 15 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0365-1.pdf> . Acesso em: 02 abr. 2017.

MELO, José Marques de. **Comunicação, opinião, desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.113 p.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991. 80 p.

MUSEU DO CONTESTADO. **Histórico**. Disponível em: <http://www.museudocontestado.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

RÁDIO CAÇANJURÊ. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.radiocacanjure.com.br/historico/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

REIS, M. F.; SANTOS, M. S. T. **Comunicação para o Desenvolvimento: Experiências de Participação Comunitária nas Políticas Públicas de Cultura de Pernambuco**. Anais do Circuito de Debates Acadêmicos. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - II Conferência do Desenvolvimento, Code 2011. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area9/area9-artigo12.pdf> >. Acesso em: 15 abr. 2017.

RODRIGUES, A. P. **Sua Excelência, o Rádio. Biblioteca 24 horas**. Seven System Internacional, 2009.

RUAS, Cláudia Mara Stapani. **Rádio Comunitária: uma estratégia para o desenvolvimento**. Campo Grande: Editora UCDA, 2004.175 p.

SCHRAMM, W. **Comunicação de Massa e Desenvolvimento**. Editora: Bloch, 1º Ed., 1970.

SERRA, J. P. **Manual de Teoria da Comunicação**. Universidade da Beira Interior. Livros Labcom, 2007.

SEVERO, Antunes; GOMES, Marco Aurélio Gomes. **Memória da Radiodifusão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2009.

SILVA, L. S. **Porto Alegre e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) Impactos no Cotidiano da Capital Gaúcha**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2009, 143f.

SILVA, J. V. M. P. **Janelas Suburbanas: A Mediação da TV sobre o Cotidiano da Periferia Urbana**. (Monografia do Curso de Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005, 55f.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, A. R. **Igreja Católica e Mercados: A Ambivalência entre a Solidariedade e a Competição.** Relig. soc. vol.27 no.1 Rio de Janeiro July 2007.

THOMÉ, Nilson. **No Coração do Contestado; geografia do Município de Caçador.** Caçador/SC: Prefeitura Municipal de Caçador: Instituto Histórico e Cultural da Região do Contestado, 1994.

THOMÉ, Nilson. **Família Correa de Mello.** Raízes da história de Caçador. Caçador/SC: FEARPE, 1982. UJ8

THOMÉ, Nilson. **A Insurreição Xucra do Contestado.** Caçador: Fearpe/Xerox do Brasil, 1987. 48 p.

THOME, Nilson. **Ciclo da madeira:** história da devastação da floresta araucária e do desenvolvimento da indústria da madeira em Caçador e na região do contestado no século XX. Caçador: Imprensa Universal, 1995. 210p.

THOME, Nilson. **Trem de Ferro - História da Ferrovia no Contestado.** 1ª edição: Caçador: Universal, 1980. 156 p.

THOME, Nilson. **História da Imigração Italiana em Caçador.** 2ª edição: revisada e ampliada. Caçador: Prefeitura, 1993. 80 p.

THOMÉ, Nilson. **Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado.** Caçador: UnC, 1992. 130 p.

THOMÉ, Nilson. **Breve História da Guerra do Contestado.** Caçador (SC): UnC Campus Caçador; Museu do Contestado; INCON, 2005.

THOMÉ, Nilson. **Civilizações Primitivas do Contestado.** Caçador: Universal, 1981. 80 p.

THOMÉ, Nilson. **A formação do município de caçador:** uma sinopse dos velhos tempos. Disponível em: <http://nilsonthome.mtecomunicacao.com/index.php?option=com_content&view=article&id=180:a-formacao-do-municipio-de-cacador-uma-sinopse-dos-velhos-tempos&catid=44:crônicas-de-nilson-thome&itemid=196>. Acesso em: 22 abr. 2017.

VALENTINI, José Delmir. **História política e trajetória do legislativo caçadoreense.** 2 ed. Caçador, SC: Câmara Municipal de Caçador/ Instituto Selvino Caramori, 2010.

VARELLA, Jucy e Nilson Thomé. **Notas para a história de Caçador.** Caçador, SC: A Imprensa Catarinense, 1972.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAÇADOR. **Indústria.** Disponível em: <<http://www.cacador.sc.gov.br/portalthome/cidade/85-industria>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

ACIC. **Nossa história**. Disponível em: <<http://portalacic.com.br/sobre-nos>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

Thomé, Nilson. **Ciclo da Madeira; História da Indústria da Madeira no Contestado**. Caçador: Universal, 1995. 212 p.

SILVA, Everaldo. **Estudo da expansão do mercado de Educação Superior no Brasil e em Santa Catarina no período de 1995 a 2002**. [Tese]. Florianópolis, UFSC, 2010, 302p.

RIBEIRO, Edaléa Maria. **Movimentos sociais em tempos de democracia e globalização em Santa Catarina: os anos 90**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005.

Vogel, Renato. **Bombeiros voluntários de Caçador: Uma história de conquistas e de amor à comunidade**. Caçador, [s.n.]. 1971/2011. 166 p.

ENTREVISTAS

BAZZANELLA, Alcir. Entrevista concedida a pesquisadora Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 23 mar. 2017.

BISOTTO, Eloy. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 29 jul. 2016.

BRANDALISE, Fabianne. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Videira (SC), 17 nov. 2017.

CAREGNATO, Marilene. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 24 de nov. 2017.

COLPINI, Elias. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 24 maio 2016.

CORRENTE, JULIO. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 25 abri. 2016.

DAMACENO, Luiz Roberto. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 30 mar. 2017.

DE COSTA, Inês Terezinha Bazzanella. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 30 out. 2017.

DOS SANTOS, Flávio Henrique. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 30 out. 2017.

DOS SANTOS, Iraci Alves. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 25 de out. 2017.

FAORO, Ernesto. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 4 jun. 2017.

FREIBERGER, Alfieri. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 20 jul. 2016.

DOTTI, Dom Orlando. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Vacaria (RS), 24 de maio 2017.

FRANCIO, Augusto Antônio. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 29 de mar. 2017.

KINDERMANN, Salézio. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 25 de jul. 2017.

LIMA, Lourdes Debastiani de. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 5 jun. 2017.

KUCINSKI, Carla Brandalise. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Videira (SC), 17 nov. 2017.

PEREIRA, Angélica Alves. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 25 de out. 2017.

RIBAS JUNIOR, Salomão. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Lisboa (Portugal), 2 de jun. de 2017.

ROSO, Murilo. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 29 de mar. 2017.

SELEME NETO, Elias. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 28 de mar. 2017.

TELCK, Diva Adami. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 5 de jul. 2017.

TOMAZONI, Noêmia Dessbesell. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 7 nov. 2017.

ZAGO, Dinisio. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Videira (SC), 21 nov. 2017.

ZINI, Primo. Entrevista concedida a Juciele Marta Baldissarelli. Caçador (SC), 20 maio 2016.



Universidade Alto Vale do Rio do Peixe
Editora UNIARP - Rua Victor Bapatista Adami, 800 - Centro
Caçador - Santa Catarina